



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRO-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

**ESTRATIGRAFIA DA MEMÓRIA E DO ESQUECIMENTO: UMA ANÁLISE DA
COLEÇÃO AFRO DO MUSEU GALDINO BICHO (IHGSE)**

Douglas Santos Neco

Laranjeiras/SE
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

**ESTRATIGRAFIA DA MEMÓRIA E DO ESQUECIMENTO: UMA ANÁLISE DA
COLEÇÃO AFRO DO MUSEU GALDINO BICHO (IHGSE)**

Douglas Santos Neco

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe – PROARQ/UFS, como requisito final para obtenção de título de Mestrado em Arqueologia.

Orientador: Prof. Dr. Fernando José Ferreira Aguiar
Linha de Pesquisa: Arqueologia, Patrimônio e Sociedade
Agência Financiadora: CAPES

Laranjeiras/SE
2023

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DO CAMPUS DE LARANJEIRAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

N368e Neco, Douglas Santos
Estratigrafia da memória e do esquecimento: uma análise da coleção afro do Museu Galdino Bicho (IHGSE) / Douglas Santos Neco; orientador Fernando José Ferreira Aguiar. - Laranjeiras, 2023.
154 f., il.

Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, 2023.

1. Arqueologia. 2. Museologia. 3. Cultura material. 4. Cultura afro-brasileira. 5. Memória. I. Aguiar, Fernando José Ferreira, orient. II. Título.

CDU 902:069

CRB-5/1494

DOUGLAS SANTOS NECO

**ESTRATIGRAFIA DA MEMÓRIA E DO ESQUECIMENTO: UMA ANÁLISE DA
COLEÇÃO AFRO DO MUSEU GALDINO BICHO (IHGSE)**

APRESENTADA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE EM 27 DE FEVEREIRO DE 2023

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Fernando José Ferreira Aguiar

Presidente | Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof.^a Dr.^a. Luciana de Castro Nunes Novaes

Interno | Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof. Dr. Alberico Nogueira De Queiroz

Interno | Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof.^a Dr.^a. Ana Karina Calmon de Oliveira Rocha

Externo ao Programa | Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof. Dr. Bruno Sanches Ranzani da Silva

Externo ao Programa | Universidade Federal de Sergipe (UFS)

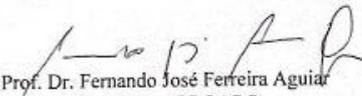
Laranjeiras/SE
2023

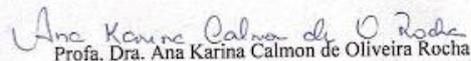


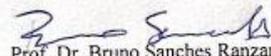
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

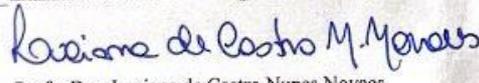
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

As 14:00 horas do dia 27 (vinte e sete) do mês de fevereiro de 2023, reuniram-se na sala de reuniões do Campuslar os membros da Comissão Examinadora, formada pelos Professores Doutores Fernando José Ferreira Aguiar (Presidente - PROARQ), Ana Karina Calmon de Oliveira Rocha (1º Examinador – Externo ao Programa - DMS/UFS), Bruno Sanches Ranzani da Silva - (2º Examinador Externo ao Programa – DARQ/UFS), Luciana de Castro Nunes Novaes - (3º examinador externo ao Programa DARQ/UFS) e Albérico Nogueira de Queiroz - (4º Examinador Interno – PROARQ) para a realização da Defesa de Dissertação de Mestrado intitulado “**Estratigrafia de memória e do esquecimento: uma análise da coleção Afro do museu Galdino Bicho (IHGSE)**”, do mestrando **Douglas Santos Neco**. Após a apresentação do candidato e a arguição dos membros da Comissão, o candidato foi considerado Aprovado (B). Não havendo mais nada a tratar, eu, Fernando José Ferreira Aguiar, presidente da banca, lavrei a presente Ata que será assinada por mim, pelos participantes e pelo candidato. Campus de Laranjeiras, 27 de fevereiro de 2023.

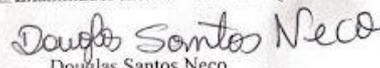

Prof. Dr. Fernando José Ferreira Aguiar
Presidente – PROARQ


Profa. Dra. Ana Karina Calmon de Oliveira Rocha
1º Examinador Externo ao Programa – DMS/UFS


Prof. Dr. Bruno Sanches Ranzani da Silva
2º Examinador Externo ao Programa – DARQ/UFS


Profa. Dra. Luciana de Castro Nunes Novaes
3º Examinador Externo ao Programa – DARQ/UFS


Prof. Dr. Albérico Nogueira de Queiroz
4º Examinador Interno – PROARQ


Douglas Santos Neco
Candidato

Agradecimentos

A escrita da dissertação é um caminho longo a ser percorrido em um curto espaço temporal, por isso vejo os agradecimentos como forma de externalizar a gratidão aos/as pessoas, instituições, influências internas e externas a academia que contribuíram e contribuem de maneira significativa na materialização desta pesquisa.

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro que foi base essencial para que ocorresse o processo de desenvolvimento de pesquisa, acredito que a base da mudança se estabelece na construção de conhecimento e com isso parte estruturante incide diretamente no comprometimento do pesquisador com suas ambiências investigativas assim como as instituições de fomento estabelecendo a possibilidade de executá-las.

Não poderia deixar de destacar meus agradecimentos ao Programa de Pós-graduação em Arqueologia (PROARQ), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), estruturado pelo seu corpo docente que foram parte dos responsáveis pelo desenvolvimento do pensamento crítico estabelecido nas bases teóricas que versam a arqueologia, patrimônio e sociedade, afinal nossas pesquisas desenvolvidas podem e devem ser de alcance não apenas na universidade, mas extrapolar muros em uma perspectiva de integração sociocultural. Em especial aos Professores/as que tive oportunidade de desenvolver debates ao cursar algumas disciplinas, o Prof. Dr. Bruno Sanches Ranzani da Silva, a Prof.^a Dr.^a Olivia Alexandre de Carvalho e o Prof. Dr. Fernando José Ferreira Aguiar, obrigado pela contribuição.

De fato, não é um caminho fácil o desenvolvimento da pesquisa, da escrita e o fazer acadêmico. Contudo pude contar com as orientações do Prof. Dr. Fernando José Ferreira Aguiar, excelente profissional aberto as possibilidades de pesquisa, mas também incisivo nas observações atentas acerca da minha pesquisa de mestrado, conduzo meus sinceros agradecimentos, pois você foi responsável por esse amadurecimento de ideias.

Agradeço imensamente aos professores(as) Ana Karina Calmon de Oliveira Rocha, Alberico Nogueira De Queiroz, Bruno Sanches Ranzani da Silva e Luciana de Castro Nunes Novaes por terem aceito o convite para participação neste momento, suas contribuições, observações e análises são necessárias ao amadurecimento das ideias que não se findam, mas podem ser montadas, pensadas, repensadas, reformuladas, minha gratidão.

Não poderia deixar de mencionar os agradecimentos ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), e a Prof. Aglaé d'Avila Fontes, atual Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, por ter aberto as portas da instituição e ter tornado possível o meu acesso ao espaço, em um momento quase impossível de acesso as instituições culturais e de pesquisa devido a pandemia do vírus COVID-19, mesmo por um curto período de tempo foi possível obter informações necessárias para estruturação, dos discursões aqui desenvolvidas. Agradeço aos estagiários Glauco, Milena e Júlio, que juntos à Prof. Aglaé d'Avila Fontes possibilitaram e auxiliaram na busca pelos acervos nas reservas técnicas, bem como nas pesquisas documentais, meu muito obrigado.

Agradeço as contribuições feitas por colegas que tive o prazer de conhecer em inúmeros lugares e que se dispuseram a ouvir, ler, opinar, acerca da materialização das ideias, assim agradeço imensamente a Joyce Neco, Lorraine Fidelis, Erica Modesto, Álvaro Jaziel, Lorena Fidelis, Darly Anderson, por me ouvir falar por horas em repeditos dias e momentos sobre o desenvolvimento da pesquisa. Agradeço com muito carinho a Rafael Machado por estabelecer uma conexão de parceria e paciência incrível ao me ouvir e colaborar de maneira significativa em minhas reflexões, muito obrigado.

Em geral as pessoas que de maneira direta ou indireta contribuíram para meu desenvolvimento em todo esse processo, deixo meu muito obrigado.

RESUMO

Em meados da década de 1946, o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe – IHGSE recebeu uma doação de objetos de cultura material, frutos de apreensão pela então chefatura de polícia do estado de Sergipe, objetos estes provenientes de comunidades afroreligiosas da cidade de Aracaju/SE. Logo após o recebimento foram integradas aos acervos e coleções do Museu Galdino Bicho, passando por um processo de musealização, essas materialidades desde então se encontram sob a guarda da instituição. Contudo, mesmo após mais de setenta e seis anos, pouco se sabe a respeito desses objetos. Desse modo, essa dissertação buscou através do campo investigativo identificar, documentar e evidenciar essa coleção efetuando uma estratigrafia de memórias. Levando em consideração os caminhos de relações discursivas entre arqueologia, patrimônio e sociedade foi possível problematizar os usos e gestão das coleções, provenientes do campo arqueológico e ou adquiridos por outras meios, estando musealizados ou não em instituições culturais, museus entre outros. Fundamentamos os questionamentos presentes nesse inscrito dissertativo com base nas perspectivas que envolvem o discurso das materialidades através das lentes da arqueologia e museologia compreendendo suas interdisciplinaridades, destacando os processos decoloniais para compor as reflexões na arqueologia, e estabelecer processos de reparação social através dos bens sensíveis. Neste sentido a decolonialidade do pensamento compõe esse essas colocações enquanto norteadores do pensamento crítico. Dentro dessa perspectiva foi possível mensurar possibilidades de ressignificações, restituições que podem ocasionar em um processo de reparação para com as comunidades afroreligiosas historicamente subalternizada.

Palavras-chave: Museu Galdino Bicho. Coleção Afro. Estratigrafia de memórias. Arqueologia. Reparação. Bens Culturais.

ABSTRACT

In the mid-1946s, the Historical and Geographical Institute of Sergipe – IHGSE received a donation of objects of material culture, the result of seizures by the then police chief of the state of Sergipe, objects that came from afro-religious communities in the city of Aracaju/ SE. Soon after receiving them, they were integrated into the collections of the Galdino Bicho Museum, undergoing a process of musealization, these materialities have since then been under the institution's custody. However, even after more than seventy-six years, little is known about these objects. Thus, this dissertation sought through the investigative field to identify, document and highlight this collection by performing a stratigraphy of memories. Taking into account the paths of discursive relations between archeology, heritage and society, it was possible to problematize the uses and management of collections, coming from the archaeological field and/or acquired by other means, being musealized or not in cultural institutions, museums, among others. We base the questions present in this dissertation based on the perspectives that involve the discourse of materialities through the lens of archeology and museology, understanding their interdisciplinarity, highlighting decolonial processes to compose reflections in archeology, and establish processes of social reparation through sensitive goods. In this sense, the decoloniality of thought composes these positions as guides for critical thinking. Within this perspective, it was possible to measure possibilities of resignifications, restitutions that can lead to a process of reparation for historically subaltern Afro-religious communities.

Keywords: Galdino Bicho Museum. Afro Collection. Stratigraphy of memories. Archeology. Repair. Cultural Assets.

LISTA DE FIGURAS, MAPAS E TABELAS

Figura 01 – Teia de Conexões	27
Figura 02 – Fachada do IHGSE	54
Figura 03 – Atabaques em exposição, Museu Galdino Bicho	60
Figura 04 – Identificação das peças	68
Figura 05 – Ficha de Reconhecimento	68
Figura 06 – Coleção em Reserva Técnica	69
Figura 07 – Registro Fotográfico	69
Figura 08 – Quartinha	70
Figura 09 – Quartilhão	70
Figura 10 – Ocultar de Oxum	71
Figura 11 – Ocultar de Iansã	71
Tabela 01 – Objetos Cerâmicos	62
Tabela 02 – Objetos Líticos	63/64
Tabela 03 – Objetos em Metal	65
Tabela 04 – Objetos em Madeira	65
Tabela 05 – Objetos Zoo Arqueológicos	67

LISTA DE SÍMBOLOS E ABREVIações

COVID-19 - Coronavírus Disease 2019

FBSP – Fórum Brasileiro de Segurança Pública

IHGSE – Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

IHGAL – Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas

IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

IGHB – Instituto Geográfico e Histórico da Bahia

ICOM – Concelho Internacional de Museus

IBBRAM – Instituto Brasileiro de Museus

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MABS - Museu Afro-brasileiro de Sergipe

MN – Museu Nacional

MP – Museu Paulista

MPEG – Museu Paraense Emilio Goeldi

PROARQ – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia

PAC – Programa de Aceleração do Crescimento

UFS – Universidade Federal de Sergipe

PRÓLOGO

Com frequência comenta-se no meio acadêmico, que atualmente me encontro, qual o propósito das produções/pesquisas acadêmicas, bem como seu teor/aspectos analíticos podem reverberar e emitir influências no meio social. Neste sentido torna-se necessário estabelecer uma maior criticidade nas produções futuras, acredito, principalmente, que produzir deve estar sempre interconectado com pensar o bem estar social.

De tal modo, entre os aspectos que me trouxeram até aqui, menciono meu lugar de fala enquanto homem Cis, gay, negro, envolvido em um processo investigativo que está diretamente atrelado as temáticas nas quais de maneira direta ou indireta estou e permaneço conectado. Diante disso, ser ator participante no processo investigativo da cultura material da população negra e as narrativas a elas atreladas englobam não apenas a produção acadêmica enquanto finalidade restrita, mas a construção enquanto indivíduo no meio sociocultural.

Em minha trajetória acadêmica iniciada no ano de 2015, no Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), despertei ainda mais o interesse em pesquisar a cultura material que são confeccionadas no entrelace que envolve população Afro-brasileira, e que por vezes estão inseridas no circuito cultural ou nas coleções museológicas. É nesse contexto que me deparava, e ainda me encontro, em uma constante busca a fim de alargar os processos interpretativos e seus movimentos simbólicos, que envolvem as narrativas no entorno da representação do patrimônio.

Através das vivências estabelecidas durante minha formação (visitas técnicas, eventos, entre outros), busquei analisar, situar as diferentes perspectivas dos agentes gerenciadores de memória, que em grande maioria efetua recortes que permanece a privilegiar grupos muito restritos, sacralizados através do patrimônio edificado, em locais de memória, em museus, deixando em segundo plano problemáticas pouco ou não discutidas. Em face dessa realidade podemos mencionar o caso das relações culturais, relações históricas de grupos que foram historicamente excluídos por sua cor, religiosidade, sexualidade, identidade de gênero, que por vezes não se encontram contemplados ou representadas no quadrado arquitetônico das instituições de salvaguarda, nem tão pouco contemplados com os dispositivos culturais.

Levando em consideração meu processo de formação profissional e minha intersecção com o meu lugar de fala, no roteiro da discursão acerca da gestão patrimonial, que embora na condição de estudante/pesquisador acabo sendo participante do processo de rompimento da estrutura social que limita ou tenta impor limites por vezes estruturais, que estão estruturados na sociedade brasileira como: a colonialidade do saber, o racismo cultural e estrutural, que influenciam diretamente no acesso da população negra ao ensino, no mercado de trabalho, e na vida social e cultural. Sendo de fundamental importância haver a possibilidade de compreender as estratégias explícitas e implícitas nas práticas de seleção/valorização da memória que por vezes enaltece umas em detrimentos de outras.

Contudo, em face da realidade existente no país, ainda me encontrava em um lugar de privilégios, quando pensamos na gama de exclusão social que priva a população com menos recursos econômicos do acesso ao nível superior. Fator que vem sendo modificado desde a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, sancionada pela então Presidenta da República Dilma Rousseff, que garante através de cotas raciais vagas destinadas a pessoas negras, indígenas e de baixa renda, provenientes de escolas públicas, em Universidades Públicas. Forma de ingresso a qual fui contemplado ao entrar no ensino superior, tais políticas públicas de inclusão exerce impactos significativos em uma sociedade arraigada de desigualdades sociais.

Durante a graduação participei de cursos, projetos de pesquisa/extensão, nas disciplinas procurei desenvolver pesquisas relacionadas a meu recorte de interesse, abordagens voltadas a população negra. Nesta aproximação desenvolvi processos analíticos nas coleções/exposições abrigadas pelo Museu Afro-brasileiro de Sergipe (MABS), sobre orientação de umas das professoras do departamento, Sura Souza Carmo, mulher, negra, museóloga e pesquisadora de elementos afrodiaspóricos, contato que foi necessário para amadurecimento das minhas ideias e que culminaram em meu trabalho de conclusão de curso.

Retomando algumas das narrativas anteriormente mencionadas, recorro as inúmeras visitas técnicas realizadas como o propósito avaliativo em disciplinas como as de Ações educativas e culturais, História e historiografia brasileira, Conservação preventiva, obtive acesso a alguns museus sergipanos, entre eles o Museu Galdino Bicho, localizado no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na cidade de Aracaju/SE, aonde tomei conhecimento dos objetos de coleção afro que compunham o acervo.

Em 2017, após alguns contatos através das lentes da Museologia, efetuei uma análise inicial como fruto de curiosidade de um estudante; os objetos desse acervo eram três atabaques (Rum, Rumpi, Lê), únicos objetos que tive acesso na data mencionada, pois compunham parte da exposição de longa duração. A partir daí tenho mergulhado em leituras, obtendo informações em trabalhos científicos, Artigos, Monografias, sobre a possível existência de outros objetos de culto afro presente no Museu Galdino Bicho, alargando ainda mais o meu interesse e a descoberta de outras possibilidades discursivas.

É de fundamental importância mencionar que as materialidades nas quais me refiro e que farão parte do meu campo investigativo são objetos de religiosidade do culto Afro. Embora eu não seja do candomblé ou de religiões do culto Afro, as relações que envolve a cultura negra muito me interessam, enquanto pessoa negra compreendendo que o racismo religioso compõe um dos pilares estruturantes do racismo no Brasil.

Dentre os fatores que me levaram ao campo investigativo aqui apresentado, posso mencionar que cheguei ao Programa de Pós-graduação em Arqueologia (PROARQ/UFS), por conta das perspectivas desenvolvidas na intersecção entre a Arqueologia e a Museologia, que acredito ser de extrema importância na abordagem patrimonial, cultural e social.

Essas escolhas e campo investigativo me levaram ao Prof. Fernando José Ferreira Aguiar, professor Adjunto do Departamento de Museologia da UFS, Professor Permanente do Programa de Pós- Graduação em Arqueologia (PROARQ/UFS). Entre as áreas de interesse/pesquisa (Patrimônio e Memória, Relações Étnico-raciais e Museologia, Políticas Patrimoniais no Brasil e Cultura Sergipana, Musealização, Comunicação e Interpretação dos Vestígios Arqueológicos), visualizei um campo fértil para desenvolvimento das abordagens pretendidas. As conexões aqui realizadas estabelecem também o lugar de fala¹, uma orientação que parte das lentes analíticas de um acadêmico, mas também de uma pessoa integrante de comunidade de terreiro. Estabelecendo interconexões nas quais foram necessárias para construção das ideias, assim como fundamentação e reconhecimento no campo investigativo, unindo vivências acadêmicas e as suas relações enquanto pessoa humana, parte integrante do meio social.

¹ Nos parâmetros apontados por Djamilia Ribeiro em: O que é lugar de fala?

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	15
2. ARQUEOLOGIA E DECOLONIALIDADE: UM CAMPO TENSIONADO NO EXPEDIENTE ARQUEOLÓGICO	24
2.1. Arqueologia e Museologia: dois campos de conhecimento que se entrecruzam e se complementam	24
2.2. Estratigrafia das Memórias e do Esquecimento	32
2.3. Decolonialidade para reflexão nos processos de tratamento das materialidades em instituições culturais	38
3. “A CASA DE SERGIPE” E O MUSEU GALDINO BICHO: ENTRE MATERIALIDADES, LUGAR DE MEMÓRIAS E MITO FUNDADOR	44
3.1. Herança do Mito Fundador e o Discurso das Materialidades	44
3.2. Coleccionismo e Gabinetes de Curiosidades: a formação das coleções arqueológicas e museológicas no Brasil	50
4. DO CAMPO INVESTIGATIVO À REPARAÇÃO: A RETIRADA DAS CAMADAS PARA APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO	55
4.1. A Retirada das Camadas: os processos e as descobertas do que resistiu ao tempo	55
4.2. A Valorização e Documentação dos Achados	61
4.3. Potencial Reparador Através das Materialidades	72
5. REFERÊNCIAS	77
APÊNDICE A	81
ANEXO A	84
ANEXO B	87

1. INTRODUÇÃO

Apresentamos e convidamos você leitor a conhecer aqui as ideias desenvolvidas durante a escrita dissertativa. Iniciaremos com uma breve introdução da pesquisa, com o intuito de fazer uma contextualização sobre temática, problemática e ambiência investigativa. A presente dissertação de mestrado foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (PROARQ) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), por meio da linha de pesquisa Arqueologia, Patrimônio e Sociedade, que engloba estudos voltados à cultura material a partir de múltiplas visões interpretativas, abordando, assim, estudos voltados/relacionados a análises de coleções, sítios e paisagens, eixos temáticos diversos.

Partindo das ideias e proposta estabelecida pelo PROARQ, em seus eixos temáticos e linhas de pesquisa, foi possível visualizar a construção desta pesquisa. Tendo como título principal “Estratigrafia da Memória e do Esquecimento: uma Análise da Coleção Afro do Museu Galdino Bicho (IHGSE)”, as abordagens aqui apresentadas efetuam conexões de ideias que serão vistas nos três capítulos dessa dissertação.

Contudo, antes de adentrarmos na discussão, apresentamos algumas informações relacionadas ao espaço em que se configura a ambiência investigativa. O Museu Galdino Bicho é uma instituição museológica vinculada ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE). É o primeiro museu do estado de Sergipe, localizado na rua Itabaianinha, nº 41 no centro de Aracaju/SE, e está registrado no Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) enquanto Museu Privado. Sua criação foi em 1912 junto à criação do IHGSE e tinha como identificação de tipologia de acervo: Antropologia e Etnografia; Arqueologia; Artes Visuais; Ciências Naturais e História Natural; Ciência e Tecnologia; História; Imagem e Som². Assim como inúmeras instituições culturais no Brasil, os Institutos Históricos e Geográficos foram e são responsáveis pela guarda de inúmeros objetos das mais diversas tipologias.

Com o IHGSE não foi diferente. Entre os inúmeros acervos que fazem parte do museu da instituição nos reportaremos a uma coleção específica, denominada

² Instituto Brasileiro de Museus. Guia dos Museus Brasileiros. 2011.

“Coleção Afro”.³Em algumas pesquisas anteriores, essas materialidades já foram mencionadas como em Beatriz Góes Dantas (2014), Janaina Couvo Teixeira Maia de Aguiar (2012), Verônica Nunes (2014), Ilziver de Matos Oliveira (2014), que fazem referência à denominada “coleção Afro” com construções narrativas a partir de três objetos que fazem parte desta coleção, sendo eles um conjunto de três atabaques que se encontram na exposição de longa duração do Museu Galdino Bicho, com exceção de Aguiar (2012), que menciona a existência de mais objetos para além do já conhecido e estudado conjunto de atabaques. Todavia, Aguiar (2012) constrói sua pesquisa a fim de explanar acerca dos processos de perseguição às comunidades de terreiro em Aracaju/SE, tendo essas materialidades como parte de suas indagações.

Em todas as literaturas mencionadas, é possível identificar os processos e as relações que se configuraram e ocorreram até as materialidades citadas estarem sobre a guarda da instituição pesquisada. De tal forma, é possível mencionar que esses objetos são frutos de apreensões feitas nas comunidades de terreiro de Aracaju/SE, em meados da década de 1930 e 1940, pelo Departamento de Segurança Pública. Esses processos de apreensão foram movidos pela legislação penal brasileira com requinte de humilhação pública e punitiva. Em 1946, o então Chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rolemberg, oficializou a entrega das peças em forma de doação e estas estão até o presente momento sob a guarda do IHGSE.

Em uma busca mais atenta, nos documentos da época, foi possível identificar dois documentos que fazem referência a essa doação: a Ata de sessão da Diretoria do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe de 23 de abril de 1946 e o Ofício de Doação de 24 de abril de 1946. No primeiro documento mencionado, é citado que, “[...] numerosas peças usadas pelos que se dão às práticas da de xangô, macumba, candomblé, etc.”, nos levando a pensar na possibilidade de novas descobertas ou de materialidades provenientes deste contexto.

Em seguida, buscamos na reserva técnica da instituição no que diríamos ser uma “estratigrafia de memórias”. Na investigação das materialidades, que, até então, não foram mencionadas ou não se sabia da existência de documentação ou de registros de sua totalidade neste longo intervalo de setenta e seis anos. O que pode nos levar a questionar os motivos que levaram a esse esquecimento/abandono, qual o porquê? Questões em aberto a serem discutidas nos capítulos a seguir, dentre os Impasses e

³ Nomenclatura utilizada pela instituição para referir-se a conjunto de objetos da coleção.

avanços que percorrem os processos de uma pesquisa, as investigações culminaram em novas descobertas. Maria Cristina Oliveira Bruno (2020) discorre sobre alguns dilemas que englobam as tratativas das materialidades que são utilizadas e suas problemáticas nos dias de hoje, dentre elas a de que:

2. Acervos têm servido para a compreensão de identidades culturais, temporalidades sócio-históricas e determinações territoriais, mas também operam como forças para as negociações culturais, para a administração dos sistemas de memória e para a opressão social e econômica entre distintos indivíduos e grupos sociais: a longevidade dos acervos. (BRUNO, 2020, p.11)

Colocações pertinentes apresentadas, discutidas e problematizadas por Bruno, quando partimos dos pressupostos históricos e como se configurou a formação das coleções no Brasil e para além disso pensaremos nos impactos que as coleções formadas antes do presente e situadas nos museus exercem um poder discursivo extremamente poderoso na construção do imaginário e das memórias da população brasileira, tendo em vista a longevidade do acervo bem como a narrativa a ele atribuída.

Neste sentido, nos atentaremos às especificidades da Arqueologia e da Museologia, por isso formulamos os aspectos fundantes de discussão entre as duas áreas científicas no processo de reflexão e cuidados acerca das materialidades institucionalizadas em museus. Como mencionado por Pedro Paulo Abreu Funari, “Pode-se concluir que, do ponto de vista aqui adotado, a Arqueologia estuda, diretamente, a totalidade material apropriada pelas sociedades humanas, como parte de uma cultura total, material e imaterial, sem limitações de caráter cronológico.” (FUNARI, 1988, p.11). Assim, relatando um dos principais pressupostos da Arqueologia e sua relação com as materialidades, Funari (1988) discorre sobre as três questões básicas da Arqueologia, de tal modo questionando e fazendo reflexões como: o que estuda a Arqueologia? O que visa a arqueologia? Qual a relação com as outras ciências sociais? Ao trazer esses questionamentos, o autor estabelece alguns pontos de conexões e reflexões que fundamentam os caminhos possíveis e coerentes ao se discutir Arqueologia e suas relações interdisciplinares entre áreas.

Dessa forma, nas colocações trazidas por autores(as), como Bruno (1995; 2013/2014) e Moraes - Wichers (2016), entre outros que se debruçam a refletir acerca das relações entre essas duas áreas, é possível perceber que essas discussões estabelecem teias reflexivas. Principalmente nas ideias e nas perspectivas da musealização da arqueologia, como também as percepções que podem ser lidas nas

relações de construção das narrativas através do patrimônio cultural. Assim conseguimos efetuar uma ligação dos pontos conectivos, para refletir que grande parte dos acervos frutos de escavações ou coletas arqueológicas acabam por adentrar em espaços museológicos, centros de pesquisa, dentre outros. Chegando ao ponto que irá dispor das reflexões de ambas as áreas, seja por meio do acondicionamento, de reflexões, de contextualização e de divulgações, estabelecendo uma proximidade entre áreas e reflexões sobre a humanidade. Com base nisso, podemos identificar os ciclos de ideias comuns presentes nos fazeres museológicos no que tange às especificidades da Arqueologia, mas no que diz respeito às materialidades, patrimônios frutos da construção e de cultura humana.

Dentre as problemáticas de pesquisa, objetos descobertos e procedimentos em andamento, podemos mencionar que a contribuição deste trabalho está inserida nas abordagens que englobam Arqueologia e a Museologia acerca de acervos, já que podemos fundamentar a partir da estratigrafia de materialidades que encontram-se musealizadas, fazendo uma ponte de conexões com a arqueologia, e que fazem parte do escopo estrutural das abordagens de relações entre as duas áreas do conhecimento na gestão dos acervos culturais e patrimoniais. Neste sentido de fundamentações, será possível estabelecer vinculações que sustentem as ideias de não apenas propor a discussão aqui pautada, porém ações que sejam realizadas, movimentos de ação no entorno dos bens sensíveis.

Na atualidade, podemos visualizar inúmeros processos de repatriação, restituição, reparação e reconfiguração das narrativas que englobam os bens culturais, em que grande parte dos acervos pertencentes às instituições culturais são frutos dos processos do colonialismo, que geraram as grandes coleções. Logo, é coerente trazer à tona e propor processos de reparação às comunidades, nações, grupos ou remanescentes, as quais essas materialidades remontam significações.

No contexto brasileiro, podemos exemplificar alguns casos de devolução de materialidades e de reparação. Em alguns casos, devolvidos para as comunidades as quais eram pertencentes e ou são direcionadas a espaços que priorizem a valorização desses grupos historicamente subalternizados. Temos como exemplo a intitulada “Coleção de Magia Negra”, que ficou sob guarda do Museu da Polícia Civil do Rio de Janeiro. Após longos anos de solicitações feitas pelas comunidades de terreiro, foi possível uma transferência para o Museu da República, também no Rio de Janeiro, onde foi possível estabelecer novos rumos representativos.

A coleção passou a ser identificada como “Nosso Sagrado”, uma mudança essencial para que seja realizada a valorização sem estigmas da religiosidade e cultura de uma comunidade. Outro exemplo significativo é a Cadeira de Jubiabá, no Estado da Bahia, que passou pela mesma situação de enclausuramento por motivos recriminatórios. Exemplos semelhantes que podem e devem ser ilustrativos de novas propostas, com problemas de mesma envergadura ainda não resolvidos, como é o caso da coleção Afro do IHGSE, entre outros.

Levantar a problemática de não representação e ou ocultação representativa em espaços de memória, museus entre outros, não é tarefa simples, e como forma de fundamentação discutimos, com base nas perspectivas da decolonialidade, por esta se aproximar das possibilidades de mudança no que circundam os museus e suas coleções. Nesse contexto, tratamos, no decorrer dessa dissertação, sobre alguns pontos de convergência na relação dialógica entre museologia e arqueologia, na fundamentação teórica e da relação com a gerência de acervos e sua estreita relação com a sociedade, com ênfase nos grupos que foram e continuam sendo historicamente subalternizados.

A arqueologia vem, ao longo das décadas, sendo discutida, aprimorada em novas perspectivas teóricas que englobam e ou possibilitam novas interpretações acerca das materialidades e do patrimônio cultural. Então, como desenvolver o embasamento teórico associado ao meu recorte de pesquisa, linha de pesquisa e aporte teórico? Essas questões iniciais foram fundadas a partir de leituras relacionada às conexões entre Arqueologia e a Museologia no enredo do patrimônio cultural.

Dessa maneira, as disciplinas cursadas durante o mestrado muito contribuíram, em especial a disciplina de Arqueologia Teórica, que foi responsável pelo amadurecimento das ideias no que diz respeito ao conhecimento das diversas correntes de pensamento. Funari (2005) menciona que a necessidade da arqueologia e, conseqüentemente, as discussões e pesquisas na arqueologia tenham um princípio teórico, metodológico e prático, estando uma sempre associada a outra e não de maneira desconexas. É possível perceber que existe toda uma preocupação em conectar e materializar de maneira eficiente o discurso teórico e a prática.

Assim, falar dos processos e da compreensão democrática de refletir as memórias, histórias através das materialidades, é, estabelecer novos rumos e cuidados metodológicos nas gerências de acervos é estabelecer conexões que garantam tais perspectivas de ação. A construção dessa dissertação teve início

mediante a revisão bibliográfica, a fim de fazer um aprofundamento teórico acerca da temática pretendida. Em seguida, uma análise dos acervos e coleções contidas no Museu Galdino Bicho foi realizada, com intuito da identificação das materialidades, até o momento, ocultas a visualização dos visitantes ou, até mesmo, em documentações que possibilitem seu encontro dentro das reservas técnicas.

Fica evidente as influências que uma instituição oficial de memória pode influenciar na construção simbólica do meio sociocultural. Contudo, é necessário deixar explícito que os museus/espços culturais não são os únicos responsáveis por executarem tentativas de mudanças sociais por meio dos discursos imbuídos nos objetos tridimensionais, uma vez que existem outros fatores significativos que contribuem de maneira direta: políticas públicas, políticas culturais, políticas sociais, tudo em um conjunto de ações afirmativas que possibilitem efetiva ação que ocasione mudanças ou ponha em evidência as discussões de cunho sociais em parâmetro geral e suas especificidades.

Com isso, podemos ressaltar que o conjunto de vestígios e artefatos encontrados e destinados a compor espaços de memórias, museus, centros culturais, galerias, compõem produções humanas que muito podem significar na cultura material e simbólica, de modo que possa compreender o passado, além de detectar as mudanças ocorridas até o tempo presente.

Levaremos em consideração o fator de exclusão ocorrido em um passado colonial, em uma correlação à construção da ideia de uma memória nacional, com extraordinária atenção às estratégias de resistência dos grupos historicamente subalternizados.

A pauta dos direitos humanos é fator importante a ser considerado nesta pesquisa, ainda mais quando tomamos ciência dos alarmantes exemplos de exclusões que ocorreram no passado e continuam a ser reproduzidos. Será apropriado mencionar que a historiografia se faz presente na abordagem da riqueza cultural da população afro-brasileira em Sergipe, em suas múltiplas manifestações, que dão ênfase nas diversas resistências contra a escravidão que ocorreram. De fato, é necessário dirigir uma reflexão atenta aos discursos expostos/impostos, pois são frutos de uma seleção que usa como lente de análise uma perspectiva do branco sobre a realidade do povo negro. Esse reducionismo das realidades/resistência negra em espaços museológicos pode ocasionar o fortalecimento da agenda de extermínio desse povo historicamente subalternizado.

No capítulo um, desenvolveremos algumas reflexões sobre as conexões entre Arqueologia e Museologia, levando em consideração a fundamentação teórica que permeiam os objetos, as coleções e o patrimônio cultural enquanto fio condutor e elementos presente nos processos analíticos de ambas as duas ciências. Neste sentido, as reflexões aqui desenvolvidas conectam e aproximam da ambiência investigativa e das materialidades pesquisadas, além de estreitar observações com linhas de pensamento decolonizadoras, que proporcionem reparações às comunidades historicamente subalternizadas. Separadas em três pontos discursivos: em primeiro momento, aprofundar a relação dialógica Arqueologia e Museologia; em seguida apontar a “estratigrafia da memória e do esquecimento” como metáfora conceitual no desenvolvimento enquanto método que contemplem a remoção das camadas de memória que, ocultam as materialidades e para tal, discutiremos sobre a ótica epistemológica fundamentada no pensamento e processos decoloniais sobre acervos afrodiapóricos e ou afro-brasileiros presentes em coleções.

Partindo das inúmeras colocações, no segundo capítulo dessa dissertação, serão discutidos os modelos de relações (culturais, sociais e simbólicas), apoiadas nas construções simbólicas que permeiam o imaginário da população brasileira. Como reflete Marilena de Souza Chauí (2001) sobre a ideia de mito fundador, que permeia a conceito de nação no caso do Brasil, é fator predominante na manutenção desses imaginários, memórias, construções simbólicas de lugares a serem ocupados por determinados grupos em detrimentos de outros, na reprodução da ideia de direito nato e absoluto em uma manutenção da estrutura tal como ela é. A autora evidencia que os processos do colonialismo brasileiro estão pautados na reprodução dos sentidos que em outros tempos eram aceitos.

Dessa forma, podemos enfatizar como os paradigmas socioculturais existentes antes do tempo presente e que, mediante as representações nos espaços culturais, são perpetuadas ao longo dos séculos, diríamos ainda como os primeiros museus brasileiros, surgidos nesse mesmo contexto, podem ser reprodutores da mesma forma. Outras instituições, como IHGBs, desenvolveram e desenvolvem papel fundamental na manutenção dessas memórias e domínio sobre os artefatos que nelas se encontram, permeando, assim, um domínio do simbólico. Sendo Possível perceber que, a formação das coleções nos primeiros museus brasileiros marca os caminhos/rumos pelos quais a arqueologia brasileira e a museologia estiveram inseridas para então chegar à contemporaneidade como a conhecemos, no entanto

nos remetem a conhecer alguns ares que irão interrelacionar as materialidades existentes nos espaços de memória brasileiros.

No capítulo três, trazemos aspectos mais específicos das materialidades encontradas no campo investigativo, bem como recomendações e possibilidades como refletir, reparação, ressignificações que incidam diretamente nas comunidades de terreiro afetadas antes do tempo presente e que continuam a sofrer opressão e exclusões. Nesse ponto, os processos que transformem essas invisibilidades são necessários para que possam efetivamente dar visibilidade ou evidenciar as materialidades. Durante o processo de investigação foram realizadas a confecção de fichas de reconhecimento dos objetos do acervo afro, com intuito de fazer presente a existência dos objetos, até então, enclausurados e condenados ao esquecimento na reserva técnica.

Dado o exposto da pesquisa, serão apresentados os processos investigativos percorridos e os produtos gerados a partir dele, como a documentação do acervo encontrado apoiadas com as reflexões sobre essas materialidades.

Ao destacar os processos institucionalizados, entendemos que a estrutura proporciona o tratamento que cada tipo de acervo terá, em um sistema cultural. Durante a análise investigativa, foi possível salientar o que Bruno (1996) trata como estratigrafia do abandono ao referir-se às materialidades, que, embora institucionalizadas, encontra-se abandonadas ou não trabalhadas. Mediante a esse revelar do que se encontrava oculto, estaremos trabalhando de maneira a valorizar sua representação, quando analisamos e associamos a falta de documentação ou investigação ou cuidados com um acervo que está presente na instituição há mais de setenta anos, como é o caso dos objetos sob a guarda do IHGSE.

Diria ainda que se trata de processos de silenciamento, apagamento, e que, ao pesquisarmos evidenciarmos, observar-se-ia uma estratigrafia da memória e do abandono. Portanto a problemática em que a Coleção Afro do Museu Galdino Bicho se encontra a mais de setenta anos negligenciadas em reserva técnica reflete um ideário de exclusão das memórias afroreligiosas no Brasil. Contudo, através dos processos e perspectivas da decolonialidade podemos apontar essas problemáticas, bem como as possibilidades de ser estabelecidas reparação social através das materialidades.

Com base na documentação Arqueológica e Museológica, será possível realizar uma estratigrafia que desvele e traga à tona o oculto, o invisível, o apagado

das representações ou que se tentou invisibilizar da representação das memórias históricas, retirando os objetos da concepção de exótico e expondo suas representações simbólicas provenientes do seu contexto inicial. Essa concepção que configura uma estratégia de abandono acaba proporcionando uma “ferida cultural”,⁴ reforçando e contribuindo com o racismo estrutural que se reproduz cotidianamente no contexto sócio, econômico e cultural brasileiro.

Estando aqui na disposição de problematizar e até mesmo de demonstrar as problemáticas, não com intuito de falar por uma comunidade ou por pessoas, mas com o intuito de criar condições para que esses grupos falem por si mesmos e tenham lugar de escuta nesse contexto de relações.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa utilizamos enquanto metodologia a “Estratigrafia das Memórias e do Esquecimento”, e na retirada das camadas simbólicas que ocultavam através dos anos as materialidades que compõem a Coleção Afro do Museu Galdino Bicho. Podemos compreender algumas de suas problemáticas, entre elas o desinteresse em evidenciar, as marginalizações que eram inferidas as comunidades afroreligiosas e ao povo preto.

⁴ Quanto a isso, estamos nos referindo as exclusões representativas e as violências simbólicas sofridas pelas comunidades de terreiro.

2. Arqueologia e Decolonialidade: um campo tensionado no expediente arqueológico

2.1 Arqueologia e Museologia: dois campos de conhecimento que se entrecruzam e se complementam

Ao longo da história, as inúmeras civilizações que nos antecedem, bem como as comunidades presentes na contemporaneidade são dotadas de produções de sentidos por meio das materialidades. Objetos que configuram ou configuraram utilidade funcional, estética no cotidiano dos mais diversos grupos e suas individualidades e que, a partir de novas configurações nas perspectivas patrimoniais e culturais, passam a serem dotados de novos significados. Para Abraham A. Moles,

O objeto intervém aqui visivelmente como um prolongador do ato humano; ferramenta, instrumento de ação, ele deverá inserir-se numa praxeologia. Logo em seguida, ele intervém como sistema de elementos sensíveis que resistem aos fantasmas do ser, o objeto é atirado de encontro aos nossos olhos e sentidos, é uma barreira e uma realidade. (MOLES, 1981, p.9)

Neste sentido de interpretação, o objeto material tem sua importância quando tratarmos de suas relações com os sujeitos e ou comunidades as quais eles foram pertencentes, sendo possível a extração de informações que podem ser atreladas para antes do tempo presente reverberam na atualidade, podendo ser utilizada nas reflexões contemporâneas. O objeto exerce poder moderador de informações entre humanidade seu passado e presente, e a narrativa dos objetos pode configurar valores, símbolos e significados os quais são lhe atribuídos.

À medida que compreendemos que as materialidades podem ser dotadas de significados no circuito cultural, podemos, então, sinalizar os cuidados metodológicos ao manusear as informações neles contidas e ou a eles atribuídas por intermédio das narrativas. Entretanto, devemos nos atentar ao fato de que os objetos, ao serem retirados do seu contexto original, passam por novas ordenações, classificações e descontextualizações em um roteiro permanente de informações.

Marcus Doham (2010), em *O objeto e a experiência material*, faz alguns apontamentos referente ao objeto e à experiência material, nomeando enquanto “alma das coisas”, o autor traça algumas das relações estabelecidas entre a produção de cultura material feita pela humanidade como necessidades básicas para suprir as demandas diversas que surgem durante a vida social.

O autor ainda menciona que essas concepções de objetos na experiência humana são dotadas de transformações em inúmeras perspectivas que, “Objetos, coisas, troços e tralhas. Todos estão repletos de sentidos e significados, e até ressignificações por aqueles que lhes atribuem valores e simbolismos, frutos das experiências intersubjetivas e interativas dos indivíduos, entre si e com o resto do mundo.” (DOHAM, 2010, p.71-72) o que reforça as percepções de que o objeto na relação cultural é passível de concepções simbólicas, bem como de fonte documental.

Observamos que o objeto, aqui mencionado, trata-se de produto cultural gerado pela humanidade e que a ele foi atribuído valores simbólicos para além da sua função primária. Essas mudanças nas concepções são partes integrantes que fluem naturalmente nas relações humanas e em seus símbolos. Diríamos que a humanidade se utiliza de sistemas de objetos enquanto prolongador de memórias e por meio dele desperta no indivíduo lembranças que variam da sua subjetividade individual ou coletiva. Sendo assim, na condição de sistema de objetos, é possível estabelecer narrativas, símbolos e significados, tendo o objeto enquanto mediador dessas lembranças.

Quando falamos de objetos e de objetos da cultura material, logo podemos assimilar as ações desenvolvidas pela arqueologia e pela museologia em seus sentidos práticos e teóricos, compreendendo a área de estudo de ambas estando estreitamente relacionada ao patrimônio cultural. Pedro Paulo Abreu Funari afirma que, “pode-se concluir que, do ponto de vista aqui adotado, a Arqueologia estuda, diretamente, a totalidade material apropriada pelas sociedades humanas, como parte de uma cultura total, material e imaterial, sem limitações de caráter cronológico.” (FUNARI, 1988, p.11)

É visível, então, que a arqueologia possui entre os seus inúmeros objetivos a interpretação cultural por meio da cultura material, vestígios que compõem um todo interpretativo em seu sentido material e imaterial. Quanto à delimitação e ao objeto de estudo da arqueologia, Funari (1988) traz três questões básicas, discutidas na arqueologia: O que estuda a Arqueologia? O que visa a Arqueologia? Qual sua relação com as outras ciências sociais? Para o primeiro questionamento, o autor faz apontamento ao ponto de vista tradicional que estende o recorte de estudo da Arqueologia as coisas/ objetos que são frutos da produção humana. Porém, faz referências às novas perspectivas de objetos de estudos que se alargam aos objetos de cultura material do passado, presente e suas diversas configurações, visando o

estudo tanto da cultura material como imaterial, construída e ou apropriada pela humanidade.

Funari (1988) problematiza a posição da arqueologia frente às ciências sociais, pois a visão tradicional a enquadrava enquanto disciplina auxiliar. Todavia, a atuação da arqueologia ultrapassa essa visão tradicionalista da técnica, suas ações, perspectivas, e estende-se desde a prática de campo até as interpretações/reflexões sobre as materialidades, em uma interdisciplinaridade entre áreas como é o caso das conexões com a museologia.

A partir dessas definições, problematizações que são necessárias a serem pensadas, podemos conceber as abordagens que aproximam as propriedades dessa pesquisa, afinal o contexto de interpretação deve estar em constante movimento que proporcionem fundamentações estruturadas na resolução ou apontamentos de problemas ainda existentes ou que venha a surgir.

Refletir sobre a relação da arqueologia e museologia e também pensar as tratativas de acervos, é, também, falar de suas aproximações, estabelecendo, com isso, a especificidade de cada área do conhecimento, entretanto evidenciando que ambas podem atuar em trabalho colaborativo por existir os objetos de conhecimento e pesquisa em comum, a materialidade cultural humana. Evidenciadas essas conexões, podemos enfatizar que os trabalhos desenvolvidos em torno dos objetos de cultura material, estão presentes em ambas as disciplinas, e que, as fundamentações teóricas metodologias são fundamentais para problematizações.

Sabemos que desde a implantação do Programa de Aceleração do Crescimento – PAC⁵, o número de artefatos coletados obteve um aumento significativo e, a partir disso, devemos desenvolver indagações de como se encontra os processos após a retirada de campo, sua gestão, reflexão e ou divulgação dos resultados e reflexões sobre eles. A partir do aumento das pesquisas, foram gerados um número maior de materialidades. Para Camila Azevedo Moraes-Wichers.

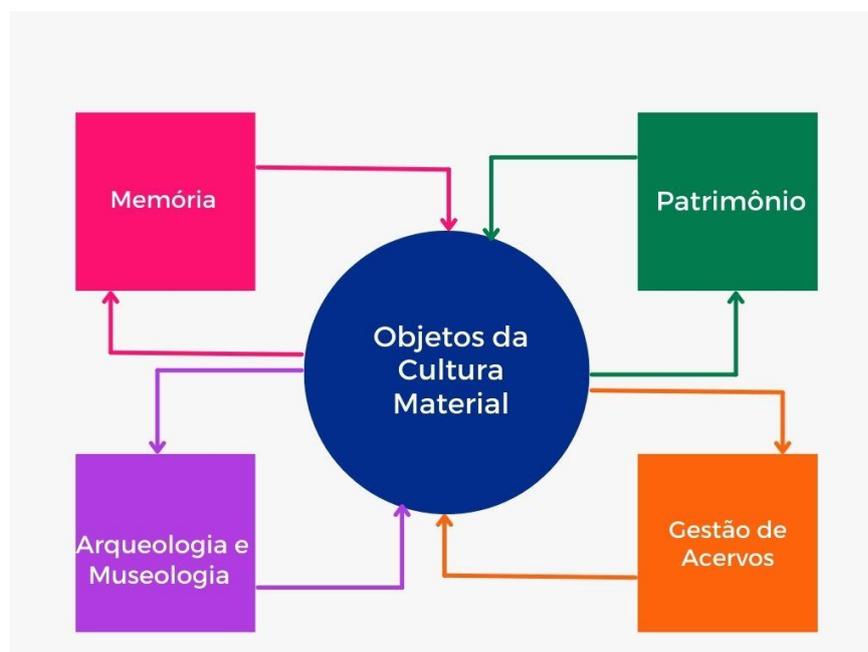
Ademais, a Arqueologia, ao lidar com as relações sociais associadas à produção, uso e descarte da cultura material, e a Museologia, ao compreender, teorizar, sistematizar e aprimorar a relação entre sociedade e patrimônio cultural, lançam olhares por vezes entrecruzados para os mesmos fenômenos. Arqueologia e Museologia têm, assim, caminhos entrelaçados. (MORAES-WICHERS, 2016, p.39)

⁵ Programa implantado em 2007, que visava, ampliar a infraestrutura no país.

Neste sentido, poderíamos apontar que a relação da Arqueologia e da museologia tem os objetos de cultura material enquanto fonte analítica. Dessa forma, pensar a cultura material retirada do seu uso inicial e agregada de símbolos é uma questão a ser discutida, já que, a partir dessa ação de retirada, são utilizados processos, como a coleta, classificação, interpretação, musealização, que irão atrelar e agregar novas memórias a esse sistema e ou conjunto de objetos.

No contexto brasileiro, tornou-se desafiador trabalhar e discutir sobre acervos, sejam pelos empecilhos de pouco investimentos financeiro, socio, políticos entre outros, no entanto, em uma tentativa de reflexão, poderíamos enfatizar que os processos que envolvem a cultura material podem ser estruturados em quatro eixos interconectados que culminam em abordagens que rodeiam a cultura material e englobam alguns dos processos que aproximam a arqueologia e a museologia.

Figura 01 – Teia de conexões



Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Ao apresentarmos os pontos contidos na figura 01: memória, patrimônio, gestão de acervos e as conexões entre arqueologia e museologia poderíamos estabelecer elementos em comum entre as áreas que possuem um interlocutor, os objetos de cultura material. A categoria memória, neste roteiro de informações, torna-se visivelmente tão complexa, quando apontamos as influências e estruturas sociais existentes que permeiam uma teia de conexões e interesses que se volta aos

processos de materialização ou desenvolvimento dos discursos que ultrapassam séculos, décadas e gerações.

Ademais, é importante assinalar que os pontos apresentados fazem parte de grande parte do que é discutido em ambas as áreas (Arqueologia e Museologia), enquanto materialidades tangíveis/intangíveis e que, com base nesse ponto, são desenvolvidos os inúmeros questionamentos e problemáticas no entorno desse gerenciamento. Os objetos de cultura material, nesse sentido, são não apenas mediadores dos discursos e narrativas, mas objeto de estudo que interliga e faz algumas das conexões entre campos. José Reginaldo Santos Gonçalves (2009), trata o tema do patrimônio a partir de uma perspectiva que propõe pensar o patrimônio enquanto categoria de pensamento,

A categoria “coleccionismo” traduz, de certo modo, o processo de formação de patrimônios. Sabemos que esses, em seu sentido moderno, podem ser interpretados como coleções de objetos móveis e imóveis, apropriados e expostos por determinados grupos sociais. [...] (GONÇALVES, 2009, p.26)

Podemos perceber, então, que os processos de colecionismos não se datam na modernidade, com temporalidades que remetem desde a antiguidade considerada “clássica”, a Idade Média, mas o conceito ou a ideia de patrimônio sofreu e sofre inúmeras significações e usos ao longo dos tempos que acabam por suprir as necessidades geracionais que buscam uma racionalidade a fim da explanação dos significados das materialidades.

Externalizar novos sentidos a partir dos objetos constituídos enquanto patrimônio no Brasil está entrelaçado de inúmeros conflitos e interesses, quando analisamos a conjuntura de um estado nacional que perpetua ideais nacionalistas ao longo dos séculos, configurando um sentido subjetivo aos objetos que ultrapassam seus valores monetários.

Afinal, os seres humanos usam seus símbolos sobretudo para agir, e não somente para se comunicar. O patrimônio é usado não apenas para simbolizar, representar e comunicar: é bom para agir. Essa categoria faz a mediação sensível entre seres humanos e divindades, entre mortos e vivos, entre passado e presente, entre o céu e a terra e entre outras oposições. Não existe apenas para representar ideias e valores abstratos e ser contemplado. O patrimônio, de certo modo, constrói, forma as pessoas. (GONÇALVES, 2009, p.31)

Os limites estabelecidos mais uma vez extrapolam os limites físicos e almejam nuances de uma concepção social, atuando diretamente na formação das mentalidades. Ao pensarmos por esses preâmbulos, podemos compreender que o

patrimônio estabelece um campo em disputa pelas representações que eles simbolizam estando em constante conflito de representação.

Marcia Sant'Anna (2009) remonta alguns aspectos das perspectivas de patrimônio que eram desenvolvidas no Brasil desde nos primeiros anos de uma perspectiva de proteção legal nos anos de 1930, em que eram majoritariamente foram protegidos os patrimônios chamados de pedra e cal, elementos arquitetônicos que ocupavam os espaços com seu caráter erudito. A proteção legal de outras materialidades, posteriormente, vem sendo pensada a partir das ideias e abordagens propostas por Mario de Andrade. Podemos, a partir disso, notar que ao tratarmos de objetos da cultura material estamos trazendo outras perspectivas sociopolíticas que fazem parte do processo de consolidação, bem como do caráter simbólico e intencional a qual elas são atreladas.

Embora estejamos falando abundantemente das materialidades, poderíamos dizer que o imaterial é parte fundante na concepção, atuando enquanto interlocutor entre o físico e o simbólico. O patrimônio cultural de tal modo entra nas discussões de inter-relação entre material e imaterial, visível e invisível e que se encontram presentes nas narrativas expositivas. Ao mencionarmos narrativas expositivas estamos nos referindo à comunicação realizada pelos espaços de memória, em sua grande maioria museus e centros culturais, que funcionam enquanto mediadores junto ao público.

Nessa sequência, poderíamos mencionar que a gestão de acervos, estabelece processos, em que uma das principais etapas executadas pela arqueologia está na retirada dos artefatos em campo (escavação e ou coleta), em que serão evidenciadas as materialidades que posteriormente serão interpretadas e divulgadas enquanto descobertas. Já a museologia inicia seus processos com a aquisição salvaguarda e comunicação de acervos e por via dos procedimentos desenvolvidos por ela. Essas são colocações diretas para situar algumas das atividades que essas duas ciências desenvolvem em conexões de materialidade, contextos e narrativas construídas a partir desses artefatos. Como afirma Renata Cardozo Padilha,

Princípio: Os acervos dos museus refletem o patrimônio cultural e natural das comunidades de onde provêm. Dessa forma, seu caráter ultrapassa aquele dos bens comuns, podendo envolver fortes referências à identidade nacional, regional, local, étnica, religiosa ou política. Conseqüentemente, é importante que a política do museu corresponda a essa possibilidade. (PADILHA, 2014, p.24)

Embora a gestão de acervos tenha enquanto alguns dos direcionamentos principais a preocupação em documentar, acondicionar conservar, é preciso concentrar as observações em como esses acervos refletem no imaginário da população quando são expostos que tipo de narrativas e ou impactos podem causar, quando pensamos na subjetividade interpretativa de cada indivíduo. Neste sentido, pensar os procedimentos técnicos que fazem parte da engrenagem e dos processos de gestão de acervo são tão importantes quão discutir como afetam as concepções memórias de quem as visualizam. Para Mario Chagas “[...] Memória e poder exigem-se. Onde há poder, há resistência, há memória e há esquecimento. [...]” (CHAGAS, 2009, p.136.).

Desse modo, o que foi exposto por Chagas deve ser considerado nos processos analíticos, pois pensar/discutir memória é também pensar sobre os conflitos de poder que existiram/existem nas configurações de sociedade. Outro fator interessante a ser pensado refere-se aos processos de seleção. Selecionar significa também deixar a parte, destinar ao esquecimento o que naquele momento não era julgado enquanto “interessante” ou conveniente a proposta que se pretende executar na construção das memórias.

Percebe-se que onde existe construção de memória, há também conflitos, pois o campo de materialização das narrativas de memórias está tencionado e em constante disputa. Quanto a isso, poderíamos dizer que tradicionalmente os conflitos, assim como os escritos sobre eles eram realizados pelos grupos sociais dominantes e ou detentores das ferramentas de validação/institucionalização das ideias.

Dando continuidade aos aspectos de memórias enquanto espaço de tensionamentos e disputas, Chagas (2009) nos chama atenção para dois aspectos interessantes e incisivos na compreensão desses aspectos, “Memória Política e Política da Memória”. Além de ser o título do seu escrito, esses dois desdobramentos muito interessam na construção discursiva dessa pesquisa.

Anteriormente, mencionamos alguns pontos que são partes integrantes nos procedimentos executados tanto pela arqueologia quanto pela museologia. Sendo assim, devemos nos atentar a detalhes que exercem poder discursivo nos processos e procedimentos executados.

Ao explicar acerca da “Memória Política”, nos deparamos com a concepção de que, “A memória política, ao ser invocada, não reconstitui o tempo passado, mas faz dele uma leitura, banhada nas experiências objetivas e subjetivas daquele que lembra.

[...] (CHAGAS, 2009, p.138). Pelo trecho, é possível perceber que não existe uma neutralidade, e que as narrativas de memórias são fruto desse movimento intencional das percepções do indivíduo/os que a constrói.

Dessa forma, a perpetuação de memórias construídas no passado ou no presente, irão desenvolver influências diretas no futuro atuando nas mentalidades e nas estruturas sociais dos que as visualizam, já as concepções trazidas por Chagas sobre a “Política da Memória”,

Nos museus, uma política de memória está em pauta: sintonizada ou não com as políticas de outros e de outras instituições, que atuam como lugares de memória; comprometidas ou não com o projeto que originalmente concentrou neles os fragmentos de memória política. (CHAGAS, 2009, p.160)

Então, são conflitos que, mesmo estando de maneira alinhada em uma instituição, podem sofrer alterações de interesse durante sua resolução. Assim, poderá oferecer ao público interpretações diversas, ainda que contrárias ao que se propõe na ideia inicial institucionalizada. Embora fique evidente que existam obstáculos para o funcionamento que contemplem os diferentes grupos sociais, existem também possibilidades.

A arqueologia e a museologia, por exemplo, se cruzam e entrecruzam em uma teia de ações, conexões, em elementos comuns a ambas com os campos de pesquisas que envolvem os sistemas de objetos, os objetos enquanto cultura material e suas relações com o meio social. O engajamento de conexões ainda se amplia ao trabalhar com o patrimônio cultural em suas perspectivas de memória, gestão para com os acervos gerados a partir das reflexões.

Com isso, pontua-se que pensar os objetos da cultura material é também pensar em possibilidades de atuação entre áreas das ciências humanas e sociais que se complementem para um desenvolvimento eficiente, que busque o aprimoramento das problemáticas e das questões ainda não resolvidas. Dentre as questões apresentadas até o momento, poderíamos estabelecer possibilidades de atuação da arqueologia que estejam em um parâmetro interdisciplinar com a museologia e vice-versa, sem comprometer as especificidades de procedimentos teóricos metodológicos, mas atuando de maneira complementar na atuação cultural.

As observações e fundamentações aqui apresentadas remontam algumas das conexões perceptíveis de relações entre áreas, evidenciando algumas das suas particularidades e interesses em comum. Embora tenha sido elencadas algumas possibilidades/atividades que são desenvolvidas na conexão entre áreas (política de

memória, gestão de acervos, objetos e coleções), que irão fundamentar de maneira coesa em nossa linha de pensamento, que se insere em compreender e apontar os motivos que fazem parte dessa estrutura política, social e cultural, que, atingem diretamente os sistemas de representação.

Assim entre as colocações realizadas a evidenciação da categoria patrimônio e a concepção de objetos e das coleções dentro das urgências interpretativas contemporâneas, que são desenvolvidas contemplam as relações estabelecidas entre a arqueologia e da museologia possibilitado uma interação reflexiva com as coleções que foram constituídas, negligenciadas, tendo enquanto base inúmeras problemáticas históricas ainda não resolvidas ou questionadas. Neste sentido compreender a engrenagem estrutural da concepção das coleções arqueológicas, museológicas são necessárias, pois a partir dessa fundamentação podemos abrir novas portas interpretativas de narrativas já estabelecidas, aguçando o poder questionador do esqueleto social que por vezes encontra-se tencionado dentro das disputas representativas do patrimônio cultural.

2.2. Estratigrafia da Memória e do Esquecimento

Ao falarmos dos objetos de cultura material e das coleções geradas a partir dos processos de pesquisa, escavações desenvolvidas pela arqueologia, devemos refletir sobre qual o destino dessas materialidades. Percebe-se que, em sua grande maioria, serão destinadas a instituições de pesquisa e museus, a partir do endosso institucional⁶.

Assim, podemos perceber que a arqueologia e museologia ficam responsáveis pelos processos técnicos, práticos e teóricos no tramite que compõe ou irá compor as ações e os cuidados em algumas das etapas do procedimento realizados. Essas materialidades são destinadas aos espaços dos museus e ou outras instituições culturais que irão ficar responsável pela continuidade nesse tratamento. Entretanto, devemos mencionar que nem todas as coleções arqueológicas ou que contenham objetos arqueológicos são provenientes de escavação, são inúmeros os museus brasileiros que possuem coleções arqueológicas que são frutos do colecionismo e outros contextos como: saque, furtos e apreensão que passam por outras lógicas de

⁶ Documento que faz parte do projeto arqueológico que irá garantir um destino as coleções após serem retiradas do campo de escavação.

consolidação na inserção dentro dos espaços institucionais, bem como a construção narrativa.

Essas lógicas de concepção das coleções e instituições de guarda vêm sendo apontada por pesquisadores ao longo dos anos. Neste contexto é necessário estarmos atentos as lógicas que fundamentam as aquisições, suas influências e intencionalidade, compreendendo de tal maneira os procedimentos técnicos, porém não sendo apático as realidades existentes no passado recente e no tempo presente.

Entre os pontos abordados que levam em seu centro de discussão o enredo das coleções e dos objetos algumas reflexões são necessárias, podemos mencionar as práticas realizadas pela área arqueológica e museológica, indicando algumas das suas especificidades no contexto e entendimento para com o patrimônio cultural. Para Maria Cristina Oliveira Bruno “[...] a Arqueologia evidencia e interpreta e a Museologia salvaguarda e comunica, a partir de um conjunto complexo de procedimentos técnicos e científicos, permeado por idiosincrasias institucionais e enfrentamentos socioculturais.” (BRUNO, 2014, p.5-6). É a partir desses conjuntos de ações técnicas, bem como teóricas, que a autora vem fazendo indagações acerca da construção epistêmica do conceito de Musealização da Arqueologia, para Bruno,

A Musealização da Arqueologia contextualizada nos domínios dos campos epistemológico e operacional da Museologia exige atenção particular, correspondente à identificação e análise em relação ao perfil da Museologia Especial, que caracteriza as potencialidades patrimoniais dos vestígios arqueológicos e suas respectivas interlocuções com distintos contextos culturais [...] (BRUNO, 2014, p11)

Assim compreendido enquanto um dos processos presente na guarda dos objetos coletados e que passam por toda uma cadeia operacional de reflexão de cunho interdisciplinar, entre eles os objetos arqueológicos.

Sendo assim, podemos perceber em Bruno (1999)⁷, em Camila Azevedo Moraes – Wichers (2010)⁸, reflexões sobre os processos e procedimentos, partindo da musealização dos bens arqueológicos, que ultrapassam os questionamentos técnicos e efetua apontamentos que vão além do “coletar”, “conservar” e “expor”, e na reflexão que os questionamentos são desenvolvidos para um maior entendimento dos

⁷ Tese de doutorado intitulada: Musealização da Arqueologia: um Estudo de Modelos Para o Projeto Paranapanema. 1995. Posteriormente publicada nos cadernos de Sociomuseologia, N°17, 1999.

⁸ Tese de doutorado intitulada: Museus e Antropofagia do Patrimônio Arqueológico: (Des) Caminhos da Prática Brasileira. 2010.

processos operatório que envolvem a relação entre produto cultural humano e as relações que podem ser estabelecidas e compreendidas através dos artefatos, por seus agentes culturais no tempo presente.

Por musealização entendemos que o “processo científico compreende necessariamente o conjunto das atividades do museu: um trabalho de preservação (seleção, aquisição, gestão, conservação), de pesquisa (e, portanto, de catalogação), e de comunicação (por meio da exposição, das publicações etc.), [...] (DESVALLÉES; MAIRESSE; 2013, p.58). Sendo caracterizado pelos processos e por procedimentos técnicos realizados com materialidades, em que objetos/acervos constituem, por meio desse procedimento, objeto documento, que saem sua utilidade inicial, e agora são portadores de sentidos e fonte de pesquisa.

Essas observações têm sido pauta de discussão no que diz respeito ao patrimônio cultural, e além do seu caráter interconector entre a arqueologia e a museologia reforçam a necessidade de investigação para com os objetos e coleções após sua entrada nos espaços de memória, pois compõem um conjunto de ações que fazem parte diretamente com a interação entre objetos e o público que as contemplam, assim,

[...] “musealização da arqueologia,” definida por Cristina Bruno como linha de pesquisa e de atuação que integra “procedimentos museológicos de salvaguarda (conservação e documentação) e comunicação (exposição e ação educativo-cultural), aplicados à realidade arqueológica” [...]. (Bruno, 2007, p. 1, apud. Moraes-Wichers, 2020, p.207)

Partindo das colocações acima mencionadas, é possível estabelecer pontos significativos que são constituídos por intermédio dos procedimentos atrelados aos processos de pesquisa arqueológica, enfatizando a extroversão dos objetos, a partir da comunicação, ou seja, ao expor, evidenciar ou construir uma narrativa estaríamos também destinando outras ao esquecimento. Ao situar as relações existentes que permeiam as pesquisas (arqueologia e museologia), conseguimos mensurar os estreitamentos existentes em preâmbulos analíticos que constituem essas duas ciências. Neste contexto de relações, no entorno do patrimônio cultural e das coleções, criam-se, na contemporaneidade, possibilidades nas ações de guarda patrimonial no Brasil.

Embora haja implicações no tocante à gestão pelos diferentes órgãos oficiais, há também os possíveis pontos de encontros convergentes que possam estabelecer uma colaboração efetiva e eficiente. Relacionando a um contexto histórico, Bruno (1999)

menciona a existência de museus de arqueologia em todos os continentes e indica que suas coleções evidenciam que:

As coleções Arqueológicas estão na gênese da história dos museus. Amparados em alguns séculos de investigação e interesse pelo passado, pelo exótico e pelo diferente, esses acervos foram construídos, e de certa forma, para diminuir a distância entre as sociedades que vivem em tempos distintos. Espelham, também, a colonização o saque e a destruição de alguns povos por outros. [...] (BRUNO, 1999, p.36)

Percebe-se que os museus/museus de arqueologia são frutos de conflitos do colecionismo que configuraram ou configuram disputas hoje ou antes do tempo. Contudo, poderíamos ressaltar que essas coleções e acervos musealizados não se restringem apenas a um passado distante, mas podem ser encontrados em um passado recente ou até mesmo presente na contemporaneidade.

Enquanto contribuição teórica, Bruno (1999) enfatiza também o teor metodológico na construção e afirmação do conceitos e como os processos históricos na construção e desenvolvimento das ideias são necessários para compreensão das perspectivas que nos antecedem, bem como a importância de estabelecer esse diálogo constante no processo de construção. A esse rigor teórico e metodológico que se torna extremamente necessário no desenvolvimento das linhas pensamento que fundamentem de maneira estruturada as pesquisas contemporânea tem suas bases fundada nos processos de reflexão anterior, evidente que nem todas as lógicas teóricas são cabíveis para o hoje, como é o caso das colocações feita por Bruno (1999), ao associar o processo investigativo sobre os objetos e coleções museus brasileiros enquanto “estratigrafia do abandono”, dando sentido a novos processos estratigráficos não mais em campo, mas nas camadas simbólicas de ocultação das informações e dos objetos dentro dos espaços de guarda.

Em princípio a estratigrafia nos remete a compreender o sentido de sobreposição de camadas, e ou retirada de camadas, seja em um contexto arqueológico a serem removidas e interpretadas no processo de escavação, a fim de compreender a história e o contexto das materialidades a partir de suas análises. Assim, ao discutir a categoria “estratigrafia do abandono”, Bruno (1999) desperta a possibilidade de novas interpretações dos objetos, das coleções através da metáfora conceitual.

Neste sentido as materialidades (arqueológicas e museológicas) que se encontram negligenciadas em instituições culturais brasileiras podem e devem ser investigadas, em partes os motivos desses “abandonos” podem ocorrer por não ser

de interesse daqueles que constroem a explanação dos fatos a serem/fazerem parte da construção de uma narrativa oficial dos processos históricos e sociais. A esse “abandono” podemos dizer que se configura em artifícios de esquecimentos das memórias, das histórias e conflitos. Contudo, a investigação dos vestígios do passado, bem como a situação atual em que os objetos se encontram, podem suscitar novas estratigrafias mesmo estando institucionalizados, musealizados, onde pouco sabe-se da existência, pois estão enclausurados e condenados a serem esquecidos em reservas técnicas das instituições culturais. Ao explanar acerca das construções simbólicas presente no Brasil, Cristina Bruno menciona que

Esta estratigrafia do abandono é responsável pelo esquecimento das fontes arqueológicas e pela sua circunscrição no terreno das memórias exiladas. Não é difícil interpretá-la, pois a vasta bibliografia sobre o Brasil - enquanto nação - traduz as idéias [sic] e mentalidades que têm conduzido as explicações sobre este país. (BRUNO, 1999, p.23)

A autora evidencia as possibilidades de interpretação das memórias na construção dos símbolos nacionais, a medida também nos contempla com a crítica direcionada ao esquecimento das histórias culturais de nosso passado. A esse segundo ponto podemos perceber que as configurações dos processos de institucionalização das memórias estão ainda na contemporaneidade amarradas aos processos do colonialismo, essa tradução das ideias perpassa gerações e são naturalizadas, enaltecidas enquanto verdades absolutas, resultando em um procedimento de manutenção e exclusão de alguns grupos culturais (Indígenas, negros, dentre outros).

Contudo, ao compreendermos as nuances que compõem tais concepções que culminam na construção das narrativas simbólicas podemos estabelecer novos rumos a possibilidades de contestação e reparação do estabelecido. Assim, para que seja possível caminhar de rumo as novas perspectivas é necessário compreender os caminhos até o momento percorrido e ou revisitá-los em uma nova estratigrafia interpretativa.

De fato, as reflexões aqui desenvolvidas estabelecem conexões que visam compreender os processos simbólicos de esquecimento que são executados através pelas agências culturais e de preservação de memória. A esse movimento podemos enfatizar uma indispensável compreensão, uma interpretação ou novas interpretações das narrativas estabelecidas.

Neste sentido, Bruno (1999), ao trabalhar a categoria estratigrafia do abandono, efetua apontamentos, possibilidades interpretativas diferentes para o mesmo circuito de narrativas estabelecidas, onde a retirada das camadas nos permite compreender os processos anteriores, processos esses que determinam o que irá ser representado, mas em contrapartida o que será destinado ao esquecimento.

Dessa maneira, em alguns casos, como mencionado no tópico inicial deste capítulo, os objetos de cultura material presentes em museus podem fazer parte e são frutos de conflitos. Assim como é o caso da “Coleção Afro”, presente no Museu Galdino Bicho (IHGSE), coleção e espaço esse que compõe o campo investigativo dessa pesquisa. Embora os objetos que compõem essa coleção não sejam fruto de uma escavação arqueológica, são dotados dos mesmos sentidos dos objetos musealizados, tendo em vista que o arcabouço de abordagem do patrimônio cultural não se restringe a compreender somente o passado distante, mas os processos contínuos, bem como seus reflexos na sociedade contemporânea.

Compartilhando da leitura e das reflexões desenvolvidas por Bruno (1999), em “Estratigrafia do Abandono”, podemos perceber que a retirada das camadas que ocultam os objetos, as coleções e com isso as narrativas sobre elas é compreender as intencionalidades dessas negligências. A esse método de pesquisa interpretativo possibilitou o amadurecimento na investigação nas coleções do Museu Galdino Bicho, durante essa pesquisa esse processo investigativo e método desenvolvido na busca foram nomeados de estratigrafia da memória e do esquecimento, enquanto metáfora conceitual, que nos ampara de maneira efetiva enquanto metodologia de identificação, interpretação das sobreposições que mantiveram a coleção oculta do público por mais de setenta anos. Esse esforço proporcionou o acesso a novas descobertas que fundamentam as possibilidades narrativas ainda não exploradas, fazendo com que o oculto seja visto, demonstrando assim a existência e tornando possível as interpretações.

Quando observamos as atividades metodológicas do colecionismo em museus e instituições culturais, percebemos que a formação dos acervos nesse contexto (coleccionismo) é tomada por interesse de narrativas, definidas pelo grupo dominante (as elites sociais), as quais pautavam as concepções de sentidos, representação do outro.

De tal modo, os procedimentos técnicos, como os realizados na musealização/musealização da arqueologia, (seleção, aquisição, gestão,

conservação, catalogação e os elementos que compõem a comunicação), estruturam uma lógica coerente da manutenção das características físicas/químicas dos objetos. Contudo, é imprescindível que ocorram reflexões possíveis que visem evitar as exclusões ou apagamentos das representatividades. Assim, refletir em uma perspectiva da estratigrafia da memória e do esquecimento é revisitar as narrativas presentes nos espaços oficiais de memória removendo e interpretando as camadas que ocultam a história cultural e os conflitos de um povo. Pensar a partir dos parâmetros aqui apresentados é compreender as lacunas, questioná-las trazer à tona as materialidades negligenciadas, ignoradas, evidenciando seus sentidos de maneira reparadora que se contrapõe a regra vigente do roteiro único engessado influenciado pelo ideário excludente.

2.3 Decolonialidade para reflexão nos processos e tratamento das materialidades em instituições culturais

As abordagens que se configuram a partir da decolonialidade vêm a contribuir de maneira significativa nos processos de reflexão das materialidades esquecidas no tempo e espaço. No sentido prático, tais perspectivas abrem um leque de possibilidades interpretativas que não se encaixam nos moldes anteriormente utilizados, pois partem do pressuposto de compreensão crítica da estrutura vigente e desenvolvimento conceitual de estratégias que visam a independência do pensamento. Para Nelson Maldonado-Torres a teoria decolonial,

[...] reflete sobre nosso senso comum e sobre pressuposições científicas referentes ao tempo, espaço, conhecimento e subjetividade, entre outras áreas-chave da experiência humana, permitindo-nos identificar e explicar os modos pelos quais sujeitos colonizados experenciam a colonização, ao mesmo tempo em que fornece ferramentas conceituais para avançar a descolonização. (MALDONADO-TORRES, 2019, p.29)

Diante disso, notaremos que a abordagem conceitual exerce ou pode exercer ações de mudanças, de processos históricos e sociais que perduram a séculos no meio sociocultural, extrapolando as construções simbólicas que estão postas como única e verdadeira. Neste sentido, a construção conceitual estabelece as aberturas de novas interpretações para mesma narrativa, estando presente nesse novo desenrolar epistêmico o sujeito que antes estava afastando, excluído do processo de

concepção da abordagem, o colonizado e subalternizado desempenha novo papel: o de narrador de sua própria história.

Ao nos referimos as linhas de pensamentos que abordam a descolonização e a decolonialidade seguimos algumas linhas de reflexão, como as traçadas por Joaze Bernardino-Costa; Nelson Maldonado-Torres; e Ramón Grosfoguel (2019) em “Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico”, sobre a questão do conhecimento e da colonização do saber que são reflexos do processo de colonialidade. Assim a decolonialidade também versa um “projeto acadêmico-político”, a fim de estar e se fazer presente nas estruturas epistêmicas e discursivas do pensamento negro, bem como estabelecer caminhos possíveis para independência dos reflexos do ideário colonial, com isso podemos compreender que o conceito da decolonialidade desempenha a possibilidade das reflexões intelectuais e ativistas se opondo a colonialidade do pensamento.

Contudo, Maldonado-Torres aponta ainda que “Independência, todavia, não necessariamente implica descolonização na medida em que há lógicas coloniais e representações que podem continuar existindo depois do clímax específico dos movimentos de libertação e da conquista de independência”. (MALDONADO-TORRES, 2019, p.28). Deixando evidente que muitas das narrativas presentes em espaços de memória, que foram formuladas antes do tempo presente, podem ter sido movidas por um ideário pretendido de nação deixando a margem alguns dos grupos representativos que até então não eram possuidores de direito a participação nesse processo.

Algumas implicações de desconforto podem ocorrer a partir do surgimento das perspectivas da decolonialidade, pois podem representar uma ruptura conceitual para com o pensamento europeu/eurocentrado. Ao apresentar as dez teses sobre colonialidade e decolonialidade, Maldonado-Torres (2019) apresenta algumas possíveis implicações e resistências, em grande parte por estabelecer o sujeito colonizado enquanto possível agente questionador, o que implica diretamente no conforto da “ordem” estabelecida.

Assim, Maldonado-Torres (2019, p.33) enfatiza que “Em resumo, levantar a questão do colonialismo perturba a tranquilidade e a segurança do sujeito-cidadão moderno e das instituições modernas.” Desse modo, narrativas que compõem os projetos de nação são questionadas, o branco europeu enquanto colonizador, por exemplo, tem sua legitimidade simbólica questionada, já não cabe a ideia de

“salvador”, “conquistador”, “agente do progresso”, a narrativa se altera para invasor, as fronteiras que mantem a estrutura erguida são abaladas na formação dos questionamentos, há então uma guinada de possibilidades para refletir a conjuntura pré-estabelecida.

Cada uma dessas colocações estabelecem uma ampla compreensão das configurações dos processos da colonialidade e da decolonialidade. Ao apresentar a quinta tese intitulada “A colonialidade envolve uma transformação radical do saber, do ser e do poder, levando à colonialidade do saber, à colonialidade do ser e à colonialidade do poder”, ao título dessa abordagem podemos identificar que os mecanismos de controle social podem ser identificados nas diversas esferas sociais, estando articuladas de maneira a exercer controle através do poder. Neste sentido o projeto acadêmico-político da decolonialidade estabelece sentido significativo para coerção desse mecanismo estabelecido como forma de subalternização dos sujeitos.

Referente a “colonialidade do saber”, Maldonado-Torres assinala que

Ideias sobre o sentido dos conceitos e a qualidade da experiência vivida (ser), sobre o que constitui o conhecimento ou pontos de vista válidos (conhecimento) e sobre o que representa a ordem econômica política (poder) são áreas básicas que ajudam a definir como as coisas são concebidas e aceitas em uma dada visão de mundo. (MALDONADO-TORRES, 2019, p.42)

Ao trazer as reflexões presentes nas dimensões que permeiam a colonialidade do ser é perceptível a relação intrínseca entre as três dimensões: o campo das ideias para o saber exerce o desenvolvimento do pensamento crítico, da subjetividade do ser, de si, do existir e sua relação com o tempo e espaço que ocupa, ao podar a possibilidade de desenvolvimento e amadurecimento e vetado o desenvolvimento de compreensão da própria estrutura em que o sujeito se encontra.

A segunda dimensão apresentada na quinta tese, “colonialidade do ser”, segundo Maldonado-Torres diz que “A colonialidade do ser inclui a colonialidade da visão e dos demais sentidos, que são meios em virtude dos quais os sujeitos têm um senso de si e do seu mundo.” (MALDONADO-TORRES, 2019, p.44). Percebe-se então que a colonialidade está presente no processo de exploração do espaço e tempo em que o sujeito se encontra, operando enquanto mecanismo que estabelece e direciona a subjetividade, estabelecendo o controle dos sujeitos, como é possível perceber na contemporaneidade com a precarização econômica, de trabalho, de moradia e de lazer das camadas pobres, resultando em um curto ou quase nenhum

tempo disponível para reflexão de si, da sua subjetividade e relação com o mundo, sendo por vezes excluídos de participação na construção de conhecimento.

Percebe-se que as produções científicas contribuem para fundar caminhos na desconstrução da colonialidade. No contexto brasileiro, a autora Nilma Lino Gomes (2019) enfatiza que o Movimento Negro, bem como a intelectualidade negra, contribui de maneira significativa para descolonização dos currículos, através das reflexões nas ciências humanas e sociais aplicadas. Para Nilma Lino Gomes,

O Movimento Negro Brasileiro e a produção engajada da intelectualidade negra, entendidos como integrantes do pensamento e das práticas decoloniais latino-americanas, explicitam nas suas análises e reflexão a crítica aos padrões coloniais de poder, de raça, de trabalho e de conhecimento. Além disso, indagam a primazia da interpretação e da produção eurocentrada de mundo e do conhecimento científico. (GOMES, 2019, p.224)

É estabelecido através das perspectivas e das produções de conhecimentos presente no movimento negro a inserção de demarcadores sociais, de raça, gênero, indispensáveis na construção plural da decolonialidade. Pensar a inserção do conhecimentos periféricos, da realidade social, mesmo havendo as barreiras socioeconômicas, de poder, é trabalhar rumo a desconstrução estrutural que invalida e não reconhece a produção negra. Gomes (2019), ainda ressalta que,

A colonialidade é resultado de uma imposição do poder e da dominação colonial que consegue atingir as estruturas subjetivas de um povo, penetrando na sua concepção de sujeito e se estendendo de tal maneira que, mesmo após o término do domínio colonial, as suas amarras persistem. (GOMES, 2019, p.227)

Neste sentido, a construção política e epistemológica deve ser organizada de tal maneira a penetrar nessas tensões, disputas, a fim de alcançar as práticas e instituições da difusão do conhecimento. Essas disputas serão estabelecidas de maneira cotidiana, devendo alcançar as bases do currículo educacional que, Gomes (2019) entende como “As escolas de educação básica e o campo da produção e aplicabilidade científica, são alguns deles. Nestes a decolonialidade opera, entre outros mecanismos, por meio dos currículos.” (GOMES, 2019, p.227). Podendo então ser caminho para interromper os reflexos da colonialidade.

Essa é uma das colocações possíveis para pensar o processo de descolonização do saber, voltar-se as produções brasileiras e da américa-latina enquanto base fundamentadora, atuando principalmente na educação como base para formação do conhecimento.

É de fundamental importância, no entanto, que a subjetividade esteja presente e seja comum as três dimensões. Posto isso, a “colonialidade do poder” estabelece o papel que transita entre a estrutura social e os processos culturais, possuindo enquanto elo de ligação com as demais dimensões. Neste sentido, Maldonado-Torres enfatiza que “A colonialidade do poder, ser e saber objetiva manter os condenados em seus lugares, fixos, como se eles estivessem no inferno. Esse é o inferno em relação ao qual o céu e a salvação do civilizado são concebidos e sobre os quais ele está acoplado.” (MALDONADO-TORRES, 2019, p.44). Assim, mais uma vez podemos perceber que a colonialidade é parte integrante da manutenção da estrutura social, podendo ser contestada pela decolonialidade.

Considerando as reflexões aqui apresentadas, a abordagem da decolonialidade parte do pressuposto de um projeto coletivo entendido enquanto poder questionador da lógica colonial contemporânea. Para Maldonado-Torres,

A decolonialidade, entretanto, não é um projeto de salvação individual e sim um projeto que aspira “construir o mundo do TI”. O pensamento, a criatividade e a ação são todos realizados não quando se busca reconhecimento dos mestres, mas quando estendemos as mãos aos outros condenados. (MALDONADO-TORRES, 2019, p.50)

A lógica da decolonialidade configura outras formações, os ditos “condenados” já não se encontram só, mas em novas formações de comunidade que para Maldonado-Torres, pode “[...] perturbar e desestabilizar a colonialidade do saber, poder e ser, e assim mudar o mundo.” (MALDONADO-TORRES, 2019, p.50) Relembrando que a decolonialidade não se encontra enquanto projeto do passado, mas um projeto em construção, a ser feito, culminando na descolonização. Descolonizar na perspectiva apresentada por José Jorge de Carvalho traz reflexões em sua produção intitulada “Encontro de Saberes e Descolonização: para a refundação étnica racial e epistêmica das universidades brasileiras, diz que,

Descolonizar, no nosso caso, seria um duplo movimento. Primeiro, desvincular-se do mandato introjetado de repetir o padrão epistêmico ocidental como única referência de conhecimento (científico, artístico, tecnológico). Ou seja, desobrigar-se de reproduzir o eurocentrismo compulsório. Para o Encontro de Saberes, descolonizar significaria desvincular-se. Nós nos desvinculamos da expectativa estabelecida, e com esse gesto nos desvencilhamos da camisa de força do eurocentrismo compulsório. (CARVALHO, 2019, p.90)

Apontamentos como esses reforçam a urgência na construção epistemológica decolonial, pois dialogam de encontro a abordagem heterogêneas, evitando repetições das perspectivas eurocêntricas nos processos de aprendizado e

construção do conhecimento em um movimento de olhar para si. O segundo movimento apresentado por Carvalho (2019) diz respeito a “refundar” as perspectivas acadêmicas desenvolvidas sobretudo nas universidades em um novo “pacto” que contemple a participação coletiva de todos os grupos e comunidades que compõem a nação, de maneira a descolonizar a produção acadêmica e suas epistemologias.

A partir das observações aqui desenvolvidas, podemos enfatizar que alguns fatores que marcaram e marcam as subalternizações refletem diretamente nas narrativas presentes nas materialidades que estão sob guarda nas instituições culturais. A essas concepções excludentes que possuem suas raízes fundadoras a partir da colonização do território brasileiro podem ser perpetuadas ao longo dos séculos.

Dessa maneira, essas configurações sociais são potencializadas por via dos mecanismos que perpetuam a memória ao longo do tempo. É o caso das instituições culturais, museus centro de memória, em que podem ser reproduzidas imagens, símbolos, histórias, memórias de antes do tempo presente. Esses prolongadores de informações podem enaltecer de maneira positiva ou negativa comunidades, culturas, povos.

Entre os mais diversos períodos e as diversas formas de perseguições ocorridas ao longo do tempo, mencionaremos as repressões que foram efetuadas contra as comunidades afroreligiosas no Brasil, levando em consideração os processos de repressão, pontos de resistências, as possibilidades e reparação. Assim, tratar os papéis desenvolvidos nos âmbitos culturais, jurídicos e sociais nos possibilita pautar, problematizar e efetuar apontamentos de novas ações a serem executadas que culminem em valorização do que antes era subjugado e reprimido.

As colocações das epistemologias decoloniais são aporte para compreender as configurações sociais presente no Brasil como em outros países que tiveram processos coloniais em suas breves histórias. Contudo, também são caminhos para reflexão, interpretação e leitura das relações que são constituídas ou mantidas até a contemporaneidade, como os inúmeros casos de violência contra as comunidades de terreiro no Brasil.

Essas reflexões e perspectivas podem de igual maneira se fazerem presentes ao pensar patrimônio cultural, quando partimos do pressuposto da concepção dos museus, da história da nação e seus símbolos, a esse último trata-se do resultado das narrativas que fundamentam a ideia de fundador da nação.

São inúmeras as instâncias de memória nas quais podemos identificar na atualidade que mantem as narrativas saudosistas com a glorificação dos colonizadores, saqueadores, entre outros adjetivos que podem ser atribuídos. Porém, entre as instituições mantedoras dessas narrativas enfatizamos os museus, por caracterizar espaços que alcançam diretamente os mais diversos grupos com as narrativas expositivas; a esse aspecto podemos ressaltar que a extroversão das mensagens expositivas pode atuar diretamente na construção das subjetividades.

Logo então, ao estabelecer e desenvolver abordagens que venham a problematizar as representações estereotipadas como as das comunidades afroreligiosas em discursos narrativos presentes em coleções, exposições e percorrer as possibilidades teóricas e metodológicas que contornem ou proponham possibilidades a situação existente.

3. “A Casa de Sergipe” e o Museu Galdino Bicho: entre materialidades, memórias e mito fundador

3.1. Herança do Mito Fundador e o Discurso das Materialidades

Um mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e ideias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo.
Marilena Chauí, 2000.

A ideia de mito fundador que permeia o imaginário da nação é fator predominante na manutenção das memórias e das representações, funcionando enquanto um semióforo⁹ que une o elemento visual ao discurso nele imbuído. Com isso, materializando discursos, como os presentes nas exposições e no que é dito sobre elas, em especial aos acervos institucionalizados nas esferas de grande prestígio sociocultural, encontramos distorções das realidades informacionais. A ideia de fundação ou de mito fundador no contexto brasileiro configura-se enquanto ferramenta de controle e moldagem social, e ao reconhecer a existência desta

⁹ Um semióforo é, pois, um acontecimento, um animal, um objeto, uma pessoa ou uma instituição retirados do circuito do uso ou sem utilidade direta e imediata na vida cotidiana porque são coisas providas de significação ou de valor simbólico, capazes de relacionar o visível e o invisível, seja no espaço, seja no tempo, pois o invisível pode ser o sagrado (um espaço além de todo espaço) ou o passado ou o futuro distantes (um tempo sem tempo ou eternidade), e expostos à visibilidade, pois é nessa exposição que realizam sua significação e sua existência. (CHAUÍ, 2000, p.9)

estrutura invisível será possível detectar as influências que ela possui nas esferas sociais.

Nessa abordagem Marilena Chauí (2000) apresenta aspectos que culminaram e sustentam essas estratégias de construção imaginária de Brasil a partir da chegada dos invasores portugueses no ano de 1500 e como foram desenvolvidas narrativas fortalecedoras que permeiam as ideias de pertencimento no meio social, embora haja inúmeras observações críticas que acabam por contrapor/expor a ideia unitária de nação brasileira sem problemas, conflitos ou hierarquizações nas esferas políticas, econômicas e socioculturais.

O que apresentamos aqui são colocações que se contrapõem ao imaginário homogêneo de nação brasileira. Evidenciamos alguns dos elementos pertencentes à configuração e aos modelos de sociedade no Brasil, buscando compreender os processos nos quais constitui-se a nossa estrutura social, demonstrando a existência das forças internas e externas que contribuíram para a configuração sociocultural existente. Forças essas que podemos encontrar no campo cultural, simbólico e estrutura social desigual em que as memórias privilegiadas em destaque não contemplam a maioria da população. Cabe salientar, ainda, que se estamos falando em uma determinação do primórdio do fundador, do que rege o imaginário da população brasileira, poderíamos realizar colocações de que grande parte dessa construção simbólica gera lugares que extrapolam as posições geográficas no sentido nato da palavra, evidenciando a realidade social e suas divisões.

Regina Abreu (2007) dispõe de algumas observações ao refletir as tensões e disputas que envolvem o patrimônio cultural, apresentando indagações sobre a memória social que é concebida à medida que são perpetuados discursos no entorno das materialidades, apontando como o reflexo dessas narrativas influenciam na configuração de mundo. Regina Abreu a respeito da construção de narrativas exhibe que: “Pois bem, “cultivar as datas históricas”, “venerar os vultos notáveis” da história nacional passava a ser o lugar, por excelência, de construção de uma narrativa capaz de agregar o conjunto da nação em torno das ideias de modernidade e de civilização.” (ABREU, 2007, p.269). A preocupação com a apresentação da história e das memórias do Brasil, com seu “passado glorioso”, tem por ideia efetuar recorte representativo, selecionando de tal forma os fatos, patrimônios e os grupos representativo deixando ao esquecimento a vasta diversidade cultural existente no Brasil e seus conflitos.

A interpretações dessas relações também podem ser compreendidas a partir dos museus, por serem espaços de representação social. A instituição museu é possuidora das ferramentas necessárias para execução e concepção das narrativas para perpetuar aspectos históricos aos quais deseja idealizar. Nas palavras de Chauí, quando associamos a ideia de mito fundador,

O mito fundador oferece um repertório inicial de representação da realidade e, em cada momento da formação histórica, esses elementos são reorganizados tanto do ponto de vista de sua hierarquia interna (isto é, qual elemento principal que comanda os outros) como da aplicação de seu sentido (isto é, novos elementos vêm se acrescentar ao significado ao significado primitivo). CHAUI, 2000, p.10)

Como observa a autora, a ideia de mito fundador ultrapassa o sentido epistemológico da palavra, para alcançar a narração pública. A esses vínculos com o passado, podemos identificar na realidade do presente os mitos de origem, que nos é ensinado através da educação, das datas comemorativas, das representação dos símbolos nacionais. Todavia, tais narrativas simbólicas partem do pressuposto imaginário, das ideologias que interpretam por vezes a história representativa da nação, a partir da história dos “conquistadores”, deixando a margem os povos originários, afro-brasileiros¹⁰, sem representação de igual forma.

De fato, em tais concepções o patrimônio cultural exerce função primordial na manutenção de alguns ideários. Os museus no Brasil, constituem parte fundante nos processos de representação, dado exposto que as narrativas que são construídas através dos objetos e das coleções podem/são perpetuadas ao longo dos séculos, formando um sistema complexo de informações, que para Gonçalves (2007, p.82) acontece quando há, “[...] uma extensa e complexa cadeia de ações sociais e simbólicas.” Com efeito modelador do imaginário social, percebemos que as narrativas simbólicas compõem alguns projetos de nação, e que o patrimônio cultural é um dos componentes desse processo. Logo então, as materialidades que compõem os museus constituem simbolicamente inúmeras relações e representações das relações, sejam elas sociais, culturais ou políticas. Gonçalves enfatiza ainda que,

Os museus têm sido associados, nas modernas sociedades ocidentais, aos espaços da “cultura”, no sentido da “cultura letrada”, da “alta cultura” ou da “cultura erudita”, por oposição às “culturas populares” ou à “cultura de massa”. Espaços demarcados social e simbolicamente, definem-se por uma relação de

¹⁰ A esses dois grupos, por vezes quando representados, são destinados a espaços ou narrativas subalternas.

supremacia ideológica frente a outras formas culturais. (GONÇALVES, 2007, p.83)

Questão fundamental a ser entendida para além de compreendermos os aspectos que envolvem os demarcadores sociais é necessário atrelar as novas perspectivas epistemológicas de compreender o patrimônio e a cultura material de forma heterogênea, cheia de particularidades e perspectivas distintas, ou nas reflexões de Walter D. Mingnolo (2008) uma “desobediência epistêmica”, que se propõe enquanto alternativa reflexiva, desvinculada da reprodução do pensamento eurocentrado. Assim, não cabe mais uma única vertente ou corrente epistêmica para compreender e problematizar as materialidades e simbolismos que lhe foram e são atribuídos.

Portanto, os efeitos disso refletem as escolhas do ideal a ser concebido, em uma teia de representação estruturante de exclusão. No entanto, essas demarcações dos espaços não seguem livremente sem problematizações e são pautas de reivindicações principalmente nas últimas décadas do século XX e início XXI, contestações que abrangem questões religiosas, étnicas, das realidades simbólicas e de memória.

Levando em consideração os aspectos aqui apresentados, poderíamos enfatizar que a ideia de mito fundador muito se relaciona à subalternização de alguns grupos em detrimento de uma minoria dominante (portadores de capital econômico e dos meios de difusão simbólica institucionalizada). Tal estrutura social está em constante busca pela manutenção dessas esferas.

Assim, de maneira hábil, esse e outros processos de construção nacionalista foram bem planejadas a fim de produzir símbolos e ideias. A construção do nacional está arreigada de facetas que mascaram e constroem narrativas a partir do que se escolhe ser dito. Poderíamos aqui mencionar a importância dos institutos históricos e geográficos, dos primeiros museus brasileiros, dentro desse percurso de construção de memórias e narrativas. O patrimônio cultural entendido nesse sentido engloba as concepções das disputas existentes, o que ABREU (2007) enfatiza enquanto uma nova ordem discursiva, que irá permear o campo de estudos da memória social, a fim de compreender as dinâmicas, contrapor as estratégias de memória de esquecimento nas mais diversas concepções. Abreu enfatiza ainda,

Entretanto, nem todas as sociedades se articulam do mesmo modo com a Memória Social. Diferentes concepções de tempo produzem diferentes

maneiras de trabalho da memória. Nas sociedades ocidentais modernas, o tempo é concebido enquanto um contínuo progressivo, com um passado, um presente e um futuro. Nas sociedades chamadas tradicionais, o tempo é representado como o resultado de uma espessura e de uma densidade espaciais, um tempo de eterno retorno, ou tempo cíclico, relacionado à observação dos fenômenos da natureza, de modo que se privilegiam fases sucessivas e regulares. (ABREU, 2007, p.264).

No entanto, devemos observar as particularidades de concepção de cada perspectiva de representação de tempo, a fim de impedir sobreposições ou imposições representativas. Partindo dessa concepção, Abreu (2007, p.264) menciona que a memória social pode ocorrer em duas concepções de tempo sendo eles: o linear e o cíclico; ao tempo linear “[...] os registros escritos, e, especialmente as noções de documento e de monumento.” Já na concepção cíclica, “[...] as narrativas orais e a memória social é construída por meio de festas, narrativas míticas, cerimônias e rituais.” Notaremos então a evidente diferença de concepção, que compõem enorme variação das possibilidades de narração simbólica, entendendo que não é possível aplicar um modelo universal de definição do patrimônio cultural ou concepção epistêmica, bem como sua representação.

Como observa Gonçalves (2007) a concepção de museu e a profissionalização de museólogos acarretou, uma “disciplinarização” do discurso museológico, o que ele caracteriza em “museu-narrativa” e “museu informação”. Ao primeiro, Gonçalves (2007, p.98) enfatiza que o destaque se baseia no objeto, assim “os objetos mantinham a sua capacidade evocativa, na medida em que existiam como mediadores simbólicos entre as famílias de elite e o espaço do museu, onde se representava a nação por meio de valores transcendentais dramatizados por heróis nacionais.” Referente ao segundo a concepção expressa preocupação com as estruturas conceituais,

os objetos passam a desempenhar uma função subordinada, já que a missão principal do museu passa a ser pensada como a de representar da maneira mais objetiva possível, isto é, por meio de estruturas conceituais, o cotidiano dos diversos grupos e categorias sociais que compõem a sociedade brasileira. (GONÇALVES, 2007, p.98)

Ambas as concepções expressam as influências em que os profissionais exercem em sua atuação. Neste sentido, a construção narrativa pode ser alterada, mantida, reconfigurada, porém irá depender das influências internas e externas que compõem os mecanismos de reprodução das memórias em seu espaço e tempo, levando em consideração as políticas culturais, as estruturas políticas, econômicas e

socioculturais vigentes, pois o museu aqui é entendido enquanto um dos elementos de narrativa simbólica.

Em face dessas colocações, podemos a partir dos estudos voltados ao patrimônio, sociedade, com viés direcionado para arqueologia, museologia e suas materialidades em museus, estabelecer um diálogo com o patrimônio, propondo então algumas perspectivas analíticas em instituições culturais. Isso inclui museus, centros culturais, centros de memória, entre outros.

Sabemos que, na história brasileira, foram muitos caminhos e muitos os empecilhos encontrados, sangue derramado, memórias e histórias negadas. Contudo, no caminho percorrido podemos mencionar a arqueologia e a museologia, essas duas áreas científicas surgem dentro dos primeiros museus, ocupando lugar de participação direta nas concepções que as instituições atualmente consolidadas no ramo da pesquisa científicas em seus eixos teóricos, práticos e metodológicos.

Diríamos ainda que a arqueologia brasileira, durante longos anos, esteve à disposição das camadas sociais dominantes, servindo-lhe aos interesses, mesmo que ainda não institucionalizada. Entre processos históricos que marcaram a consolidação da arqueologia no Brasil, podemos compreender como campo motivador o interesse em montar, remontar aspectos da presença e cultura humana a partir dos vestígios materiais. Para Funari,

Segundo um ponto de vista tradicional, o objeto de estudo da Arqueologia seriam as coisas, em particular os objetos criados pelo trabalho humano (artefatos), que constituiriam os “fatos” arqueológicos reconstituíveis pelo trabalho de escavação e restauração por parte do arqueólogo [...]. (FUNARI, 1988, p.10)

Partindo desta colocação, poderíamos, ainda, impulsionar os horizontes analíticos que busquem questionar a estrutura excludente. As coleções que são formadas conforme os procedimentos realizados pela arqueologia podem constituir narrativas libertadoras ou excludentes, mesmo estando definido os recortes de atuação. Ao compreender as intencionalidades presentes nas propostas executadas na narrativa patrimonial presente nos museus históricos principalmente será possível notar que algumas histórias, memórias e símbolos se sobrepõem as demais, gerando representações privilegiadas em detrimento do esquecimento e subalternização de outras. Nesse sentido, para Bruno

Administrar a memória ou manipular as referências patrimoniais - a partir de objetos, coleções e acervos - pressupõe um domínio seguro de métodos e técnicas, de conservação da materialidade e da retenção documental dos

sentidos e significados destas evidências materiais da cultura. Da mesma forma, gerenciar o equilíbrio entre os objetos expostos e as inúmeras possibilidades de linguagem de apoio - com o objetivo de propor um discurso expositivo - representa uma grande potencialidade de intervenção na vida do público. (BRUNO, 1999, p.84)

A ligação de construção do poder, fica evidente quanto paramos para analisar as potencialidades que podem ser formuladas no contexto patrimonial. No entanto, em um contexto mais amplo é possível identificar que o questionamento explanado por ela, no que diz respeito às “minorias” ou à representação das minorias, propõe estabelecer possibilidades de participação nesse processo, o que nos direciona a pensar em estabelecer/proporcionar ao “subalterno” o poder de reflexões, para que, deste modo, possam falar por eles mesmos.

Portanto, é evidente que o próprio eu e eles também é lugar de provocação e reflexões de uma autodenominação de classes, porém não anula ou se torna uma fala autônoma. Apoiado nessas reflexões fundamentamos, que a compreensão dos pressupostos de concepção de uma nação homogênea, não contempla as representatividades de todos os grupos pertencentes a nação brasileira, sendo necessário problematizar suas concepções fundadoras e isso engloba entender/questionar os discursos das materialidades.

Um caminho possível para tal compreensão dessas configurações, poderemos encontrar nas mais antigas instituições culturais brasileiras que resistem ao tempo, pois elas mesmas fazem a guarda dos registros, artefatos e algumas ainda reproduzem as narrativas aos moldes e perspectivas utilizadas no passado. Logo então poderíamos fundamentar as relações entre ideário de nação e mito fundador, que denota mais uma das estratégias de manutenção e hierarquização, utilizando-se dos vestígios materiais e da construção de uma narrativa enquanto ferramenta de manutenção da ideia de nação.

3.2 Colecionismo e Gabinetes de Curiosidades: a formação das coleções arqueológicas e museológicas no Brasil

A relação entre a humanidade e suas materialidades datam desde a “Antiguidade Clássica”¹¹ na Europa. Desde então sendo constituídas inúmeras coleções, sejam movidas pelos critérios como: raridade, belo, exóticos, que, por vezes, efetuava uma

¹¹ Termo geralmente utilizado pelos historiadores para referir-se as civilizações gregas, romanas.

valorização de recortes do passado ou um contexto narrativo. Movido por esse roteiro de ideias surge o colecionismo, dando forma às coleções particulares, depois tornaram-se públicas formando museus. No contexto brasileiro, as coleções e os museus são herdeiros das perspectivas da colonização. Em um perfil identitário representativo definido por Marcelo Bernardo da Cunha como

Se fosse necessário definir o perfil indenitário dos nossos museus veríamos que os mesmos representam predominantemente o segmento masculino, branco, cristão, abastado, heterossexual e com educação formal baseada em valores ocidentais tradicionais. Mas a sociedade, certamente, é mais ampla que este perfil, e todos precisam ser contemplados em nossos espaços de memória. Muitas são as referências que precisam vir à tona nesses espaços. (CUNHA 2017, p.84)

A afirmação presente nesse trecho exterioriza o cenário que necessita de reflexões proveniente da arqueologia, museologia e das demais áreas das ciências humanas e sociais aplicadas. As avaliações sobre museus nos ajudam a mensurar suas ações que deveriam acompanhar seu tempo, sem reproduzir exclusões de grupos não representados. As barreiras institucionalizadas em nossos museus são reflexos do processo de colonização que foram perpetuados ao longo dos séculos.

Quanto ao perfil identitários dos museus brasileiros, podemos mensurar que o contexto de sua concepção legou algumas premissas (formulação de ícones, de heróis nacionais) que permanecem até os dias atuais. Lilia Moritz Schwarcz (1993), em “O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil 1870 – 1930”, remonta alguns indícios e característica dos processos históricos e a formação dos museus e dos institutos históricos e geográficos, instituições essas que eram, e algumas ainda são, espaços oficiais de guarda da memória e história nacional. Contudo Schwarcz (1993) aponta ainda que se caracterizava a partir do século XIX, as primeiras instituições (museus), preocupadas em desenvolver o “espírito comemorativo”, enquanto fio condutor que marca uma das mudanças ocorridas nas perspectivas de museu, que até então caracterizava-se enquanto gabinete de curiosidades.

Schwarcz relata ainda sobre os modelos dessas primeiras instituições, “Essas primeiras instituições, mais conhecidas como *cabinets de curiosité*, eram, como o termo parece indicar, formadas antes para expor objetos à administração pública do que pensando para ensino e pesquisas científicos. (1993, p.68) E assim foram sendo concebidos outras instituições museológicas ao longo do tempo em suas mais

variadas perspectivas, os museus etnográficos, antropológicos e de história natural, sobretudo com a expansão e a “descoberta do “Novo Mundo” e o domínio colonial.

No contexto brasileiro, as primeiras instituições que datam o que Schwarcz (1993) chama de “era brasileiras dos museus” inicia-se com a criação do Museu Nacional (MN) em 1808, o Museu Paraense Emilio Goeldi (MPEG) em 1866 e o Museu Paulista (MP) em 1894. Essas instituições foram as responsáveis por desempenhar os estudos científicos, porém Schwarcz (1993) coloca que apesar de enriquecido com inúmeras doações o MN, estava “longe dos padrões científicos da época” e “Seu papel, era nesse primeiro momento, era antes de tudo comemorativo: arquivo de coleções e curiosidades, expostas sem qualquer classificação. (SCHWARCZ, 1993, p.71) Deixando evidente os perfis identitários que marcaram a concepção dos primeiras instituições museológicas no Brasil.

No entanto, outras instituições culturais surgem nesse mesmo período e desempenham funções semelhantes nos processos de desenvolvimento de guarda da memória e desenvolvimento das narrativas nacionais, são eles: O Instituto Histórico e Geographico Brasileiro, criado em 1839, o Instituto Archeologico e Geographico de Pernambuco, criado em 1862 e o Instituto Histórico e Geographico de São Paulo, criado em 1894, esses espaços como reitera Schwarcz em relação ao O Instituto Histórico e Geographico Brasileiro,

Criado logo após a independência política do país, o estabelecimento carioca cumpria o papel que lhe fora reservado, assim como aos demais institutos históricos: construir uma história da nação, recriar um passado, solidificar mitos de fundação, ordenar fatos buscar homogeneidades em personagens e eventos até então dispersos. (SCHWARCZ, 1993, p.99)

Assim, o passado histórico seria constituído e os institutos históricos e geográficos ficariam responsáveis por sistematizar as narrativas da “história oficial” brasileira, que evidente seria legado a representação das “ilustres personalidades”, por seus lugares econômicos e sociais e a partir dos contos, desses mitos de fundação da nação resultaria a história oficial. Criado em 1912 na cidade de Aracaju – SE, o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE) preserva algumas das concepções que os primeiros institutos almejavam: o de guardião da história oficial. De fato, os institutos históricos e geográficos concentram gigantesco acervo informativo com documentos, jornais, artefatos que correspondem a inúmeros momentos do passado brasileiro.

Reconhecido como a “Casa de Sergipe¹²”, o IHGSE está a mais de um século enquanto instituição ativa na produção de conhecimento, na guarda de conhecimento e materialidades que compõem aspectos da história sergipana. Como atribuído ao sua descrição enquanto “Casa de Sergipe”, nos remete as premissas de que o mesmo compõe um espaço institucional detentor da história oficial.

No ano de 1912, junto com a fundação do IHGSE, foi criado o Museu Galdino Bicho, espaço onde a coleção que a coleção pesquisada se encontra sob guarda. O IHGSE compõe um espaço que se assemelha aos antigos gabinetes de curiosidades, com seu caráter diverso de coleções e materialidades. Existe uma diversidade de tipologias e objetos presentes no Museu Galdino Bicho que variam em: coleções arqueológicas, paleontológica, mobiliária, funerário, artes plásticas, afro, religiosa, guerra, dentre outros.

FIGURA 02 – Fachada do IHGSE.



Fonte IHGSE: autor Douglas S. Neco, 2021.

Podemos visualizar na figura 02, no centro da imagem, o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe – IHGSE, a localização da ambiência investigativa dessa dissertação. Como a grande maioria das instituições de memória que são possuidoras dos reflexos do colecionismo, O IHGSE não é tão diferente quando é perceptível a

¹² Como mencionado por Samuel de Medeiros Albuquerque em: Falas da Presidência da Casa de Sergipe. In. História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe, 2014.

valorização das materialidades e narrativas das elites sociais, intelectuais em detrimento de outros acervos e coleções abandonados nas reservas para o esquecimento e quando exibidos, eles são colocados de maneira subalternas, como é o caso da “coleção Afro” que está sob guarda da instituição.

Vale ressaltar que IHGSE assim como os demais Institutos Históricos e Geográficos tem suas premissas pautadas no modelo de criação do IHGB. Nesse sentido são concebidos enquanto guardiões das memórias e histórias oficiais. Porém, como destaca Cristiane Vitória de Souza ao se referi aos discursos que foram pronunciados na fundação do IHGSE em 1912

Esta Instituição, assim como outras congêneres, foi criada com o intuito de promover estudos sobre a história e a geografia locais.

Mas esta não foi a única finalidade atribuída à instituição.

Florentino Teles de Meneses afirmou que o IHGSE serviria como um espaço para consagração dos intelectuais sergipanos: (SOUZA, 2014, p.45)

Evidenciando de maneira objetiva as intencionalidades que deveriam ser desenvolvidas através da instituição, a consagração de intelectuais e personalidades estabelecem de igual forma as perspectivas da construção narrativa da história da nação, sendo assim escolhidos os aspectos que se queira representar de um todo social. Souza (2014) menciona ainda que os critérios dessa participação e admissão estavam pautados no “capital social”. Critérios esses que a grande maioria da população não preenchia, já que para época o capital social poderia permear participação política, status financeiros, entre outros, o que acarreta em uma seleção minuciosa e uma exclusão dos demais que não contemplam tais critérios.

Podemos então perceber que as configurações de narrativas da construção nacional estão atreladas as escolhas do que e como devem ser representados os símbolos, histórias e memórias. E com essa mesma visão, junto a criação do IHGSE, é criado o Museu nas dependências da instituição que a princípio, como enunciado por Veronica Nunes, “Não possuindo coleções prévias apresenta-se um acevo de doações, cuja preocupação original era “guardar objetos sob os feitos da história de Sergipe”. (NUNES, 2014, p.187). Neste sentido, o museu da instituição para a ser parte do processos de construção de um ideário de nação ou de representação de nação através dos símbolos.

Nunes (2014) enfatiza ainda que a essa primeira instituição museológica em Sergipe tem uma base nas perspectivas dos gabinetes de curiosidades e do

coleccionismo. Quanto a isso podemos perceber na sua própria tipologia que logo nos remete ao espaço que buscava coletar e manter sob guarda as mais diversas tipologias e conjuntos de objetos, sejam enquanto mediadores na rememoração das personalidades e objetos de “curiosidade”.

No conjunto das reflexões podemos compreender que os usos do patrimônio cultural podem/foram utilizados enquanto ferramenta de uma produção mais ampla dos sentidos de nação. Essas construções simbólicas estão presentes nos nossos museus e instituições culturais, por vezes reproduzindo o ideário estereotipado de alguns grupos representativos, ideário esse que é reflexo do colonialismo.

4. Do campo investigativo à reparação: a retirada das camadas para apresentação da coleção

4.1. A retirada de Camadas: Os processos e as descobertas do que resistiu ao tempo

Não é tarefa fácil o desenvolvimento de pesquisas que envolvam os grupos historicamente subalternizado, quando compreendemos as configurações de manutenção simbólica através das materialidades. Contudo com base nas leituras das literaturas disponíveis e na pouca documentação encontrada iniciamos a busca dos vestígios que nos levassem a compreender e identificar as materialidades da “coleção Afro” que está sob guarda no Museu Galdino Bicho – IHGSE.

O formato metodológico, que foi realizado durante o processo que nomeamos de “estratigrafia da memória e do esquecimento”, nos permitiu a abertura dos caminhos que levaram as descobertas, sistematicamente essa proposta que utilizamos compõe uma metáfora conceitual que busca tornar visível o que se encontra/encontrava camuflado, escondido, enterrado na reserva técnica da instituição, e com isso, através da remoção das camadas que a sobrepõe encontraremos as materialidades ocultas.

Partindo desta perspectiva, revisitar a produção bibliográfica até então produzida sobre a referida coleção foi o primeiro momento de investigação, e a abordagens que mencionam ou tem como temática o contexto em que as materialidades estiveram presentes serviram de fio condutor das primeiras interpretações. Entre essas bibliografias, Beatriz Góes Dantas (2014) reportava em

seu artigo intitulado “Tambores Silenciosos: a saga dos objetos de terreiros no acervo do IHGSE”, invocando alguns dos questionamentos ainda carente de explicações, como os silêncios em que esses tambores continuam a passar durante longos anos, mais precisamente desde sua doação na década de 1940.

Nesta mesma linha de raciocínio o pesquisador Ilziver de Matos Oliveira (2014) aponta o contexto de apreensão das materialidades de terreiro durante esse período, mostrando que se trata de mais uma das facetas que estruturam o racismo e a intolerância contra as religiões de matriz africana e que, mesmo não estando previsto no Código Penal de 1890, ocorria as diversas interpretações que ocasionava as perseguições aos terreiros. Sendo imprescindível compreender que as batidas que ocorriam nos terreiros ocorriam dentro do vigor da lei, contudo manipuladas e movidas por um ideário de higienização dessa comunidade, além de não ser fato isolado, sendo também registradas em outros estados do país.

De fato, os processos de perseguição às comunidades afroreligiosas no Brasil são perversas e não ficaram inibidas, atuando nas brechas desse respaldo “legal” para execução de operações, apreensões de objetos do sagrado em terreiros. Essas ações foram as principais responsáveis por gerar os acervos afroreligiosos que compõem as coleções de inúmeras instituições brasileiras, passando a ser representadas enquanto testemunhos de narrativas simbólicas que não condizem com a realidade de origem, ou destinadas ao esquecimento. Janaina Couvo Teixeira Maia de Aguiar relata que

A repressão policial aos terreiros de Aracaju teve como um dos traços marcantes a execração pública dos adeptos. Destrói os instrumentos ritualísticos e levados ao constrangimento, pondo-os para “desfilarem nas ruas com as oferendas na cabeça”, em direção à Chefatura de Polícia. Os adeptos dos cultos tornam-se “visíveis” para a sociedade, transformam-se em “caso de polícia”. (AGUIAR, 2012, p.5)

A autora expõe os procedimentos que eram adotados pelos agentes de chefatura de polícia, que eram acompanhados de crueldade e humilhação pública. Ao compreender o conjunto de ações que eram aplicados durante esse período, nos vem o questionamento de que o desinteresse em retirar do silêncio essas materialidades podem ser reflexo desse processo violento.

Continuando em busca de indicações e informações nos deparamos ainda nos escritos de Aguiar (2012), ao abordar a perseguição aos terreiros de candomblé em

Aracaju, mensura a existência de um quantitativo maior dos objetos dessa coleção do que está exposto na exposição de longa duração do museu.

O que vai em desencontro de informações posteriores, enquanto Aguiar (2012) menciona a existência dos atabaques, de alguidar, de espada, de lança, de bengala, de quartinha, como parte da coleção apreendida pela chefatura de polícia, que também é mencionado na produção de Dantas (2014), diferente das autoras anteriores onde Verônica Nunes enfatiza que “Não Existe uma relação dos objetos que integravam essa coleção, mas restam bastante danificados, os atabaques (Rum, Rumpi, Ilê).” (NUNES, 2014, p. 196).

Demonstrando não haver um concesso de quantitativo como previsto por não haver uma relação de quais e quantos objetos pertencem a essa coleção, mas negando os apontamentos de existência de um número maior como mencionado em estudos anteriores.

Neste desencontro de informações, iniciamos a pesquisa de campo no IHGSE na busca por informações que nos auxiliassem a compreender e encontrar essas materialidades da “Coleção Afro”, do Museu Galdino Bicho. Em 24 de agosto de 2021, após inúmeras tentativas de contato com a instituição, em parte por estarmos passando por uma crise mundial em meio a pandemia do vírus COVID-19, onde o acesso as instituições e sobretudo as culturais estavam suspensas, conseguimos a autorização¹³ para pesquisa dos acervos e coleções do Museu.

A remoção das camadas requer remontar o percurso dessa coleção, assim seguir as produções realizadas até o momento foi crucial para remoção dessas camadas. Neste sentido, partimos em busca da documentação que data do período, enquanto caminho possível que vá de encontro aos vestígios dos registros desses objetos. E assim conseguimos chegar a dois documentos: o primeiro trata-se do Ofício nº 0568/46 de 24 de abril de 1946, do chefe de polícia Armando Leite Rolemberg do Departamento de Segurança Pública do Estado de Sergipe, dirigido ao então presidente do IHGSE, onde estava descrito que

1.- Constituindo Originalmente de Material que este acompanha e apreendido pela polícia, dos adeptos do baixo espiritismo, quando no exercício da macumba, tomou esta chefia a deliberação de envia-lo a esse sodalício, onde, de certo, despertará a curiosidade dos que se interessam pelo tradicionalismo. (Acervo Documental, IHGSE)

¹³ Seguindo todas as recomendações de segurança sanitárias que o momento exigia.

Esse primeiro registro documental foi o único encontrado durante a pesquisa que descreve o processo de entrada do acervo na instituição, não foram detectados existência de indicativos ou descrição dos objetos doados. Porém, um segundo documento: a Ata de sessão de 23 de abril de 1946 da diretoria do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, o recebimento do ofício do chefe de polícia, na ata descrito como, “[...] do Dr. Armando Leite Rolemberg, chefe de polícia do Estado, oferecendo ao museu do Instituto numerosas peças usadas pelos que se dão às práticas de xangô, macumba, candomblé, etc.” (Atas de Sessões do Instituto, 1946, p.199)¹⁴. Fica evidente na ata de sessão que as materialidades provenientes dessa doação embora não haja uma listagem com um quantitativo definido, supomos que podem ultrapassar um número maior do que os registrados até o momento.

Embora não haja nenhum documento que reitere a origem exata do(s) terreiro(s) onde esses objetos que compõem essa coleção foram apreendidos, Dantas (2014) aponta que os terreiros existiam na cidade de Aracaju em meados da década de 1940, encontravam-se

Espalhados principalmente nas zonas periféricas da cidade, os terreiros multiplicaram-se. Registros de sua presença aparecem na Getimana, no Grajeru, na Atalaia, na Jabotiana, no Dezoito do Forte, na Cidade Nova, na Tebaida, nas Cabeludas, na Rua do Bonfim, na Rua da Vitória, na Rua Porto da Folha, atrás da Alto de Dona Bebê, atrás da Caixa d' Água e no Aribé, nome antigo do atual Bairro Siqueira Campos. (DANTAS, 2014, p.27)

A partir dessa geografia podemos perceber um quantitativo aproximado dos terreiros que ocupavam o espaço da cidade, bem como compreender que o espaço geográfico nos impulsiona a visualizar os demarcadores sociais existente. Neste sentido cabe enfatizar que os espaços periféricos são em sua maioria ocupados por pessoas pretas, que possuem baixo capital econômico.

Retomando os passos investigativos e correndo contra o tempo logo após obter o acesso a instituição, fomos informados que haveriam início as reformas¹⁵ no IHGSE, junto ao meu orientador Fernando José Ferreira Aguiar, no curto período de tempo que tínhamos na ambiência investigativa. Com o auxílio do meu orientador que além de acadêmico é parte integrante de comunidade de terreiro, assim um auxílio essencial no reconhecimento das peças, com esse cenário de pesquisa e as indicações presentes na análise documental, buscamos retirar as camadas que

¹⁴ Ver a revista do Instituto Histórico e Geográfico, nº19, vol. XIV de 1945 -1948.

¹⁵ As reformas do IHGSE iniciaram em fevereiro de 2022 e permanecem até o presente momento.

ocultavam esses objetos sendo possível fazer uma estratigrafia dessas memórias que estavam sobrepostas, invisibilizadas na reserva técnica.

Desse modo, a coleção que antes era conhecida pelo conjunto de três atabaques (Rum, Rumpi, Lê.) foi ampliada para um total de 68 objetos das mais diferentes tipologias (líticos, cerâmicos, em metal, em madeira, de origem animal (ovinos, caprinos, bovinos e veados), que estão detalhados nas fichas de reconhecimentos, produzidas durante a investigação, anexas a esse texto dissertativo. Logo, é preciso mencionar que, na busca por documentações relativas a esses acervos (fichas, documentação, arrolamento), não foram encontrados quaisquer documentos para além dos já mencionados¹⁶. Esse estudo de caso reflete algumas das realidades existentes nos museus e instituições culturais brasileiras que são herdeiras dos colecionismos e das estruturas que possuem um mito de fundação pautados na exclusão.

As narrativas estabelecidas por meio dos gabinetes de curiosidades que, por vezes, tornaram-se Museus e contribuíram para a formação das coleções arqueológicas e museológicas no Brasil.

As violências são inúmeras, desde físicas a simbólicas. Na Figura 03 é possível visualizar dois atabaques de um conjunto de três, materialidades da exposição permanente do Museu Galdino Bicho, ao lado de um dos símbolos católicos. Diferente da Cruz que recebeu uma narrativa associada às religiosidades, os atabaques têm como identificação apenas Rum, Rumpi e Lê, sem ênfase aos processos que acarretaram sua entrada, como parte do acervo da instituição ou sua utilidade no contexto de origem, sendo foco de valorização o seu doador em detrimento da sua funcionalidade ou origem.

¹⁶ Ofício de doação e Ata de seção da presidência do IHGSE.

Figura 03. Atabaques em exposição, Museu Galdino Bicho.



Fonte IHGSE: autor Douglas S. Neco, 2021.

Diferente dos demais acervos que remetem ou rememoram personalidades, há existência de uma preocupação em documentar e comunicar, por via da disponibilização de informações organizadas em catálogos de pesquisa. Por esses apontamentos, é possível visualizar algumas das idealizações e interesses em espaços de memória. Aparentemente o museu reflete o imaginário do colecionismo Europeu, em que se expõe de quase tudo, estando presente na exposição desde urna funerária indígena, mobiliário, armas e capacetes usados por soldados durante a Segunda Guerra Mundial até a bandeira nazista em exposição. Fazendo ressoar em alto e bom tom o que Beatriz Góes Dantas diz:

Os processos de construção de memória consistem em pôr em destaque e valorizar certos aspectos de um dado evento, enquanto outros são deixados na penumbra. Silêncio e esquecimento são, portanto, elementos constitutivos da memória, que é seletiva por excelência. (DANTAS, 2014, p.21)

É possível dizer que o silêncio ainda permanece. As colocações feitas pela autora reforçam as possibilidades de intencionalidades que podem ocorrer ou serem construídas através dos processos e usos das memórias através dos objetos e do tempo. Assim, o objeto enquanto mediador embora silenciado pode ressoar, quando houver essa escolha representativa ou quera-se construir novas perspectivas, mesmo

que não continuem destinadas ao esquecimento. A respeito disso, mencionei em trabalho anterior (2021) enfatizando que,

Assim, esses aglomerados de objetos em instituições culturais podem e deveriam ser pesquisados, investigados em todos os setores da instituição, sabendo-se que os espaços institucionais serão responsáveis pela guarda dos objetos que por elas são recebidas desde o passo inicial, que seria o processo de aquisição e passando os demais processos, salvaguarda, comunicação incidindo em um conjunto de ações para melhor execução possível da valorização do acervo e das comunidades e cultura da qual ela fazia ou faz parte, respeitando os sistemas de significados. (NECO, 2021, p.3)

O autor reforça os processos necessários que possibilitam uma reflexão coerente no entorno das materialidades e suas significações, bem como aponta a necessidade de investigação/pesquisa em acervos que foram formados em períodos conflituosos. Neste sentido, as camadas que vão sendo retiradas durante os processos de investigação compõem processo fundamental na compreensão das relações simbólicas que são estabelecidas nas instituições oficiais de memória.

Deste modo, os objetos e as coleções fazem parte de um sistema de representações simbólicas que alcança a subjetividade de quem as visualiza. Mas também a descoberta e redescoberta podem ocasionar a justiça social indispensável as comunidades antes subalternizadas.

4.2. A Valorização e Documentação dos Achados

As colocações que nos trouxeram até aqui fundamentaram o desenvolvimento analítico das materialidades encontradas que ultrapassam os procedimentos técnicos de documentação, classificação e conservação. Ao evidenciar esses objetos em uma nova redescoberta estamos efetuando um dos primeiros processos de reparação representativa das memórias, sabendo que nos mais de setenta e seis anos em que a coleção esteve sob guarda da instituição não houve até o momento da realização dessa pesquisa a documentação e registro dos mesmos.

Podemos identificar após a realização da estratigrafia das memórias e do esquecimento, em que as materialidades estiveram submetidas projetamos outras dimensões agregadas a essa coleção. Por motivos de organização, para documentar estabelecemos a divisão seguindo as tipologias dos objetos, optamos que ficaríamos em cinco categorias, a fim de desenvolver uma melhor compreensão analítica dessas

materialidades, sendo elas: objetos cerâmicos, objetos líticos, objetos em metal, objetos em madeira e objetos zoo arqueológicos, que contém um total de sessenta e oito objetos distribuídos nas cinco categorias citados, como podemos visualizar nas tabelas 01, 02,03,04 e 05.

Tabela 01 – Objetos Cerâmicos

Objetos Cerâmicos			
Nº registro provisório	Nº Partes/unidades	Denominação	Descrição
001	3	Quartilhões	Conjunto com três quartilhões de cerâmica pintada a mão.
002	1	Quartinha	Cerâmica Nagô Tabatinga pintada a mão
003	1	Quartinha	Peça cerâmica em tamanho pequeno
004	1	Alguidar	Peça cerâmica em tamanho pequeno.
005	1	Alguidar	Agdá médio, pintado em azul (Parte externa), com o interior na cor branca.

Tabela formulada pelo autor, 2022.

No que tange o quantitativo presente na tabela 01, apresentada acima, podemos identificar objetos destintos: uma quartinha, três quartilhões e dois Alguidar. Em primeiro momento buscamos a identificação de cada objeto, analisando seu estado de conservação e suas características que iriam compor as fichas de reconhecimento da coleção. Porém nos interessava compreender seus usos dentro das cosmologias do candomblé, que ultrapassam o valor de utensilio domésticos e assumem papel essencial nos processos cosmológicos dentro das comunidades de terreiro.

Sabemos que ao chegar a uma instituição museológica os objetos perdem e ganham novas informações, o que não ocorreu com a Coleção Afro do Museu Galdino Bicho -IHGSE. Desde o início da pesquisa em 2021, ao buscarmos por informações dessa coleção em específico não foram encontrados listagem dos objetos, ou qualquer outro documento semelhante que identificassem as peças, com isso realizamos após o reconhecimento o arrolamento do acervo como descritos nas tabelas.

A esse processo Renata Cardozo Padilha descreve como “É o ato por meio do qual se realiza a contagem de todos os objetos que fazem parte do museu, sendo criada uma lista numerada para controle e identificação geral do acervo museológico. Refere-se a um primeiro reconhecimento detalhado.” (PADILHA, 2014, p.41). Sendo parte fundamental para controle e acesso as materialidades, não havendo esses procedimentos, ocorre o que Neco (2021) chamou de “exílio de objetos Afro – Religiosos”¹⁷, ao se referir aos objetos de comunidade de terreiro que foram apreendidos em inúmeros estados brasileiros e destinados aos espaços dos museus ou/e institutos geográficos e assim permaneceram/permanecem ao longo das décadas exilados, sem informações.

A falta de dados, de informações, contribui de maneira significativa com os processos de exclusão da representatividade de alguns grupos, reforçando a compreensão de que o tempo e espaço ainda sofrem com o reflexo das perspectivas da colonialidade. Contudo novos rumos podem ser alcançados ao ser estabelecidos nos procedimentos de reparação.

Tabela 02 – Objetos Líticos

Objetos Líticos			
Nº registro/tombo	Nº Partes/unidades	Denominação	Descrição
006	16	Seixos (ocultar)	Conjunto com dezesseis unidades de seixos (ocultar)
007	4	Seixos (ocultar)	Conjunto de quatro unidades de líticos Afro
008	1	Seixos (ocultar)	Objeto lítico Afro individual (2020/0615)
009	3	Seixos (ocultar)	Conjunto de Seixos (ocultar), três unidades, objeto lítico Afro individual (2020/0618)
010	1	Seixos (ocultar)	Seixos (ocultar), objeto lítico Afro (2020/0616)
011	4	Seixos (ocultar)	Conjunto com quatro unidades de Seixos (ocultar) representação de Oxum. (2020/0614)

¹⁷ Ver o artigo: Memórias ao Exílio: legados de representação negados e destinado ao esquecimento em reservas técnicas.

012	1	Chapanã (Nago)	Chapanã (Nago), em formato de cabaça. (2020/0609)
013	3	Seixos (ocultar)	Conjunto com três unidades de Seixos (ocultar), representação de Iansã. (2020/0613)
014	1	Seixos (ocultar)	Uma unidade de seixo (ocultar), representação de Oxalá. (2020/0611)
015	2	Seixos (ocultar)	Conjunto com duas unidades de seixos (ocultar), representação de Iemanjá. (2020/0610)
016	3	Seixos (ocultar)	Conjunto com três unidades de seixos (ocultar), representação de Nanã. (2020/0612)

Tabela formulada pelo autor, 2022.

Quanto a isso, podemos observar nas descrições presente na tabela 02, que corresponde a segunda categoria nominada de objetos líticos, essa parte da coleção corresponde a um total de trinta e oito líticos em variados tamanhos, formatos e cores, que está apresentada na tabela em sete conjuntos e duas peças individuais, que com o auxílio do Professor e Orientador Fernando Aguiar, foi possível identificar os objetos e associá-los as cosmologias que os mesmos representam para as comunidades de terreiro.

O lítico nesse sentido ultrapassa a barreira de vestígios, de utensílios produzidos e utilizados pela humanidade, e passa a compor a esfera imagética contínua e ativa, quando levamos em consideração que as significações continuam a existir. No candomblé o lítico é identificado como ocultar, sendo a materialidade onde será fixado o santo (Orixás), onde as características físicas (cor, formato, as rugas o polimento entre outros) desse objetos fazem referência conforme o Orixá.

Neste sentido o processo documental constitui novos rumos para representação a partir desses objetos, que até o momento entravam-se sendo largados ao esquecimento.

Tabela 03 – Objetos em Metal

Objetos em Metal			
Nº registro/tombo	Nº Partes/unidades	Denominação	Descrição
017	6	Xeré	Conjunto de seis Xeré em metal

Tabela formulada pelo autor, 2022.

Dentro da terceira categoria, criada e identificada na tabela 03, temos um conjunto de seis peças em metal (latão) que eram utilizados pela comunidade de terreiro enquanto instrumento musical. As peças foram encontradas com quase nenhuma informação, contudo foi possível observar uma etiqueta com três marcações numéricas distintas, que assimilaria a uma documentação, porém não encontrada.

Tabela 04 – Objetos em Madeira

Objetos em Madeira			
Nº registro/tombo	Nº Partes/unidades	Denominação	Descrição
018	1	Representação de Exu	Representação de Exu em madeira
019	1	Bengala	Bengala em madeira
020	1	Espada	Espada em madeira
021	1	Xeré	Xeré de Cabaça
022	1	Rum (Atabaque)	Rum (atabaque) solitário/sem conjunto

Tabela formulada pelo autor, 2022.

Seguindo a distribuição das materialidades por categorias temos os objetos em madeira, indicados na tabela 04, que compõem um total de oito, sendo eles os três atabaque anteriormente identificados em trabalhos como o de Dantas (2014), Aguiar (2012) e Nunes (2014), esse conjunto de atabaques faz parte da exposição de longa duração do museu, durante o processo de pesquisa estavam em exposição apenas os dois atabaques maiores (Rum e Rumpi), o terceiro encontrava-se em reserva técnica bastante danificado, e para nossa surpresa durante a busca encontramos um quarto atabaque (Rum) pertencente a mesma coleção.

Entre os objetos que compõem a tabela 04, temos também uma bengala, um xeré de cabaça, uma espada e uma representação de Exu, todos elementos presentes

nas simbologias representativas e nos espaços das comunidades de terreiro. Interessante enfatizar que a representação de Exu no candomblé significa o mediador, a divindade entre o mundo dos vivos e dos deuses, como enfatiza Clóvis Carvalho Britto, Fernando José Ferreira Aguiar e Janaina Couvo Teixeira Maia de Aguiar no artigo intitulado “Encruzilhadas museológicas: ressonâncias da presença/ausência de Exu no Museu Museu Afro-Brasileiro de Sergipe.”

No candomblé, Exu está presente dentro da sua concepção africana, enquanto uma divindade responsável pela comunicação, o mensageiro que recebe as primeiras oferendas para que as relações entre os indivíduos e as demais divindades possam ser construídas. (BRITTO; AGUIAR; AGUIAR, 2019, p.3)

Neste caso, cabe lembrar a forma violenta que se deu na retirada desse objeto da sua origem sendo desconsiderada qualquer tipo de dessacralização dessa materialidade. Logo então as cosmologias representativas atreladas as materialidades devem ser mencionadas, evitando assim novos apagamentos.

A documentação realizada segue a lógica de numeração sequencial, e estão ordenados a partir de 01 em ordem crescente, havendo diferenciação apenas em quando a coleção apresenta conjuntos, a esse atribuímos desdobramentos exemplo (conjunto de cinco peças identificado em numeração 05, ficariam 05/1, 05/2, 05/3, 05/4, 05/5), ordenando assim o conjunto.

A última categoria das cinco apresentadas, que está abaixo na tabela 05, é os objetos Zoo Arqueológicos¹⁸, que totalizam oito objetos de origem animal sendo eles: dois pares de mandíbulas (ovinos/caprinos), dois pares de chifre de veado articulados ao crânio, um chifre de veado de três pontas, um chifre de carneiro utilizado para armazenamento de pólvora, um chifre (bovino) grande utilizado para armazenamento de pólvora, e dois Xeré feitos de chifre. Algumas dessas materialidades são rigorosamente adornadas de símbolos, o que nos leva a compreender que dentro das cosmologias do candomblé compõem itinerário representativos atrelados as divindades.

¹⁸ Dentro da arqueologia temos uma área de pesquisa que se ocupa da identificação e interpretação de restos faunísticos (restos de animais). Esse campo de estudo se chama Zooarqueologia ou Arqueologia dos Animais. Ver Gabriela Mingatos. In. <https://arqueologiaeprehistoria.com/subareas-da-arqueologia/zooarqueologia/>.

Tabela 05 – Objetos Zoo Arqueológicos

Objetos Zoo Arqueológico			
Nº registro/tombo	Nº Partes/unidades	Denominação	Descrição
024	1	Chifre	Chifre de Veado, contendo os dois pares de chifres de três pontas sobre o crânio do animal (articulados) (2020/0594)
025	1	Chifre	Chifre de Veado de três pontas (individual) (2020/0598)
026	1	Chifre	Chifre de carneiro, armazenagem de pólvora (2020/0597)
027	1	Chifre	Chifre grande utilizado para armazenamento de pólvora. (2020/0602)
028	1	Xeré	Xeré feito de chifre sem cabo (2020/0601)
029	1	Xeré	Xeré de chifre com cabo (2020/0600)
030	2	Mandíbulas	Conjunto composto por dois pares de mandíbulas (ovinos/caprinos)

Tabela formulada pelo autor, 2022.

Essa divisão em cinco categorias é parte metodológica no processo de identificação da totalidade desses objetos, de maneira a estabelecer uma organização informacional que até então não existia. Outros elementos também foram atribuídos aos objetos dessa coleção mesmo que de forma temporária como o número de registro.

A partir desse esforço, conseguimos identificar, fotografar, listar, fazer as fichas de reconhecimento, estado de conservação, documentação, bem como apontar as simbologias desses objetos para a comunidade de terreiro. Como podemos observar na Figura 04, foram realizados a identificação das características físicas dos objetos

com atenção aos detalhes (qual tipo de material, altura, largura, circunferência) que junto ao seu histórico e cosmologias farão maior sentido e que iriam compor a ficha de reconhecimento desse acervo, exemplificada na Figura 05. A essa materialização das fichas de reconhecimento, estabelece a retirada dessa coleção do exílio em que se encontrava, removendo assim mais uma das camadas estratigráficas de memórias esquecidas.

Figura 04 – Identificação das peças



Fonte IHGSE: autor Douglas S. Neco, 2021.

Figura 05 – Ficha de Reconhecimento

46		
1. Reconhecimento da Peça:		
	<p>1.1. Nome da Instituição: Museu Galdino Bicho 1.2. Número de Registro: 001/2 1.3. Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946 1.4. Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação 1.5. Nome do Objeto: Quartilhão</p>	
<p>1.6. Descrição: Segunda peça de um conjunto de três. O objeto não apresenta rachaduras, encontrando-se em bom estado de conservação, sua pintura apresenta imagens de folhagens (pintada a mão). Não há partes quebradas, as alças medem 10 cm de comprimento lado direito, lado esquerdo 11 cm. Foi identificado na peça as inscrições 2020/0580 -2. A coloração do material utilizado é de uma cerâmica/argila em tom terroso avermelhado.</p> <p>Autor:</p> <p>Material: Cerâmica Dimensões - Altura: 37 cm Largura: 26 cm Profundidade: 20 cm Circunferência: 33 cm Peso: ----- Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo () 1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho 1.8 Classe: Cerâmica Afro 1.9 Sub-classe: Objeto de Culto 1.10. Origem : Desconhecida 1.11. Procedência : Desconhecida 1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.</p> <p>Bibliografia: NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE). 2014. ARACAJU. Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.</p>		
2. Observação:		

Ficha formulada pelo autor.

Neste rumo de coleta e sistematização das informações foi realizado a valorização dos objetos que até então estavam silenciados, adormecidos, sem nome, sem referência. Seguindo alguns dos procedimentos para documentação, atrelamos um número de registro¹⁹ temporário a cada objeto, tendo em vista a inexistência de

¹⁹ Número de registro – número estipulado pelo museu para o registro de identificação do objeto no acervo. Ver Renata Cardozo Padilha 2014. Documentação Museológica e Gestão de acervo.

documentação desse acervo. O número de registro temporário atribuído foi o numérico sequencial respeitando os desdobramentos das peças que compõem conjuntos, na descrição presente nas fichas atribuímos as informações dos usos e representações que ultrapassam as descrições físicas.

Assim, poderemos efetuar a primeiro contexto de reparação simbólica do que se encontrava esquecido, através da valorização, identificação, sistematização das materialidades que é a reparação documental. Os objetos e as coleções irão compor novas ressonâncias com sua carga simbólica junto ao seu grupo representativo.

Como podemos observar nas Figura 06, apresentada abaixo, os reflexos do abandono de acervos da Coleção Afro do Museu Galdino Bicho – IHGSE, presente em reserva técnica, desde 1946, sem nenhum tratamento, conservação, documentação e divulgação comunicacional, em contraste com a Figura 07, bem como as figuras anteriores, dos processos de identificação que estabelecem as premissas informacionais necessárias que até então não tinham sido realizadas.

Figura 06. Coleção em Reserva Técnica.



Fonte IHGSE: autor Douglas S. Neco, 2021.

Figura 07. Registro Fotográfico

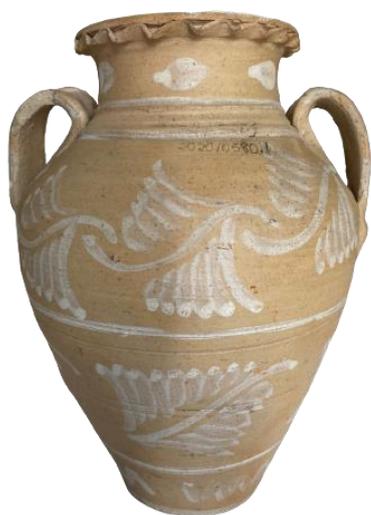


Fonte IHGSE: autor Douglas S. Neco, 2021.

As esferas simbólicas ressoam no meio social, quanto a isso destaco a longevidade das narrativas atribuídas através das materialidades que estão na base de fundamentação do que se deve ou não ser representados na história e memória oficial. Logo abaixo temos dois exemplares que fazem parte da Coleção Afro, na

Figura 08 encontra-se o registro fotográfico de uma Quartinha e na figura 09 um Quartilhão, esses dois recipientes encontravam-se em reserva desassociados da coleção e atribuídos juntos as demais cerâmicas presentes no setor museológico enquanto “artesanato sergipano”, sem qualquer referência as cosmologias do candomblé.

Figura 08 – Quartinha.



Fonte IHGSE: autor Douglas S. Neco, 2021.

Figura 09 – Quartilhão



Fonte IHGSE: autor Douglas S. Neco, 2021.

Percebe-se então o conjunto de duas ações, a primeira diz respeito a falta de conhecimento das materialidades e suas representações, tendo em vista o contexto de violência em que foram adquiridas. O segundo diz respeito ao desinteresse daqueles que ao longo de mais de setenta anos “evitam” o reconhecimento dos processos autoritário de deturpação e ocultação da memória. De fato, isso nos leva a concluir que as inúmeras lacunas informacionais existentes pelos longos anos em que a coleção esteve sob a guarda da instituição.

Nesse novo panorama, a Coleção Afro do Museu Galdino Bicho que se encontra negligenciada a mais de setenta anos, tem a possibilidade de ser reconhecida dentro da documentação produzida durante essa pesquisa. A partir disso

não teremos justificativas institucionais do “não conhecimento” da existência dessas materialidades, bem como os significados cosmológicos a eles atribuídos.

A reparação documental logo então extrapola as caracterizações dos aspectos visíveis das materialidades, os líticos recebem seu reconhecimento enquanto ocultar, objetos que no candomblé representam alguns dos Orixás.

Figura 10 – Ocultar de Oxum



Fonte IHGSE: autor Douglas S. Neco, 2021.

Figura 11 – Ocultar de Iansã



Fonte IHGSE: autor Douglas S. Neco, 2021.

Dentro da investigação da coleção foi possível identificar o simbólico das peças como podemos visualizar nas duas Figura 10 e 11, exibidas acima, a primeira refere-se ao ocultar que representa Oxum²⁰, orixá rainha da água doce associada aos rios e cachoeiras, representação da sabedoria feminina. A segunda representação o Ocultar de Iansã ou Oiá, orixá com temperamento forte, com traços marcantes de personalidade e possuidora dos poderes de encaminhar os mortos ao Orum²¹. Neste sentido, a documentação pode estabelecer novos rumos de tratamento e entendimento através dos objetos.

Apontamos aqui o conjunto de sessenta e oito objetos identificados na coleção Afro do Galdino Bicho, que sofrem a negligência representativa. Contudo cabe apontar que essa não é a única no contexto brasileiro, são inúmeras as coleções e objetos que estavam e ainda estão nesse mesmo rol de ocultação.

²⁰ Ver Reginaldo Prandi. Mitologia dos Orixás.

²¹ Mundo espiritual.

4.3. Potencial Reparador Através das Materialidades

No contexto brasileiro as questões raciais foram e continuam sendo um debate fundamental devido ao histórico de exploração dos corpos negros em seu tempo histórico e na atualidade, no circuito cultural não é tão diferente. Em um país marcado por séculos de escravidão, as exclusões da participação do negro na construção representativa do nacional são gritantes.

Quanto a isso podemos perceber a perseguição aos cultos das comunidades de terreiro, que mesmo após assegurado na constituição de 1891 a liberdade de culto, as estratégias de exclusão continuavam sendo realizadas. São inúmeros os exemplos desse processo, como o caso da Coleção Perseverança que hoje encontra-se sob guarda do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL), coleção de objetos que foram apreendidos no acontecimento que ficou conhecido como Quebra de Xangô em meados da década de 1912, esses objetos do sagrado reunidos são frutos da repressão contra as religiosidades e podem/devem serem questionados enquanto possibilidade de reflexão e ressignificação de memórias.

A essa ressignificação de memórias podemos exemplificar a “Coleção de Magia Negra”, do Museu da Polícia do Rio de Janeiro, como aponta Alexandre Fernandes Corrêa (2007) essa foi a primeira coleção etnográfica a compor o Livro de Tombo Arqueológico, Etnográfico e paisagístico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). A nomenclatura atrelada a essa coleção em 1938 deixa evidente o teor de subalternização pautada na intolerância religiosa e marginalização da cultura negra.

Utilizando dessas justificativas a “Coleção de Magia Negra” reúne 523 peças religiosas de matriz africana e afro-brasileira que foram apreendidas entre 1889 e 1945. Contudo, seguindo uma lógica que estabeleça formas de reparação social junto aos grupos e comunidades marginalizadas são estabelecidos contrapontos, evidenciando o potencial que pode ser alcançado na reinterpretação e valorização da cultura material. A denominada “Coleção de Magia Negra”, após longos anos de luta das comunidades e líderes do Candomblé e da Umbanda da cidade do Rio de Janeiro, para com a devolução dos objetos, a coleção passou por uma ressignificação com a participação da comunidade influenciou na mudança da descrição da coleção, que, passa a ser chamada de Nosso Sagrado, com isso ganhando novos rumos

interpretativos e narrativos ao ser transferido para o Museu da República do Rio de Janeiro.

Assim, o patrimônio cultural cumpre o papel mediador de valorização da religiosidade do povo de santo, diríamos ainda que sua inserção no Museu da República do Rio de Janeiro cumpre desempenho representativo tendo em vista o teor de valorização desse espaço na construção e representação dos aspectos do nacional. No mesmo contexto de exemplos que destoam da realidade excludente desse período e que ganham novos rumos de reparação social, assinalamos a devolução da Cadeira de Jubiabá apreendida em 1921, ficando sob guarda do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia – IGHB. Porém cabe relatar as associações que eram realizadas a essas comunidades e suas materialidades, Renata da Silva Cardoso relata que,

O ofício de encaminhamento escrito pelo subdelegado do distrito da Cruz do Cosme, Antônio Theodoro Coelho, oferecendo a cadeira ao IGHB, demonstra como o preconceito se manifestava na denominação dos objetos. Neste documento se percebe, de forma nítida, como um “apetrecho” pertencente a um mundo considerado pelo representante da Segurança Pública como “criminoso” e moralmente perigoso, é transferido ao “museu” para sua “conservação”. (CARDOSO, 2019, p.7)

Contexto semelhante ao que ocorreu na cidade de Aracaju, a associação das práticas religiosas das comunidades de terreiro a criminalidade, ao perigoso, entendemos então que se tratava do controle social através da repressão. No caso da Cadeira de Jubiabá ela foi devolvida em 2015, retomando ao seu lugar de origem (Terreiro Mokambo, em Salvador/BA), sendo recebida pelo atual líder e reinserida na comunidade que era pertencente.

Indicando que infelizmente mesmo após o processo de redemocratização com a constituição de 1988, outros incidentes ainda ocorrem no contexto brasileiro movidos pela intolerância religiosa. Porém, devemos nos atentar que o processo de desmistificação das religiões afro-brasileiras. No entanto, cabe mencionar que para que isso ocorra é necessário a ação conjunta em todas as esferas socio, políticas e cultural.

De fato, o patrimônio cultural é possuidor de potencial que ocasione a reparação social necessária aos grupos que antes eram subalternizados e excluídos dos contextos representativos, de maneira coesa com a diversidade étnica, social, cultural e religiosa.

5. Considerações Finais

Os desafios não devem ser subestimados. Nesta dissertação discutimos inúmeros fatores que podem exercer de diferentes formas o poder de narrativa para com o patrimônio cultural, aos questionamentos aqui percorridos em seus termos teóricos e metodológicos enfatizo as conexões que são estabelecidas de maneira interdisciplinar entre a arqueologia e a museologia.

É sob a influência de ambas que as fundamentações e abordagens sobre os objetos de cultura material se estabelecem enquanto campo tensionado que engloba as entrelinhas do pensar patrimônio. Em primeiro momento podemos notar que essas duas áreas científicas, embora cada com as suas especificidades, se cruzam, se conectam ao abordar e discutir as materialidades, os objetos, as coleções dos objetos, os museus e as instituições de guarda.

De fato, as configurações que são construídas a partir dos objetos são inúmeras, assim, compreender o objeto enquanto experiência material da humanidade e além disso compreender alguns dos aspectos socioculturais que estiveram/estão presentes nas vivências humanas, e que são atreladas a um sistema de objetos atribuídos de sentidos e representações no tempo presente, informações essas nas quais devem ser rigorosamente analisadas, a fim de evitar exclusões representativas. Percebemos então os objetos e coleções de objetos enquanto mediadores de informações de maneira atemporal e com isso possível de manipulação de suas narrativas, manutenção ou criação de novas que podem gerar conflitos.

Dessa forma, ao propor nessa dissertação a estratigrafia da memória e do esquecimento, estamos estabelecendo metodologias de investigação do contexto em que a “coleção afro” se encontra atualmente. A retirada das camadas que ocultam essas informações possibilita novas interpretação e compreensão dos processos que as mantiveram ocultas.

Para isso, a utilização da perspectiva teórica da decolonialidade foi de tal modo indispensável na compreensão das estruturas de poder que atua diretamente na colonialidade do ser, do saber e do poder. A compreensão das forças sociais que acedem e permanecem até a contemporaneidade foram imperativas, pois fundamenta os questionamentos estruturais que perpetuam verdades absolutas, a decolonialidade do pensamento nos permite aprimorar o potencial questionador, a fim de estabelecer

a compreensão do sistema mundo, bem como a compreensão de nós mesmo dentro dessa estrutura sociocultural.

A esse compreender de nós mesmos ou dos espaços e materialidades que nos representam quando percebemos que as materialidades representativas presentes em espaços oficiais de memória, como é o caso do Museu Galdino Bicho, está estruturada em uma perspectiva que é reflexo do colonialismo.

As materialidades então são lidas enquanto mediadoras de memórias e histórias que a elas são atribuídas, e por vezes irão ser reflexos de um ideário de nação ou nas palavras de Chauí (2000) uma “herança do mito fundador”. Contudo fica evidente que essas configurações representativas não contemplam as mais variadas comunidades existentes no Brasil. Nesse sentido compreender as intencionalidades da narrativa de ideia da nação é compreender e encontrar o que foi delegado ao esquecimento.

No campo investigativo dessa pesquisa utilizamos enquanto metodologia a retirada das camadas simbólicas que ocultavam através dos anos as materialidades que compõem a Coleção Afro do Museu Galdino Bicho. A partir da retirada dessas camadas foi possível encontrar algumas das materialidades que até então não eram conhecidas.

O processo de pesquisa buscou condensar, sistematizar e compreender através das produções bibliográficas quais eram as materialidades existentes do contexto de apreensão em meados da década de 1930 – 1940 na cidade de Aracaju, e através de produções como as de Dantas (2014), Aguiar (2012), Nunes (2014), Oliveira (2014), foi possível traçar caminhos investigativos. Ao que se refere a documentação que está atrelada a coleção é inexistente mesmo após passarem mais de setenta anos a instituição não desenvolveu a produção de registro ou identificação dessas materialidades, diferente dos objetos, obras e demais coleções que foram doadas ou pertenceram a pessoas “ilustres” do estado e intelectuais que são possuidoras de catalogação.

Da doação dos objetos ao IHGSE temos conhecimento apenas do ofício de doação da chefatura de polícia ofertando para instituição em 1946 os objetos enquanto “exóticos”, que despertará o interesse dos intelectuais, e a Ata da Diretoria da instituição informando a oferta e recebimento dos objetos.

Com isso a retirada de camadas carecia do reconhecimento de pesquisadores que tivessem os conhecimentos necessários para reconhecer os objetos dentro das cosmologias religiosas que eles faziam e fazem parte, e assim foi feito. Através da

estratigrafia da memória e do esquecimento a Coleção Afro, que antes era conhecida por um conjunto de três atabaques, cresce de maneira surpreendente, passando a compor um total de sessenta e oito objetos, que a partir desse momento iria passar por novas redescobertas.

Fazendo uso dos instrumentos necessários iniciamos o registro com fotografias, documentação, catalogação, que levassem em consideração os aspectos simbólicos da religiosidade, pois trata-se de objetos de culto. O exílio na reserva técnica ocasiona um impacto de narrativas, no entanto ao documentar, expor e valorizar o simbólico estamos realizando o primeiro processo que é a reparação documental e junto a ela a indicação das especificidades que iram passar ao senso comum de interestação.

Ao mesmo tempo as perspectivas da decolonialidade se fazem presentes, pois diferente dos reflexos da colonialidade ela propõe a ruptura interpretativa se opondo a reprodução sistematizada que perdura a séculos. Neste sentido, ao reconhecer o objeto lítico enquanto ocultar, indicar a função dos objetos dentro, para além das suas características físicas, químicas, estabelecemos novas possibilidades representativas e a reparação das memórias simbólicas que estavam deturpadas, subalternizadas no enredo patrimonial.

As colocações feitas nesse processo investigativo não buscaram impor verdades absolutas, mas apontar possibilidades de reparação e dignidade social representativa através dos objetos das coleções. Em uma abordagem interdisciplinar que engloba a Arqueologia, o patrimônio e suas relações com a sociedade, estabelecendo contribuições significativas que resultem em justiça social.

6. REFERÊNCIAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (orgs.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. São Paulo: Lamparina, 2009.

ABREU, Regina Maria do Rego. Patrimônio Cultural: tensões e disputas no contexto de uma nova ordem discursiva. In. BELTRÃO, Felipe Jane; ECKERT, Cornelia; LIMA FILHO, Manuel Ferreira. (Org.) **Antropologia e Patrimônio Cultural: diálogos e desafios contemporâneos**. Nova Letra, Blumenau/SC, 2007, p.263-285.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Livro de Ata nº 3, da Diretoria do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, de 23 de abril de 1946. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

AGUIAR, Janaina Couvo Teixeira Maia de. “Objetos exóticos e do baixo espiritismo”: a memória da repressão da polícia aos terreiros de Aracaju no acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. **MUSEITEC – Museologia, Tecnologia e Patrimônio Cultural, Laranjeiras - SE**, ano 2012, v. 1, n. 1, p. 1-17, 1 dez. 2012. Disponível em: <https://sites.google.com/site/revistamuseitec/>. Acesso em: 11 out. 2021.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. (Org.). **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. Belo Horizonte/MG, Autentica Editora, 2º ed. 2019.

BRASIL. Cadastro Nacional de Museus (CNM). **Museus em Números**. Brasília-DF, 2021. Disponível em: Acesso em: 02 de dezembro de 2021.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Museus de Arqueologia: uma história de conquistadores, de abandono, de mudanças. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo, n. 6, 1996.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Musealização da Arqueologia: caminhos percorridos. **Revista de Arqueologia**, v.26, v.2, p.04–15, 2014. Disponível em: <<https://revista.sabnet.org/index.php/sab/article/view/379>>. Acesso em: 01 de jun. 2021.

BRITTO, Clovis Carvalho; AGUIAR, Fernando José Ferreira; AGUIAR, Janaina Couvo Teixeira Maia de. Encruzilhadas Museológicas: ressonâncias da presença/ausência de Exu no Museu Afro-Brasileiro de Sergipe. **Anais do Museu Paulista. São Paulo - SP, Vol.27, p.1-29, 2019**. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.1590/1982-02672019v27e20> Acesso em 10 de dezembro de 2022.

CARDOSO, Renata da Silva. Coleção Afro-Brasileira do IGHB: entre a apreensão e a doação. In. **Anais do XV ENECULT, Salvador – BA, 2019**. Disponível em: <http://www.xvenecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/112414.pdf> Acesso em: 01 de janeiro de 2023.

CARVALHO, José Jorge de. Encontro de Saberes e descolonização para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. In. BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. (Org.). **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. Belo Horizonte/MG, Autentica Editora, 2º ed. 2019, p.79-106.

CORRÊA, Alexandre Fernandes. Metamorfose Conceituais do Museu de Magia Negra: primeiro patrimônio etnográfico do Brasil. In. BELTRÃO, Felipe Jane; ECKERT, Cornelia; LIMA FILHO, Manuel Ferreira. (Org.) **Antropologia e Patrimônio Cultural: diálogos e desafios contemporâneos**. Nova Letra, Blumenau/SC, 2007, p.287-318.

CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. Museus, Memórias e Culturas Afro-brasileiras. In. **Revista do Centro de Pesquisa e formação**. n.º.5, 2017. Acessado em 20 de junho de 2018. Disponível em: <<https://www.sescsp.org.br/files/artigo/4e6f109d/d1c0/4350/953c/c36cbae0f9fc.pdf> > Acesso em: 20 de maio de 2022.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo - SP, Editora: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CHAGAS, Mário. Memória Política e Política da Memória. In. ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (orgs.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. São Paulo: Lamparina, 2009.

Dantas, Beatriz Góes. Tambores Silenciosos: a saga dos objetos de terreiros no acervo do IHGSE. **Revista Do Instituto Histórico E Geográfico De Sergipe**, (44). Recuperado de <https://seer.ufs.br/index.php/rihgse/article/view/11941>. Acesso em: 20 de janeiro de 2022.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. Tradução: CURY, Marília Xavier; SOARES, Bruno Brulon. São Paulo: Armand Colin, 2013.

DOHAM, Marcus. O objeto e a experiência material. **Revista: Arte & Ensaios**. n.20. julho de 2010. Disponível em: <https://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2012/01/ae20_Marcus_Dohmann.pdf> Acesso em: 20 de junho de 2022.

FERREIRA, Menezes Lúcio. **Território Primitivo: a institucionalização da arqueologia no Brasil (1970-1917)**. Campinas – SP, 2007.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Arqueologia**. São Paulo – SP, Editora Ática, 1988.

GOMES, Nilma Lino. In. BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGUÉL, Ramón. (Org.). **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. Belo Horizonte/MG, Autentica Editora, 2º ed. 2019, p.223-246.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In. ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (Org.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. São Paulo: Lamparina, 2009.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos Objetos: Coleções, Museus e Patrimônios**. Coleção Museu, Memória e Cidadania, Rio de Janeiro – RJ, 2007.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In. BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGUÉL, Ramón. (Org.). **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. Belo Horizonte/MG, Autentica Editora, 2º ed. 2019, p.27-54.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Traduzido por: Ângela Lopes Norte. In Caderno de Letras da UFF – **Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº 34, p. 287-324**. Disponível em: http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

MORAES-WICHERS, Camila Azevedo. Sociomuseologia e Arqueologia Pós-processual: conexões no contexto brasileiro contemporâneo. **Cadernos de Sociomuseologia**. nº 7-2016. Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/5491/3441>> Acesso em: 20 mai. 2021.

NECO, Douglas Santos. Memórias ao Exílio: legados de representação negados e destinado ao esquecimento em reservas técnicas. In. **Anais. X Seminário Nacional do Centro de Memória-Unicamp – Independência ou Morte? Memórias do Brasil (1822-2022)**. Campinas - SP. Centro de Memória-Unicamp (CMU), 2021. Disponível em: <https://www.xseminarionacionalcmu.com.br/site/anais>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.

NUNES, Verônica Maria Meneses. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. In. **Histórias, Memórias e Comemorações na Casa de Sergipe**. IHGSE, Aracaju – SE, 2014, p. 187-199.

MOLES, Abraham A. **Teoria dos objetos**. Editora tempo brasileiro, Rio de Janeiro-RJ, 1981.

OLIVEIRA, Ilziver de Matos. Perseguição aos Cultos de Origem Africana no Brasil: o direito e o sistema de justiça como agentes da (in)tolerância. In. **Sociologia, Antropologia e Culturas Jurídicas: XXIII Encontro Nacional do CONPEDI**. Disponível em: <<http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=13d83d3841ae1b92>> Acesso em: 27 de maio de 2022.

PADILHA, Renata Cardozo. **Documentação Museológica e Gestão de Acervo**. Coleção Estudos Museológicos. FFC Edições, Florianópolis, v. 2, 2014, p. 23-24.

PROUS, André. **A Arqueologia Brasileira**. Brasília – DF, UNB, 1992.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. Companhia das Letras, São Paulo – SP, 2001.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte - MG: Letramento, 2017. 112 p. (Feminismos Plurais).

SOUZA, Cristiane Vítório de. Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe: Espaço de consagração intelectual e intervenção social (1912-1929). In. **Histórias, Memórias e Comemorações na Casa de Sergipe**. IHGSE, Aracaju – SE, 2014, p. 187-199.

SANT'ANNA, Marcia. A Face Imaterial do Patrimônio Cultural. In. ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (orgs.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. São Paulo: Lamparina, 2009.

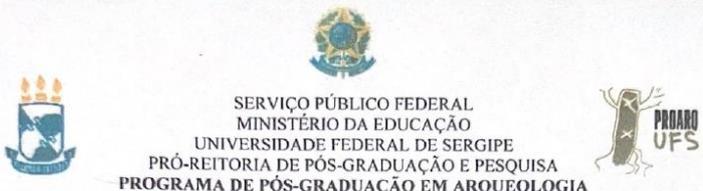
SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

SCHAAN, Denise Pahl; BEZERRA, Marcia (orgs.). **Construindo a arqueologia no Brasil: a trajetória da Sociedade de arqueologia brasileira**. Belém – PA, GKNORONHA, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870 – 1930**. São Paulo - SP, Companhia das Letras, 7ª reimpressão, 2007.

APÊNDICE A –

Autorização de acesso ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe – IHGSE



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

APRESENTAÇÃO

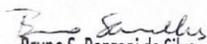
Prezada, Aglaé d'Ávila Fontes,
Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe,

Apresentamos o acadêmico **Douglas Santos Neco**, aluno regular do Programação de Pós-Graduação em Arqueologia – Mestrado, devidamente matriculado na Universidade Federal de Sergipe - UFS, sob o número **202111009682**, que está realizando a pesquisa intitulada “Diáspora Africana e Cultura Material: Uma Análise dos Acervos e Coleções no Museu Galdino Bicho (IHGSE)”.

Para realização de sua pesquisa, o discente necessita de acesso aos acervos do Museu Galdino Bicho, bem como aqueles acondicionados em reserva técnica. Estamos cientes que o ingresso, caso aprovado, seja feito dentro das diretrizes sanitárias definidas pela entidade, com o EPI necessário.

Sem mais, ficamos à disposição.

Atenciosamente,


Bruno S. Ranzani da Silva
 Nº 1893804
 Coordenador / Proarq / UFS

Prof. Dr. Bruno Sanches Ranzani da Silva
 Coordenador – Proarq
 Gestão 2020 - 2022


IHGSE
 Aglaé d'Ávila Fontes
 PRESIDENTE

Programa de pós-graduação em arqueologia (Proarq/UFS)
 Praça Samuel de Oliveira, s/n. centro – Laranjeiras/SE – 49170-000

Ofício Número 0568/46 (Doação do Acervo ao IHGSE)

IHGSE, A. a. Cx 052, Rec. 3136
Rec. 23/4/1946
Rec. 56



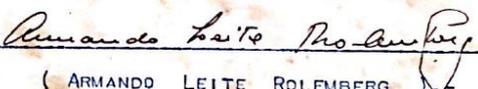
ESTADO DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE SEGURANÇA PÚBLICA

LM/ALR. - ARACAJÚ, 24 DE ABRIL DE 1946. -
OF.º NÚMERO 0568/46. -

SENHOR PRESIDENTE,

1.- CONSTITUINDO ORIGINALIDADE O MATERIAL QUE ESTE ACOMPANHA E APREENDIDO PELA POLÍCIA, DOS ADEPTOS DO BAIXO ESPIRITISMO, QUANDO NO EXERCÍCIO DA MABUMBA, TOMOU ESTA CHEFIA A DELIBERAÇÃO DE ENVIÁ-LO A ESSE SODALCÍO, ONDE, DE CERTO, DESPERTARÁ A CURIOSIDADE DOS QUE SE INTERESSAM PELO TRADICIONALISMO. -

2.-SERVINDO-SE DO MOMENTO VOS RENOVA PROTESTOS DE CONSIDERAÇÃO E APREÇO. -


 (ARMANDO LEITE ROLEMBERG)
 CHEFE DE POLÍCIA. -

AO ILMO. SR. BACHAREL JOSÉ DE CALAZANS BRANDÃO,
D. D. PRESIDENTE DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SERGIPE.
NESTA CAPITAL. -

Ata de Sessão do IHGSE – 1946 (Revista IHGSE, 1946, p. 195-226)

— 199 —

desta Capital, oferecendo à biblioteca um exemplar do Almanaque do Pessoal do Ministério da Fazenda, de 1945; do Diretor Geral da Fazenda do Estado do Maranhão, remetendo volumes que lhe foram pedidos; do Secretário da Fazenda do Estado do Rio Grande do Sul, em idêntico sentido; do Diretor do Departamento da Fazenda deste Estado, enviando um sofá antigo para o museu de arte; do Diretor da Imprensa Oficial do Estado de Minas, comunicando ter atendido a um pedido do Instituto; do Diretor da Escola Industrial de Aracaju, em idêntico sentido; do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, (três) sobre assuntos diferentes; do Secretário-geral do Conselho Nacional de Geografia (dois) também sobre assuntos diferentes; do Dr. Armando Leite Rolemberg, chefe de polícia do Estado, oferecendo ao museu do Instituto numerosas peças usadas pelos que se dão às práticas de xangô, macumba, candomblé, etc.

TELEGRAMAS. Do desembargador Huncald Cardoso, então Interventor Federal no Estado, convidando o Instituto para se fazer representar na posse do novo Interventor Coronel Antônio de Freitas Brandão; da Diretoria do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí, comunicando a reorganização do mesmo Instituto; do Interventor Federal no Estado, coronel Antônio de Freitas Brandão (dois) um comunicando a sua posse nas funções de Interventor, e outro traduzindo a sua boa impressão na visita que fez a este Instituto, recentemente. Constatou ainda o expediente de numerosos jornais, livros, revistas e opúsculos recebidos de várias procedências, tudo em caráter obsequioso.

Aberta a ordem do dia foram lidas quatro propostas para sócios correspondentes, a saber: Dr. Luiz do Amaral, residente na Capital Paulista; D. Alice Larde de Venturino, residente na República do Salvador; Dr. Frederico de Barros Brotério, residente na Capital paulista e general João Pereira de Oliveira, ora na Capital da República, propostas que foram despachadas à Comissão de Admissão de sócios para o necessário parecer.

O presidente comunicou à Casa que estão sendo dados os devidos passos para a celebração do primeiro centenário do nascimento do saudoso Professor Félix Diniz Barrêto, que foi uma das figuras mais brilhantes do magistério secundário de Sergipe e do nosso jornalismo, tendo convidado o Professor João Evangelista Cajueiro para fazer o discurso oficial da solenidade, no que accedeu o convidado.

Deu ordem ao Secretário para comunicar a diversos descendentes do saudoso mestre conterrâneo esta resolução, convidando-os para abrilhantarem com sua presença a solenidade evocativa que se vai realizar a 21 de Junho deste ano.

Propôs, em seguida que se consignasse na ata desta sessão um voto de pesar pelo falecimento do antigo sócio do Instituto, coronel José Sebrão de Carvalho, comunicando-se a realização desta modesta homenagem ao nosso consócio Professor Sebrão, sobrinho, filho adotivo e sobrinho do falecido. Comunicou ainda o senhor presidente que, com a colaboração eficiente do consócio Dr. Garcia Moreno, tem dado os necessários passos para a realização, em Outubro vindouro, do 1.º Con-

ANEXO A – ARROLAMENTO DO ACERVO

Listagem dos objetos encontrados

Objetos Cerâmicos			
Nº registro provisório	Nº Partes/unidades	Denominação	Descrição
001	3	Quartilhões	Conjunto com três quartilhões de cerâmica pintada a mão.
002	1	Quartinha	Cerâmica Nagô Tabatinga pintada a mão
003	1	Quartinha	Peça cerâmica em tamanho pequeno
004	1	Alguidar	Peça cerâmica em tamanho pequeno.
005	1	Alguidar	Agdá médio, pintado em azul (Parte externa), com o interior na cor branca.

Objetos Líticos			
Nº registro/tombo	Nº Partes/unidades	Denominação	Descrição
006	16	Seixos (ocultar)	Conjunto com dezesseis unidades de seixos (ocultar)
007	4	Seixos (ocultar)	Conjunto de quatro unidades de líticos Afro
008	1	Seixos (ocultar)	Objeto lítico Afro individual (2020/0615)
009	3	Seixos (ocultar)	Conjunto de Seixos (ocultar), três unidades, objeto lítico Afro individual (2020/0618)
010	1	Seixos (ocultar)	Seixos (ocultar), objeto lítico Afro (2020/0616)
011	4	Seixos (ocultar)	Conjunto com quatro unidades de Seixos (ocultar) representação de Oxum. (2020/0614)

ARROLAMENTO DO ACERVO

012	1	Chapanã (Nago)	Chapanã (Nago), em formato de cabaça. (2020/0609)
013	3	Seixos (ocultar)	Conjunto com três unidades de Seixos (ocultar), representação de Iansã. (2020/0613)
014	1	Seixos (ocultar)	Uma unidade de seixo (ocultar), representação de Oxalá. (2020/0611)
015	2	Seixos (ocultar)	Conjunto com duas unidades de seixos (ocultar), representação de Iemanjá. (2020/0610)
016	3	Seixos (ocultar)	Conjunto com três unidades de seixos (ocultar), representação de Nanã. (2020/0612)

Objetos em Metal

Nº registro/tombo	Nº Partes/unidades	Denominação	Descrição
017	6	Xeré	Conjunto de seis Xeré em metal

Objetos em Madeira

Nº registro/tombo	Nº Partes/unidades	Denominação	Descrição
018	1	Representação de Exu	Representação de Exu em madeira
019	1	Bengala	Bengala em madeira
020	1	Espada	Espada em madeira
021	1	Xeré	Xeré de Cabaça
022	1	Rum (Atabaque)	Rum (atabaque) solitário/sem conjunto

ARROLAMENTO DO ACERVO

023	3	Rum, Rumpi, Lé	Coleção composta por três Atabaques
-----	---	----------------	-------------------------------------

Objetos Zoo Arqueológico

Nº registro/tombo	Nº Partes/unidades	Denominação	Descrição
024	1	Chifre	Chifre de Veado, contendo os dois pares de chifres de três pontas sobre o crânio do animal (articulados) (2020/0594)
025	1	Chifre	Chifre de Veado de três pontas (individual) (2020/0598)
026	1	Chifre	Chifre de carneiro, armazenagem de pólvora (2020/0597)
027	1	Chifre	Chifre grande utilizado para armazenamento de pólvora. (2020/0602)
028	1	Xeré	Xeré feito de chifre sem cabo (2020/0601)
029	1	Xeré	Xeré de chifre com cabo (2020/0600)
030	2	Mandíbulas	Conjunto composto por dois pares de mandíbulas (ovinos/caprinos)

ANEXO B – FICHAS DE RECONHECIMENTO DE ACERVO

1. Reconhecimento da Peça:



- 1.1. Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2. Número de Registro: 001/1
1.3. Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4. Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5. Nome do Objeto: Quartilhão

1.6. Descrição: Primeira peça de um conjunto de três unidades. A peça apresenta desenhos na cor branca (pintura a mão), que remetem a folhagem e flores, como visível na imagem estão faltando as partes que compõem a parte do gargalo acima. Há uma inscrição em grafite como o número 2020/0580 -3 (aparentemente seria o número de registro), as alças medem 11 cm ambos os lados, com largura de 4 cm, a coloração do material utilizado é de uma cerâmica/argila em tom terroso avermelhado.

Autor: _____

Material: Cerâmica

Dimensões -

Altura: 30 cm

Largura:

Profundidade: 21 cm

Circunferência: 31 cm (base), 67 cm (meio), 31 cm

(topo) **Peso:** -----

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Cerâmica Afro

1.9 Sub-classe: Objeto de Culto

1.10. Origem: Desconhecida

1.11. Procedência: Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto: Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:

1. Reconhecimento da Peça:



- 1.1. Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2. Número de Registro: 001/2
1.3. Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4. Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5. Nome do Objeto: Quartilhão

1.6. Descrição: Segunda peça de um conjunto de três. O objeto não apresenta rachaduras, encontrando-se em bom estado de conservação, sua pintura apresenta imagens de folhagens (pintada a mão). Não há partes quebradas, as alças medem 10 cm de comprimento lado direito, lado esquerdo 11 cm. Foi identificado na peça as inscrições 2020/0580 -2. A coloração do material utilizado é de uma cerâmica/argila em tom terroso avermelhado.

Autor: _____

Material: Cerâmica

Dimensões -

Altura: 37 cm

Largura: 26 cm

Profundidade: 20 cm

Circunferência: 33 cm

Peso: -----

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Cerâmica Afro

1.9 Sub-classe: Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:

1. Reconhecimento da



- 1.1.Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2.Número de Registro: 001/3
1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5.Nome do Objeto: Quartilhão

1.6.Descrição: Terceira peça de um conjunto de três. O objeto apresenta um dos lados quebrados próximo do gargalo até a parte superior do quartilhão em um diâmetro de 11 cm, há uma rachadura da parte superior ao meio, se desdobrando também para alça. Tem uma inscrição em grafite com a numeração 2020/0580-4, a alça medindo 12 cm, bem como pinturas feita a mão em desenhos florais, a coloração do material utilizado é de uma cerâmica/argila em tom terroso avermelhado.

Autor: _____

Material: Cerâmica

Dimensões -

Altura: 36 cm

Largura: 26 cm

Profundidade: 20 cm

Circunferência: 32 cm (base), 68cm (meio), 32 cm (topo)

Peso: -----

Estado de conservação: ótimo() bom () regular (X) ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Cerâmica Afro

1.9 Sub-classe: Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.** Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:

1. Reconhecimento da



- 1.1. Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2. Número de Registro: 002
1.3. Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4. Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5. Nome do Objeto: Quartinha

1.6. Descrição: Cerâmica Nagô Tabatinga Pintada a mão. O objeto apresenta decoração na gola com elementos dobradiços na boca da quartinha como observado nas fotografias bem como elementos que remetem a folhagem, ainda foi possível identificar inscrições a lápis grafite com a numeração 2020/0580 – 1, a coloração do material utilizado na coinfecção é de uma cerâmica/argila clara em tom bege.

Autor: _____

Material: Cerâmica

Dimensões -

Altura: 23 cm

Largura: 17 cm

Profundidade: 17 cm

Circunferência: 27 cm (base), 49 cm (Meio), 20 cm (gola)

Peso: -----

Estado de conservação: ótimo() bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Cerâmica Afro

1.9 Sub-classe: Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), 2014.

ARACAJU. Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:

1. Reconhecimento da Peça:



- 1.1.Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2.Número de Registro: 003
1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5.Nome do Objeto: Quartinha

1.6.Descrição: Peça cerâmica em tamanho pequeno. O objeto não apresenta decoração na gola contem uma dobradura pequena, em toda estrutura listas que remetem a pequenos riscos circulares que podem está associado a fabricação. A coloração do material utilizado na coinfecção é de uma cerâmica/argila clara em tom bege, a cerâmica contém alças decorativas na sua estrutura medindo 4 cm de comprimento e 2 cm de largura. Atenção aos detalhes existentes na base do objeto que possui ondulações que circulam a base do mesmo.

Autor: _____

Material: Cerâmica

Dimensões -

Altura: 34 cm

Largura: 24 cm

Profundidade: **Circunferência:** 31 cm (base), 56 cm (Meio), 32 cm (gola

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Cerâmica Afro

1.9 Sub-classe: Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto: Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:

1. Reconhecimento da Peça:



1.1.Nome da Instituição: Museu Galdino Bicho

1.2.Número de Registro: 004

1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946

1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação

1.5.Nome do Objeto: Alguidar (Obero)

1.6.Descrição: Alguidar de Cerâmica, nas tonalidades terrosas avermelhadas, em tamanho pequeno conforme medidas abaixo. O objeto apresenta alguns acúmulos de poeira na sua parte interior, bem como riscos em sua superfície, foi detetado na parte externa pequenos pontos tipo chapiscos em tom branco, as bordas apresentam uma irregularidade de altura em um dos lados.

Autor:

Material: Cerâmica

Dimensões -

Altura: 7 cm

Largura: 25 cm

Profundidade: 25 cm

Circunferência: 78 cm

Peso: -----

Estado de conservação: ótimo() bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Cerâmica Afro

1.9 Sub-classe: Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:

1. Reconhecimento da Peça:



1.1.Nome da Instituição: Museu Galdino Bicho
1.2.Número de Registro: 005
1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5.Nome do Objeto: Alguidar (Obero)

1.6.Descrição: Peça cerâmica Alguidar tamanho médio pintado a mão, parte externa em uma tonalidade azul e interior na cor branca, em algumas partes do exterior da peça a tinta azul está descascando e revelando as tonalidades terrosas da cerâmica.

Autor: _____

Material: Cerâmica

Dimensões -

Altura: 09 cm

Largura: 35 cm

Profundidade: 35 cm

Circunferência: 110, 5 cm (superior), 18 cm (base)

Peso: -----

Estado de conservação: ótimo() bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Cerâmica Afro

1.9 Sub-classe: Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:

1. Reconhecimento da Peça:



1.1.Nome da Instituição: Museu Galdino Bicho

1.2.Número de Registro: 006/1

1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946

1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação

1.5.Nome do Objeto: Ocultar (seixos)

1.6.Descrição: Conjunto composto por dezesseis unidades de Ocultar (seixos).

Autor:

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: líticos

1.9 Sub-classe: Objeto de culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

- 1.1. Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2. Número de Registro: 006/2
1.3. Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4. Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5. Nome do Objeto: Ocultar (seixos)

1.6. Descrição: Conjunto composto por dezesseis unidades de Ocultar (seixos).

Autor:

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:

1. Reconhecimento da Peça:



- 1.1. Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2. Número de Registro: 006/3
1.3. Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4. Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5. Nome do Objeto: Ocultar (seixos)

1.6. Descrição: Conjunto composto por dezesseis unidades de Ocultar (seixos)

Autor:

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Lítico

1.9 Sub-classe: Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

- 1.1. Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2. Número de Registro: 006/4
1.3. Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4. Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5. Nome do Objeto: Ocultar (seixos)

1.6. Descrição: Conjunto composto por dezesseis unidades de Ocultar (seixos).

Autor:

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

- 1.1. Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2. Número de Registro: 006/5
1.3. Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4. Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5. Nome do Objeto: Ocultar (seixos)

1.6. Descrição: Conjunto composto por dezesseis unidades de Ocultar (seixos).

Autor: _____

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

- 1.1. Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2. Número de Registro: 006/6
1.3. Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4. Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5. Nome do Objeto: Ocultar (seixos)

1.6. Descrição: Conjunto composto por dezesseis unidades de Ocultar (seixos).

Autor:

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

- 1.1. Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2. Número de Registro: 006/7
1.3. Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4. Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5. Nome do Objeto: Ocultar (seixos)

1.6. Descrição: Conjunto composto por dezesseis unidades de Ocultar (seixos).

Autor: _____

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

- 1.1.Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2.Número de Registro: 006/8
1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5.Nome do Objeto: Ocultar (seixos)

1.6.Descrição: Conjunto composto por dezesseis unidades de Ocultar (seixos).

Autor:

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objeto de Culto

1.10. Origem :

1.11. Procedência :

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

- 1.1. Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2. Número de Registro: 006/9
1.3. Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4. Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5. Nome do Objeto: Ocultar (seixos)

1.6. Descrição: Conjunto composto por dezesseis unidades de Ocultar (seixos).

Autor:

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

- 1.1. Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2. Número de Registro: 006/10
1.3. Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4. Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5. Nome do Objeto: Ocultar (seixos)

1.6. Descrição: Conjunto composto por dezesseis unidades de Ocultar (seixos).

Autor:

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

- 1.1. Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2. Número de Registro: 006/11
1.3. Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4. Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5. Nome do Objeto: Ocultar (seixos)

1.6. Descrição: Conjunto composto por dezesseis unidades de Ocultar (seixos).

Autor: _____

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objetos de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

- 1.1. Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2. Número de Registro: 006/12
1.3. Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4. Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5. Nome do Objeto: Ocultar (seixos)

1.6. Descrição: Conjunto composto por dezesseis unidades de Ocultar (seixos).

Autor:

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objetos de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

- 1.1. Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2. Número de Registro: 006/13
1.3. Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4. Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5. Nome do Objeto: Ocultar (seixos)

1.6. Descrição: Conjunto composto por dezesseis unidades de Ocultar (seixos).

Autor:

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

- 1.1. Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2. Número de Registro: 006/14
1.3. Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4. Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5. Nome do Objeto: Ocultar (seixos)

1.6. Descrição: Conjunto composto por dezesseis unidades de Ocultar (seixos).

Autor: _____

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objetos de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

- 1.1. Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2. Número de Registro: 006/15
1.3. Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4. Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5. Nome do Objeto: Ocultar (seixos)

1.6. Descrição: Conjunto composto por dezesseis unidades de Ocultar (seixos).

Autor:

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objetos de culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

- 1.1. Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2. Número de Registro: 006/16
1.3. Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4. Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5. Nome do Objeto: Ocultar (seixos)

1.6. Descrição: Conjunto composto por dezesseis unidades de Ocultar (seixos).

Autor: _____

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objetos de culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

1.1.Nome da Instituição: Museu Galdino Bicho

1.2.Número de Registro: 007/1

1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946

1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição:
Doação

1.5.Nome do Objeto: Ocultar (seixos)

1.6.Descrição: Primeira peça de um conjunto de líticos afro (Ocultar) composto por quatro unidades. Identificação presente na etiqueta do conjunto (2020/0617).

Autor: _____

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo() bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objetos de culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

1.1.Nome da Instituição: Museu Galdino Bicho

1.2.Número de Registro: 007/2

1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946

1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação

1.5.Nome do Objeto: Ocultar (seixos)

1.6.Descrição: Segunda peça de um conjunto de líticos afro (Ocultar) composto por quatro unidades. Identificação presente na etiqueta do conjunto (2020/0617).

Autor:

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo() bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objetos de culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

1.1.Nome da Instituição: Museu Galdino Bicho

1.2.Número de Registro: 007/3

1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946

1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação

1.5.Nome do Objeto: Ocultar (seixos)

1.6.Descrição: Terceira peça de um conjunto de líticos afro Ocultar composto por quatro unidades. Identificação presente na etiqueta do conjunto (2020/0617).

Autor: _____

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção:

1.8 Classe:

1.9 Sub-classe:

1.10. Origem :

1.11. Procedência :

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

1.1.Nome da Instituição: Museu Galdino Bicho

1.2.Número de Registro: 007/4

1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946

1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação

1.5.Nome do Objeto: Ocultar (seixos)

1.6.Descrição: Quarta peça de um conjunto de líticos afro composto por quatro unidades. Identificação presente na etiqueta do conjunto (2020/0617).

Autor:

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objetos de culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:

1. Reconhecimento da Peça:



1.1.Nome da Instituição: Museu Galdino Bicho

1.2.Número de Registro: 008

1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu:

1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação

1.5.Nome do Objeto: Ocultar (seixos)

1.6.Descrição: Objeto lítico afro Individual Ocultar.

Autor: _____

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objetos de culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:

1. Reconhecimento da Peça:



- 1.1.Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2.Número de Registro: 009/1
1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu:
1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5.Nome do Objeto: Ocultar (seixos)

1.6.Descrição: Conjunto com três peças de objeto lítico afro Ocultar (Seixos). Identificamos uma etiqueta no conjunto com a numeração (2020/0618)

Autor:

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objetos de culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

1.1.Nome da Instituição: Museu Galdino Bicho

1.2.Número de Registro: 009/2

1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu:

1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação

1.5.Nome do Objeto: Ocultar (seixos)

1.6.Descrição: Conjunto com três peças de objeto lítico afro Ocultar (Seixos). Identificamos uma etiqueta no conjunto com a numeração (2020/0618).

Autor:

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objetos de culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e

2. Observação:

1. Reconhecimento da Peça:



- 1.1.Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2.Número de Registro: 009/3
1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu:
1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5.Nome do Objeto: Ocultar (seixos)

1.6.Descrição: Conjunto com três peças de objeto lítico afro Ocultar (Seixos). Identificamos uma etiqueta no conjunto com a numeração (2020/0618).

Autor:

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objetos de culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

1.1.Nome da Instituição: Museu Galdino Bicho

1.2.Número de Registro: 010

1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu:

1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação

1.5.Nome do Objeto: Ocultar (seixo)

1.6.Descrição: Objeto lítico afro ocultar. Identificamos etiqueta na peça com a numeração (2020/0616).

Autor:

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo() bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objetos de culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

1.1. Nome da Instituição: Museu Galdino Bicho

1.2. Número de Registro: 011/1

1.3. Data de Ingresso da Peça no Museu:

1.4. Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação

1.5. Nome do Objeto: Ocultar (seixos)

1.6. Descrição: Primeira peça de um conjunto com quatro unidades (Peças da representação de Oxum). Identificamos uma etiqueta junto ao conjunto com a numeração (2020/0614).

Autor:

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objetos de culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

1.1. Nome da Instituição: Museu Galdino Bicho

1.2. Número de Registro: 011/2

1.3. Data de Ingresso da Peça no Museu:

1.4. Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação

1.5. Nome do Objeto: Ocultar (seixos)

1.6. Descrição: Segunda peça de um conjunto com quatro unidades (Peças da representação de Oxum). Identificamos uma etiqueta junto ao conjunto com a numeração (2020/0614).

Autor:

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objetos de culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

1.1.Nome da Instituição: Museu Galdino Bicho

1.2.Número de Registro: 011/3

1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu:

1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação

1.5.Nome do Objeto: Ocultar (seixos)

1.6.Descrição: Terceira peça de um conjunto com quatro unidades (Peças da representação de Oxum). Identificamos uma etiqueta junto ao conjunto com a numeração (2020/0614).

Autor: _____

Material: Lítico

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objetos de culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

1.1.Nome da Instituição: Museu Galdino Bicho

1.2.Número de Registro: 011/4

1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu:

1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação

1.5.Nome do Objeto: Ocultar (seixos)

1.6.Descrição: Quarta peça de um conjunto com quatro unidades (Peças da representação de Oxum). Identificamos uma etiqueta junto ao conjunto com a numeração (2020/0614).

Autor: _____

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objetos de culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

1.1. Nome da Instituição: Museu Galdino Bicho

1.2. Número de Registro: 012

1.3. Data de Ingresso da Peça no Museu:

1.4. Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação

1.5. Nome do Objeto: Xapanã (Nagô)

1.6. Descrição: Xapanã (Nagô), em formato de cabaça. Etiqueta de identificação presente no objeto com a numeração (2020/0609), aparentemente refere-se ao número de registro.

Autor:

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objetos de culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:

1. Reconhecimento da Peça:



1.1.Nome da Instituição: Museu Galdino Bicho

1.2.Número de Registro: 013/1

1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946

1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação

1.5.Nome do Objeto: Ocultar (Seixos)

1.6.Descrição: Primeira peça de um conjunto com três unidades de líticos afro Ocultar (Peças da representação de lansã). Identificamos uma etiqueta com a numeração (2020/0613) junto ao conjunto.

Autor: _____

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objetos de culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

1.1.Nome da Instituição: Museu Galdino Bicho

1.2.Número de Registro: 013/2

1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946

1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação

1.5.Nome do Objeto: Ocultar (seixos)

1.6.Descrição: Segunda peça de um conjunto com três unidades líticas afro Ocultar (Peças da representação de lansã). Primeira peça de um conjunto com três unidades (Peças da representação de lansã). Identificamos uma etiqueta com a numeração (2020/0613) junto ao conjunto.

Autor:

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objetos de culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

1.1.Nome da Instituição: Museu Galdino Bicho

1.2.Número de Registro: 013/3

1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946

1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação

1.5.Nome do Objeto: Ocultar (seixos)

1.6.Descrição: Terceira peça de um conjunto com três unidades (Peças da representação de lansã). Identificamos uma etiqueta com a numeração (2020/0613) junto ao conjunto.

Autor:

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura: 24 cm

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objetos de culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

1.1.Nome da Instituição: Museu Galdino Bicho

1.2.Número de Registro: 014

1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946

1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação

1.5.Nome do Objeto:Ocultar (seixo)

1.6.Descrição: Ocultar (Peça da representação de Oxalá). Identificamos uma etiqueta com a numeração (2020/0611) junto a peça.

Autor: _____

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo() bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objetos de culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

- 1.1.Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2.Número de Registro: 015/1
1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5.Nome do Objeto: Ocultar (seixos)

1.6.Descrição: Primeira peça de um conjunto com duas unidades (Peças da representação de lemanjá). Identificamos uma etiqueta com a numeração (2020/0610) junto ao conjunto.

Autor: _____

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objetos de culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

1.1.Nome da Instituição: Museu Galdino Bicho

1.2.Número de Registro: 015/2

1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946

1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação

1.6.Descrição: Segunda peça de um conjunto com duas unidades (Peças da representação de lemanjá). Identificamos uma etiqueta com a numeração (2020/0610) junto ao conjunto.

Autor:

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objetos de culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

1.1. Nome da Instituição: Museu Galdino Bicho

1.2. Número de Registro: 016/1

1.3. Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946

1.4. Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação

1.5. Nome do Objeto: Ocultar (seixos)

1.6. Descrição: Primeira peça de um conjunto com três unidades de líticos afro Ocultar (Peças da representação de Nanã). Identificamos uma etiqueta com a numeração (2020/0614) junto a peça.

Autor:

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objetos de culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

- 1.1. Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2. Número de Registro: 016/2
1.3. Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4. Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5. Nome do Objeto: Ocultar (seixos)

1.6. Descrição: Segunda peça de um conjunto com três unidades (Peças da representação de Nanã). Identificamos uma etiqueta com a numeração (2020/0614) junto a peça.

Autor: _____

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objetos de culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

- 1.1. Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2. Número de Registro: 016/3
1.3. Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4. Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5. Nome do Objeto: Ocultar (seixos)

1.6. Descrição: Terceira peça de um conjunto com três unidades (Peças da representação de Nanã). Identificamos uma etiqueta com a numeração (2020/0614) junto a peça.

Autor: _____

Material: Lítico

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Líticos

1.9 Sub-classe: Objetos de culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

- 1.1. Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2. Número de Registro: 017/1
1.3. Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4. Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5. Nome do Objeto: Xerê/Xerer em metal

1.6. Descrição: primeira peça de um conjunto de seis Xerê/Xerer em metal. Identificamos uma etiqueta com a numeração (2020/0606) junto as peças.

Autor: _____

Material: Metal

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Instrumento

1.9 Sub-classe: Objeto de culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

- 1.1.Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2.Número de Registro: 017/2
1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5.Nome do Objeto: Xerê/Xerer em metal

1.6.Descrição: Segunda peça de conjunto de seis Xerê/Xerer em metal primeira peça de um conjunto de seis Xerê/Xerer em metal. Identificamos uma etiqueta com a numeração (2020/0606) junto a peça.

Autor:

Material: Metal

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Instrumento

1.9 Sub-classe: Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

- 1.1.Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2.Número de Registro: 017/3
1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5.Nome do Objeto: Xerê/Xerer em metal

1.6.Descrição: Terceira peça de um conjunto de seis Xerê/Xerer em metal.

Autor:

Material: Metal

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Instrumento

1.9 Sub-classe: Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

- 1.1.Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2.Número de Registro: 017/4
1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5.Nome do Objeto: Xerê/Xerer em metal

1.6.Descrição: Quarta peça de um conjunto de seis Xerê/Xerer em metal. primeira peça de um conjunto de seis Xerê/Xerer em metal. Identificamos uma etiqueta com a numeração (2020/0075) junto a peça.

Autor:

Material: Metal

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo() bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Instrumento

1.9 Sub-classe: Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

- 1.1.Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2.Número de Registro: 017/05
1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5.Nome do Objeto: Xerê/Xerer em metal

1.6.Descrição: Quinta peça de um conjunto de seis Xerê/Xerer em metal. primeira peça de um conjunto de seis Xerê/Xerer em metal. Identificamos uma etiqueta com a numeração (2020/0604) junto a peça.

Autor: _____

Material: Metal

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Instrumento

1.9 Sub-classe: Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

- 1.1.Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2.Número de Registro: 017/06
1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5.Nome do Objeto: Xerê/Xerer em metal

1.6.Descrição: sexta peça de um conjunto de seis Xerê/Xerer em metal. primeira peça de um conjunto de seis Xerê/Xerer em metal. Identificamos uma etiqueta com a numeração (2020/0607) junto a peça.

Autor:

Material: Metal

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Instrumento

1.9 Sub-classe: Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

1.1.Nome da Instituição: Museu Galdino Bicho
1.2.Número de Registro: 018
1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu:
1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5.Nome do Objeto: Representação de Exu

1.6.Descrição: Representação de Exu em madeira, com três pontas na parte superior do objeto. Medindo um total de 140 cm da base ao gancho maior, 112 cm da base aos ganchos, dos três ganhos maiores dois medem 28 cm o terceiro mede 20 cm, um quarto gancho aparentemente foi quebrado e mede 6 cm. O objeto apresenta desenhos próximo a base na alternância de oito faixas 4 pretas e 4 mais claras, no meio do objeto também em formas que envolvem a circunferência elementos que remetem ao formato de ponta de flecha, na etiqueta foi identificado a numeração 2020/0665, aparentemente o número de registro do objeto.

Autor:

Material: Madeira

Dimensões - **Altura:** 140 cm **Largura:** -----

Profundidade: ----- **Circunferência:** 6 cm **Peso:**

Estado de conservação: ótimo() bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Objeto Afro **1.9 Sub-classe:** Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

- 1.1.Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2.Número de Registro: 019
1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5.Nome do Objeto: Bengala

1.6.Descrição: Bengala em madeira, objeto de culto afro. Foi identificado lascas quebradas na base, já na parte superior está em bom estado de conservação, tem ondulações na parte superior d própria madeira onde foi confeccionado.

Autor: _____

Material: Madeira

Dimensões -

Altura: 81 cm

Largura: -----

Profundidade: ----- **Circunferência:** 8 cm (base), 13 cm (parte superior) **Peso:** ----

Estado de conservação: ótimo() bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Objeto Afro

1.9 Sub-classe: Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecido

1.11. Procedência : Desconhecido

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

1.1.Nome da Instituição: Museu Galdino Bicho

1.2.Número de Registro: 020

1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946

1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação

1.5.Nome do Objeto: Espada

1.6.Descrição: Espada em madeira. O objeto apresenta parte faltante na base aparentemente teria um objeto de conexão no pino da base, um lado do guarda mão está faltando, sobre o guarda mão há um fecho fixado com dois pregos, existe a seguinte numeração na etiqueta 2020/0663 aparentemente número de registro.

Autor: _____

Material: Madeira

Dimensões -

Altura: 73 cm

Largura: 3 cm

Profundidade: -----

Circunferência: 6 cm

Peso: -----

Estado de conservação: ótimo() bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Objeto Afro

1.9 Sub-classe: Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecido

1.11. Procedência : Desconhecido

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:

1. Reconhecimento da Peça:



- 1.1.Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2.Número de Registro: 021
1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5.Nome do Objeto: Xerê/Xerer

1.6.Descrição: Xerê/Xerer. Cabaça apresenta rachaduras e possui sementes no seu interior.

Autor:

Material: Madeira/cabaça

Dimensões - **Altura:** 32 cm

Largura: -----

Profundidade: -----

Circunferência: cabaça 23 cm (p/ superior), 19 cm (inferior)

Peso:

Estado de conservação: ótimo() bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Objeto Afro

1.9 Sub-classe: Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

- 1.1.Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2.Número de Registro: 022
1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5.Nome do Objeto: Rum (atabaque)

1.6.Descrição: Instrumento musical, medindo 106 cm de altura, não há indicações de referência de documentação ou identificação, o objeto é confeccionado em madeira possuindo sete argolas metálicas (em várias circunferências que acompanham a estrutura do objeto) responsáveis pela sustentação da estrutura, há resquícios de couro na borda superior, o Rum está visivelmente em um estado de conservação precário evidente na fragilidade de sua estrutura.

Autor:

Material: Madeira ferro e couro

Dimensões - **Altura:** 106 cm **Largura:** 25 cm

Profundidade: 29 cm **Circunferência:** base 48 cm, meio 116 cm, Parte superior 94 cm **Peso:** -----

Estado de conservação: ótimo () bom () regular (X) ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Instrumento Musical

1.9 Sub-classe: Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

1.1.Nome da Instituição: Museu Galdino Bicho

1.2.Número de Registro: 023/01

1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946

1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação

1.5.Nome do Objeto: Rum (atabaque)

1.6.Descrição: Primeira peça de um conjunto de três, o rum e parte da exposição de longa duração do Museu Galdino Bicho, aparentemente seu estado de conservação está ruim. Possui seis amarrações em metal na parte superior entre a parte de couro e as cordas de palha, quatro cunha na circunferência do meio entre base e parte superior, com seis aros em metal ao redor da circunferência do atabaque que estabilizam a estrutura, além de cordas de amarração (cordas de palha), resquícios de couro na borda do instrumento.

Autor: _____

Material: Madeira, Ferro e Couro

Dimensões - Altura: 100 cm

Largura: -----

Profundidade: 31 cm

Circunferência: base 39 cm, meio 94 cm,

Parte superior 83 cm

Peso: -----

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Instrumento Musical

1.9 Sub-classe: Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

1.1.Nome da Instituição: Museu Galdino Bicho

1.2.Número de Registro: 023/2

1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu:

1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição:
Doação

1.5.Nome do Objeto: Rumpi (atabaque)

1.6.Descrição: Segunda peça de um conjunto de três. O Rumpi encontra-se em estado de conservação precário, apresentando fragilidade na estrutura física de sustentação, o objeto é composto por madeira, ferro, couro e cordas, em um total de seis aros em metal, seis cunhas de madeira, cordas de palha, e arames na amarração.

Autor:

Material: Madeira, ferro e couro

Dimensões - **Altura:** 76 cm **Largura:** -----

Profundidade: ----- **Circunferência:** meio 80 cm, parte superior 72 cm

Peso: -----

Estado de conservação: ótimo() bom () regular (x) ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Instrumento Musical **1.9 Sub-classe:** Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

- 1.1.Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2.Número de Registro: 023/3
1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5.Nome do Objeto: Lé (atabaque)

1.6.Descrição: Terceira peça de um conjunto de três, esta peça faz parte da exposição de longa duração do Museu Galdino Bicho, atualmente se encontra em reserva técnica devido ao seu estado de conservação. O objeto possui partes em metal e sua estrutura em madeira, são quatro cunhas em madeira, seis aros de sustentação, cordas de amarração e seis amarrações em fio de arame na parte superior, além de resquícios de couro na borda superior.

Autor: _____

Material: Madeira, ferro e couro

Dimensões -

Altura: 61 cm

Largura: 21 cm

Profundidade: -----

Circunferência: base 30 cm, meio 70 cm, parte superior

77 cm

Peso: -----

Estado de conservação: ótimo () bom () regular (X) ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Instrumento Musical

1.9 Sub-classe: Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

3. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

- 1.1.Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2.Número de Registro: 024
1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5.Nome do Objeto: Galhada de Veado

1.6.Descrição: Galhada de Veado, contendo os dois pares de chifres de três pontas sobre o crânio do animal (articulados). A galhada da direita da imagem mede 21 cm a ponta maior, 18 cm a média e a menor 6 cm, enquanto a galhada da esquerda da imagem mede 28 cm a ponta maior, 27 cm a média e a menor 4 cm. Identificamos uma etiqueta com a numeração (2020/0594) na peça.

Autor:

Material: Galhada e crânio de veado

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe:

1.9 Sub-classe: Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

- 1.1.Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2.Número de Registro: 025
1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu:
1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição:
 Doação
1.5.Nome do Objeto: Chifre de Veado

1.6.Descrição: Chifre de veado, com três pontas em um comprimento total de 42 cm, junto ao chifre há uma etiqueta com a identificação (2020/0598), aparentemente número de identificação do mesmo.

Autor:

Material: Chifre de Veado

Dimensões - **Altura:** 42 cm **Largura:** -----

Profundidade: ----- **Circunferência:** 12 cm **Peso:**

Estado de conservação: ótimo() bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: **1.9 Sub-classe:** Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

1.1.Nome da Instituição: Museu Galdino Bicho

1.2.Número de Registro: 026

1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu:

1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação

1.5.Nome do Objeto: Chifre de Carneiro

1.6.Descrição: Chifre de carneiro utilizado para armazenamento de pólvora, em sua estrutura foi detectado uma etiqueta com a numeração 2020/0597, aparentemente número de registro vinculado a peça, objeto apresenta uma curvatura no seu formato, a parte da base foi selada, enquanto na ponta há uma abertura para retirada da pólvora.

Autor:

Material: Chifre de Carneiro

Dimensões -

Altura: 19 cm

Largura:

Profundidade:

Circunferência: base 5 cm, meio 6 cm

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe:

1.9 Sub-classe: Objeto de culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:



1. Reconhecimento da Peça:

- 1.1.Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2.Número de Registro: 027
1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu:
1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5.Nome do Objeto: Chifre

1.6.Descrição: Chifre grande utilizado para armazenamento de pólvora, a base foi celada na confecção do objeto e feita uma abertura na ponta para retirada do produto do interior do recipiente, na parte externa do chifre existe inscrições circulares que formam um desenho em toda a sua estrutura, foi possível detectar também uma etiqueta com a identificação numérica 2020/0602 amarrada ao objeto.

Autor: _____

Material: Chifre de animal

Dimensões -

Altura: 54 cm

Largura: 9 cm

Profundidade: 9 cm

Circunferência: base 27 cm, meio 21 cm,

ponta 12 cm

Peso: -----

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe:

1.9 Sub-classe: Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecido

1.11. Procedência : Desconhecido

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:

1. Reconhecimento da Peça:



- 1.1.Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2.Número de Registro: 028
1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu:
1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5.Nome do Objeto: Xerê/Xerer

1.6.Descrição: Xerê/Xerer sem cabo. Identificamos a etiqueta com a numeração (2020/0601) amarrado na peça.

Autor: _____

Material: Chifre de animal

Dimensões -

Altura: 12 cm

Largura: 6 cm

Profundidade: 5 cm

Circunferência: base 17 cm, meio 12 cm, ponta 6

cm

Peso: -----

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Instrumento Musical

1.9 Sub-classe: Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:

1. Reconhecimento da Peça:



1.1.Nome da Instituição: Museu Galdino Bicho

1.2.Número de Registro: 029

1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946

1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação

1.6.Descrição: Xerê/Xerer de chifre com cabo. O cabo do objeto mede 12 cm e o chifre 11 cm totalizando 23 cm, compondo sua estrutura estão presentes um tampão feito de madeira para isolar a base do chifre, sendo fixados com pregos de ferro quatro na base e quatro no cabo.

Autor: _____

Material: Madeira e chifre de animal

Dimensões - Altura: 23 cm

Largura: 5 cm

Profundidade: 4 cm

Circunferência: 13 cm

Peso: -----

Estado de conservação: ótimo() bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe: Instrumento Musical

1.9 Sub-classe: Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:

1. Reconhecimento da Peça:



- 1.1.Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2.Número de Registro: 030/1
1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5.Nome do Objeto: Par de mandibulas

1.6.Descrição: Primeira peça de um conjunto de dois pares de mandibulas (ovinos/caprinos). Identificamos a numeração (2020/0595) em etiqueta da peça.

Autor:

Material: Osso

Dimensões -

Altura: 14 cm

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo () bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe:

1.9 Sub-classe: Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação:

1. Reconhecimento da Peça:



- 1.1.Nome da Instituição:** Museu Galdino Bicho
1.2.Número de Registro: 030/2
1.3.Data de Ingresso da Peça no Museu: 1946
1.4.Forma de Ingresso ou de Aquisição: Doação
1.5.Nome do Objeto: Par de Mandibulas

1.6.Descrição: Segunda peça de um conjunto de dois pares de mandibulas (ovinos/caprinos). Identificamos a etiqueta com a numeração (2020/0596) na peça.

Autor:

Material: Osso

Dimensões -

Altura:

Largura:

Profundidade:

Circunferência:

Peso:

Estado de conservação: ótimo() bom (X) regular () ruim () péssimo ()

1.7. Coleção: Coleção Afro do Museu Galdino Bicho

1.8 Classe:

1.9 Sub-classe: Objeto de Culto

1.10. Origem : Desconhecida

1.11. Procedência : Desconhecida

1.12. Histórico do Objeto : Objeto doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na década de 1940, os objetos compõem alguns dos objetos apreendidos pela Chefatura de Polícia nos terreiros de Aracaju-SE.

Bibliografia:

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. p. 187-199 Disponível em: História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)**, 2014.

ARACAJU. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Ofício nº 0568/46. Aracaju, 24 de abril de 1946, do chefe de Polícia do Estado, Armando Leite Rollemberg, ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, José de Calazans Brandão. Disponível em: acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

2. Observação: